

Ramallo's Original

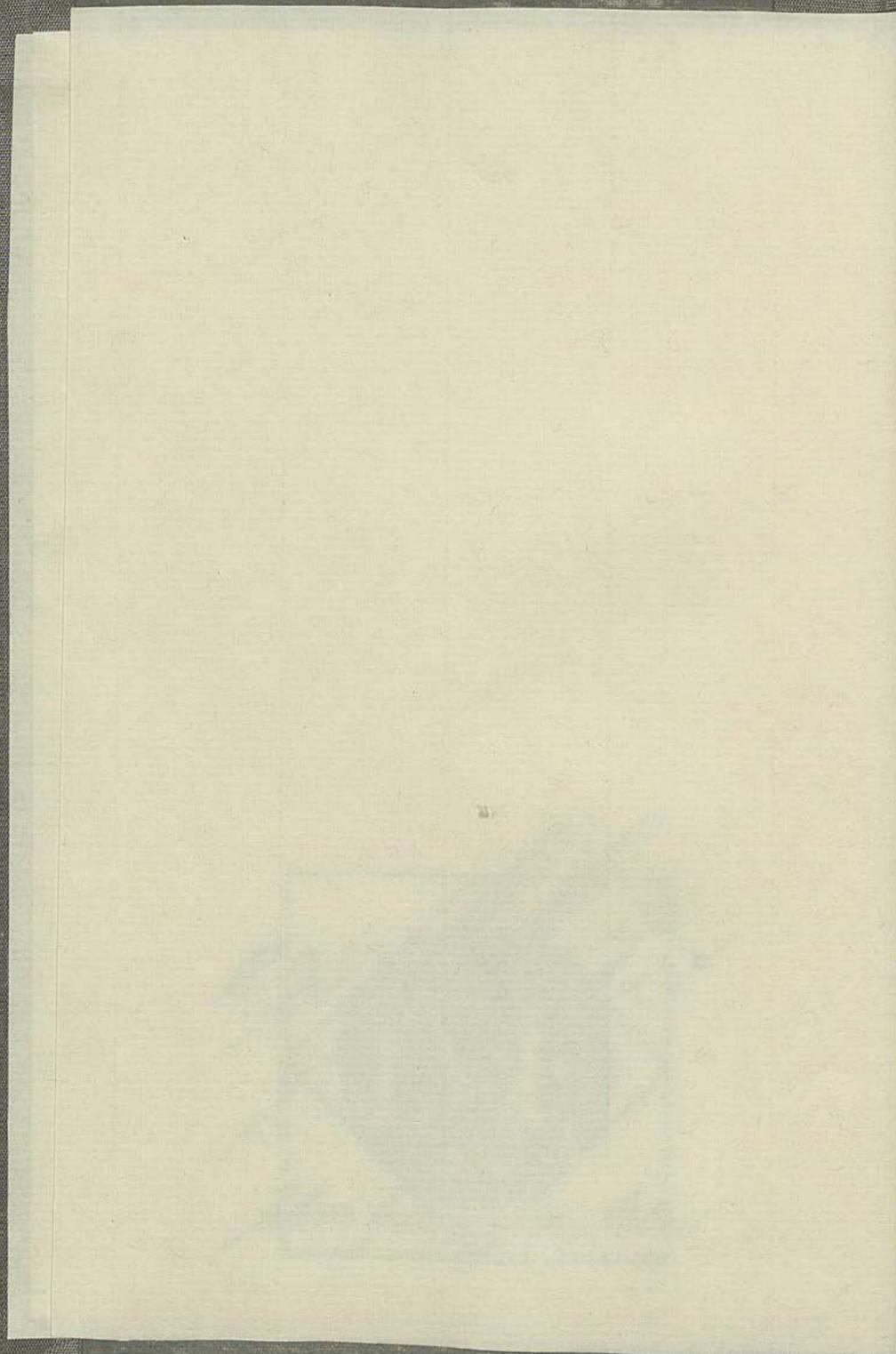


AS

FARPAS

VOLUME 3

EDITORIA
LISBOA



AS FARPAS

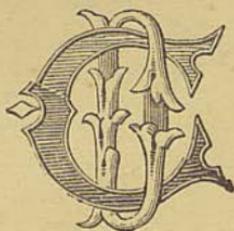
(X)

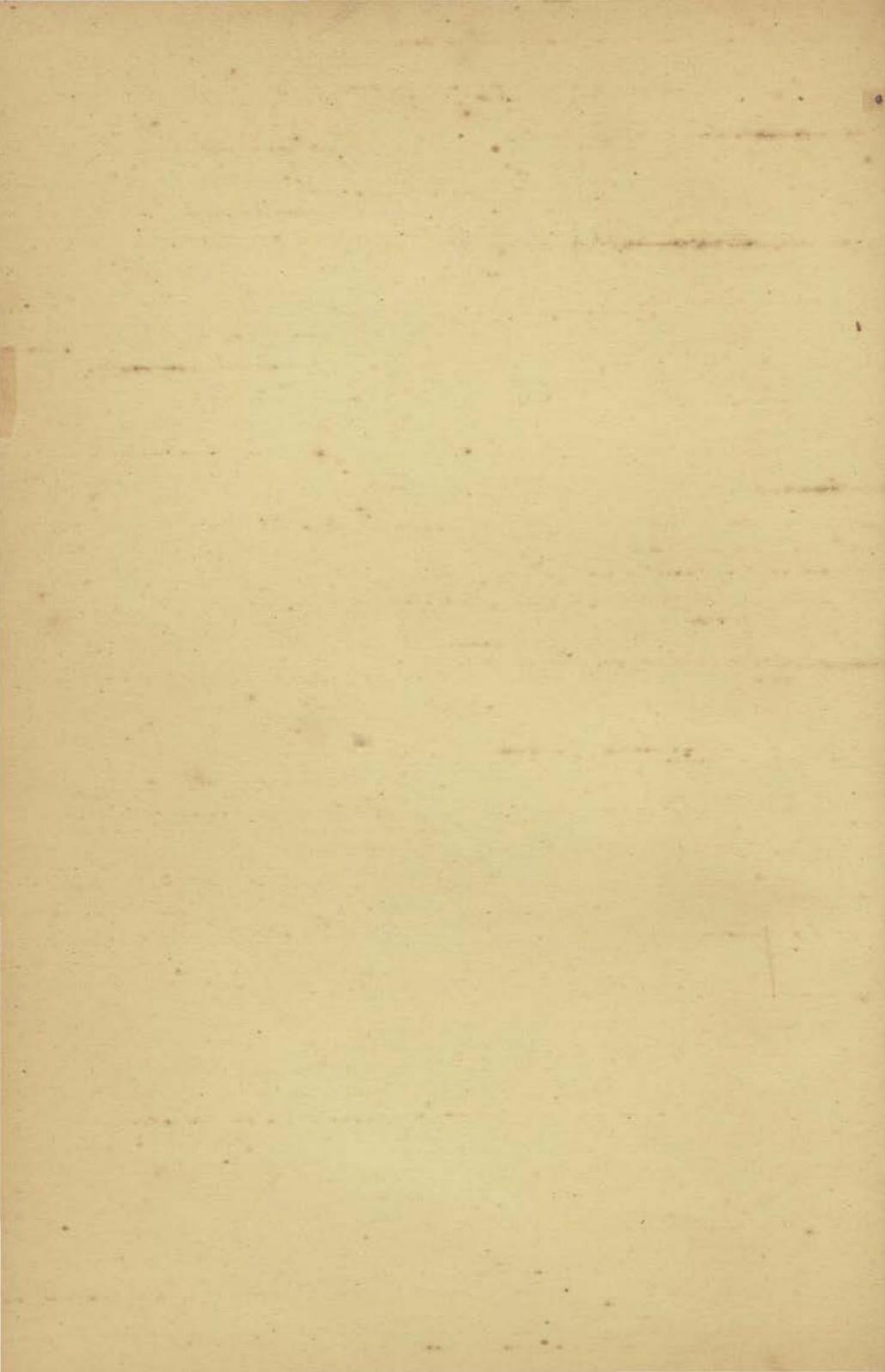
RAMALHO ORTIGÃO

AS FARPAS

TOMO III

OS INDIVIDUOS





I

ALEXANDRE HERCULANO

Setembro 1877.

O homem que teve na terra o nome glorioso de Alexandre Herculano pertence ao dominio da posteridade desde as 10 horas da noite de hontem, 14 de setembro de 1877.

Os que houverem de julgar na historia essa poderosa personalidade terão de considerar que dois cidadãos, inteiramente diversos, existiram na terra, succedendo-se um ao outro no individuo d'aquelle nome.

Um d'esses cidadãos é o historiador da nacionalidade portugueza e da inquisição em portugal, o romancista do *Monasticon*, o poeta da *Harpa do Crente*, o profundo pensador, o sabio archeologo, o paciente erudito, o critico penetrante, o valoroso trabalhador, o grande artista, o inimitavel mestre.

O segundo dos cidadãos que passaram no mundo sob o nome de Alexandre Herculano é simplesmente o illustre solitario de Valle de Lobos.

Extranha evolução de um mesmo ser! Aquelle que na primeira metade da existencia representa todas as vivas energias por meio das quaes o espirito pode actuar no impulso de uma civilisação e no aperfeiçoamento de uma sociedade, não é no segundo periodo da sua vida senão o objectivo passivo e inerte de uma designação ascetica, imposta pela banalidade rhetorica dos noticiarios — *o solitario illustre!*

Como philosopho, como investigador, como critico, como poeta, Alexandre Herculano cria em Portugal os estudos historicos; funda a mais importante collecção de modernos trabalhos litterarios — o *Panorama*; ennobrece a lingua com o seu estylo nitido e cortante em que a phrase tem o lampejo e o golpe dos passes de espada; honra o officio das letras com o porte rigido, austero e elegante de sua figura litteraria, em que se denuncia o contôrno do guerrilheiro portuense envôlto no capote branco dos romanticos de 1830, que elle sabia traçar com o garbo marcial de Alfredo de Vigny; cria eschola; agrupa em volta de si uma mocidade que o admira e que o idolatra; expede o grito de guerra, que põe

em armas a nova geração que vem despontando
atrás d'elle; chama á peleja o partido ultramontano
e desfecha elle mesmo os primeiros tiros que rom-
pem as hostilidades da liberdade com o clericalismo;
lança finalmente as bases do moderno movimento
intellectual, suggere novas idéas, novas aspirações,
novos interesses moraes, impulsionando vigorosa-
mente a sua época por meio das fecundas agita-
ções do espirito que acceleram nas sociedades vivas
a elaboração do progresso.

Como *illustre solitario de Valle de Lobos*, Her-
culano rescinde a sacrosanta escriptura da responsa-
bilidade universal, por via da qual o genio do homem
se obriga tacitamente com a natureza a servil-a, como
sendo elle mesmo a mais poderosa das forças de
que dispõe o grande universo; desdiz com o seu re-
pentino silencio todas as affirmações da sua grande
voz; abjura da luz diffundida pelas suas palavras á
sombra projectada pelas suas oliveiras; nega o mo-
vimento que creou pela inacção em que cahiu; desdá
finalmente todos os laços de solidariedade que o
prendiam aos seus compatriotas e aos seus seme-
lhantes, que vinculavam o seu destino intellectual
aos destinos da patria e da humanidade.

O dia do nosso grande lucto nacional não é aquelle

em que expirou o solitario illustre, mas sim aquelle em que deixou de existir para o vertiginoso bulicio da vida publica o ardente escriptor, que no seio da multidão fluctuante, estrepitosa, leviana, indifferente, pérfida, traiçoeira, ingrata, lançava ás praças e ás ruas publicas, lamacentas e sordidas, as suas idéas de cada dia, nobres, castas, desinteressadas, aladas pelo alphabeto typographico, adejando sobre as immundicias e sobre as dejecções da cidade, como douradas abelhas impollutas, que vão de alma em alma sacudindo as azas luminosas em pollen diamantino a divina verdade.

A isolação de Herculano no remanso esteril do dilettantismo bucolico, comprometteu o destino mental de uma geração inteira. Pelo intenso poder das suas faculdades reflexivas, pela eminencia do seu talento, pela auctoridade da sua palavra, pela popularidade do seu nome, pela reputação nunca discutida da sua honestidade, elle era o homem naturalmente indicado para assumir o pontificado intellectual do seu tempo. A ausencia d'essa auctoridade do espirito sobre o espirito foi uma catastrophe para a geração moderna.

Tudo se resentiu na sociedade portugueza, com o desaparecimento d'esse alto poder moderador, destinado a ser o nucleo do seu governo moral.

Á tribuna parlamentar nunca mais tornou a subir um homem cuja voz firme, sonora e vibrante levasse até os quatro cantos do paiz a expressão viril das grandes convicções inflexíveis, dos altos e potentes enthusiasmos ou dos profundos e implacaveis desdens. Essa pobre tribuna deserta degradou-se successivamente até não ser hoje mais do que uma prateleira mal engonçada com algum lixo e o respectivo copo d'agua.

A imprensa decahiu como decahiu a tribuna. Assaltada pelas mediocridades ambiciosas e pelas incompetencias audazes, a imprensa tornou-se um tablado de saltimbancos de feira, convidando o publico a 10 réis por cabeça, para assistir, entre assobios e arremêssos de cenouras e de batatas pôdres, á representação da desboccada comedia, declamada em giria da matula por personagens sarapintadas a vermelhão e a ocre, que mostram o punho arregaçado e sapa-teiam as táboas, como em sarabanda de negros e patifes, com os seus pés miseraveis.

A politica converteu-se em uma vasta associação de intriga, em que os socios combinam dividir-se em diversos grupos, cuja missão é impellirem-se e repellirem-se successivamente uns aos outros, até que a cada um d'elles chegue o mais frequentemente que fôr possivel a vez de entrar e sahir do governo. Nos pequenos periodos que decorrem entre a chegada e

a partida de cada ministerio o grupo respectivo renova-se, depondo alguns dos seus membros nos cargos publicos que vagaram e recrutando novos adeptos candidatos aos logares que vierem a vagar. É este trabalho de assimilação e desassimilação dos partidos, que constitue a vida organica do que se chama a politica portugueza.

A arte desnacionalisa-se e afasta-se cada vez mais do fio tradicional que a devia prender estreitamente á grande alma popular.

A opinião publica, marasmada pela indiferença, deshabitua-se de pensar e perde o justo criterio por que se julgam os homens e os factos.

Se um pensador da alta competencia e da grande auctoridade de Alexandre Herculano tivesse persistido durante os ultimos vinte annos á frente do movimento intellectual do seu tempo, essa influencia teria modificado importantemente o nosso estado social.

Na politica ninguem como elle, com as suas opiniões extremas e radicaes, poderia originar a creação dos dois grandes e fortes partidos — o partido conservador e o partido revolucionario, — de cuja controversia depende essencialmente não só o progresso politico da sociedade portugueza, mas a propria conservação do seu regimen constitucional.

Na imprensa ninguem como elle poderia elevar a auctoridade da instituição com a sua palavra tão scintillante, tão denodada, tão propria para o debate, e com a sua experiencia tão esclarecida pela convivencia e pela cultura da historia.

Na opinião e no espirito publico, ninguem teria uma acção tão segura e tão decisiva, porque ninguem como elle gosou em Portugal de um tão inteiro prestigio e de uma tão completa e absoluta auctoridade.

Na arte ninguem ainda mais proprio para levar a creação esthetica á fonte nativa da inspiração, á tradição historica, á raiz da paixão e do sentimento nacional.

Exercer essa alta direcção dos espiritos é nas sociedades modernas a missão dos grandes homens. Dos eminentes escriptores europeus d'este seculo Herculano foi o unico que espontaneamente abandonou na força da intelligencia e da vida o posto de honra a que chegara pelo esforço do seu trabalho e pela posse dos mais felizes dons com que a natureza o dotara.

Guizot, Michelet, Buckle, Proudhon, Stuart Mill, todos os modernos, todos os que vieram depois de definido pela Revolução o dogma do dever social, viveram combatendo até a ultima hora e morreram com a penna na mão.

Ha poucos dias ainda a França viu cair Thiers na estacada, em pleno combate. Era um velho pequenino, valetudinario, quasi rachitico. Desde muito que elle era sufficientemente rico para gosar a tranquillidade egoista, imperturbavel, do mais poderoso principe. A sua longa vida fôra uma serie nunca interrompida de combates, de derrotas, de triumphos, das mais violentas commoções que podem opprimir e dilacerar uma alma. Ha dez annos que poucos teriam como elle o direito de solicitar um pouco de tranquillidade e um pouco de sombra. Elle todavia permanece no ponto mais temeroso da peleja, e é a essa pertinacia de um só homem, tão debil e tão caduco que qualquer mulher poderia pôl-o ao collo e adormecel-o como um baby, que a França deve a sua reconstituição politica e social, e a democracia a affirmação mais poderosa e mais energica de uma republica no coração da Eúropa.

Na Inglaterra, não já um homem mas uma simples mulher, que teve um papel decisivo no movimento das idéas modernas, Miss Martineau, ferida por uma lesão do coração, desenganada pela medicina de que não pode ter mais de um anno de vida, concentra durante esse anno todas as suas faculdades na conclusão da sua ultima obra, conta a uma por uma em beneficio do seu semelhante as suas derradeiras pulsações, e sob uma condemnação mais

peremptoria e mais tremenda que a de Condorcet, arranca da sua invencivel vontade a energia precisa para escrever com a lucidez mais profunda, com a firmeza mais viril, com a coragem mais heroica, o admiravel livro em que depõe com a ultima palavra o ultimo suspiro.

Um simples poeta, um romancista, um talento de especialidade, tem o direito de fazer um livro e de se calar para todo o sempre; mas o cidadão em quem concorrem as multiplices aptidões cerebraes que constituem os espiritos superiores, as capacidades dirigentes, não tem esse direito.

A benevolencia devida aos vivos pode levar-nos a respeitar nos actos de cada homem um producto indiscutivel da sua liberdade; a verdade porém devida aos mortos, a incorruptivel verdade, tem deante dos tumulos o dever de considerar, em nome da sociedade, todas as condições que encaminharam ou desencaminharam uma existencia n'essa linha ideal para onde convergem as mais altas aspirações da humanidade.

E é só assim que as gerações apprendem o que têm de agradecer e o que têm de perdoar aos obreiros do passado, tirando d'esse juizo austero sobre a missão dos que morrerem, a regra moral a que têm de submitter-se aquelles que estão vivos.

A elaboração psychologica das causas que levaram o espirito de Herculano a quebrar as suas relações mentaes com a sociedade, é um importante estudo a que se acham obrigados aquelles que viveram na intimidade e na confidencia do grande escriptor. A sociedade precisa de saber que grau de responsabilidade lhe cabe no emmudecimento d'essa voz. Porque a isolação de Herculano não é um simples episodio biographico, é um facto social, é um dos mais tristes phenomenos da decadencia portugueza.

O exemplo do *solitario de Valle de Lobos* será profundamente nocivo, se não fôr cabalmente explicado como uma fatalidade sociologica.

Todos aquelles que trabalham com dedicação e com honra, que se consideram responsaveis deante dos seus semelhantes pela conclusão do trabalho que a si mesmos se impuzeram, que se dedicam á sua missão, que vêm n'ella uma parte integrante da grande obra collectiva da humanidade, todos aquelles que têm na vida um fito superior e desinteressado, estão sujeitos em cada dia, em cada hora, em cada instante, á grande lucta da consciencia com as suggestões do egoismo, com a ingratição dos homens, com a calumnia, com a traição, com o desdem. É perigoso para os que têm ainda, no meio

da dissolução geral dos caracteres, esse vivo sentimento da solidariedade, essa corajosa dedicação do martyrio, essa persistencia no lento suicidio que é a vida de todos os que pensam e de todos os que lutam, o vêr de repente sossobrar e afundir-se na fria impassibilidade e na tenebrosa indiferença o alto luminar destinado a indicar a uma geração inteira o arduo e penoso rumo do dever.

Lêmos em um jornal que a imprensa de Lisboa, reunida em assembléa para o fim de pagar á memoria de Alexandre Herculano o tributo da sua admiração, resolvera abrir uma subscrição destinada a elevar um monumento ao insigne escriptor. Parece, segundo o mesmo boato, que não está ainda resolvido de que natureza será o monumento em projecto.

Se tivéssemos a immerecida honra de sermos considerados pela imprensa como um de seus membros, eis o que proporíamos.

A obra monumental, posto que ainda incompleta, do finado escriptor, a sua *Historia de Portugal*, é

possivel que houvesse já sido lida, mas, comquanto escripta ha muitos annos, não foi por emquanto estudada.

Em todo o longo trabalho de investigação, de critica, de analyse, de deducção, que constitue a materia d'esses quatro volumes, o publico portuguez não viu senão dois factos extremamente subalternos na obra do philosopho e na obra do artista: — a negação do milagre de Ourique e das côrtes de Lamego.

O historiador da nossa nacionalidade não foi olhado senão debaixo de um aspecto, — o aspecto das nossas superstições.

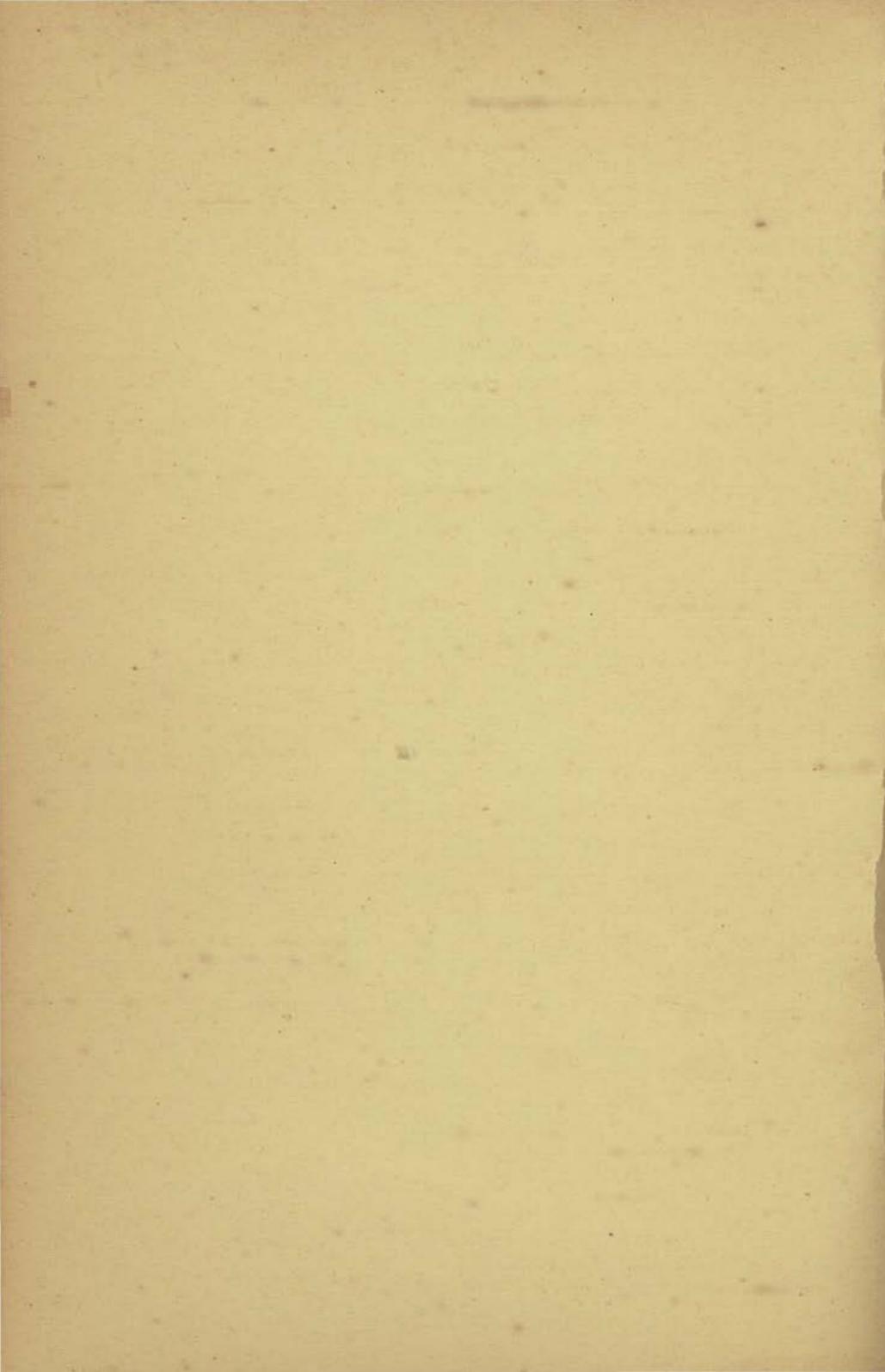
As origens do direito, da arte, da propriedade, da religião, da familia, da patria interessaram-nos de um modo tão mediocre que nunca nos suggeriram uma idéa clara sobre qualquer d'esses phenomenos.

De tão multiplos problemas suscitados ou resolvidos pelo historiador da nossa vida civil, apenas um nos commoveu até as mais intimas profundidades do nosso organismo social: Se Jesus Christo tinha ou não tinha vindo cavaquear com D. Affonso Henriques na vespera de uma batalha, e se a derrota dos mouros fôra ou não o resultado de uma operação estrategica combinada de commum accôrdo entre os dois poderosos inimigos do kalifado de Cordova, o filho do conde D. Henrique e o filho de Deus.

Todas as demais questões debatidas nos quatro

volumes da *Historia de Portugal* passaram inteiramente despercebidas ao jornalismo portuguez, o qual não teve ainda, até hoje, occasião de publicar um artigo scientificamente fundamentado ácerca do papel do nosso primeiro historiador na direcção dos estudos historicos e na comprehensão das leis fundamentaes da nossa evolução social.

A homenagem que a imprensa deve prestar a Alexandre Herculano é a publicação d'esse estudo, porque o primeiro dever dos jornalistas perante um grande escriptor é mostrar que o leram. Com relação a Herculano essa divida está por saldar, e a imprensa tem que desempenhar-se d'ella com tanta mais promptidão, quanto é certo que o seu longo silencio podia ter sido uma das causas que levaram o iniciador dos trabalhos historicos portuguezes a tallhar para si mesmo a triste mortalha em que desceu envôlto para o tumulo — a mortalha do desprezo. Não conseguiu merecer-lhe mais o espirito dos contemporaneos.



II

O DUQUE DE SALDANHA

Novembro 1876.

O marechal Saldanha, ultimamente fallecido, foi o vulto mais apparatuso e mais brilhante da sua geração, e teve entre os seus contemporaneos uma popularidade incomparavel. Tinha todas as qualidades que distinguem o homem privilegiado para os triumphos das ruas e das salas. Era valente e era além d'isso bello, ingenuo e bom. Os homens que militaram com elle não conheceram nunca amigo mais fiel, camarada mais generoso e mais dedicado. As mulheres de quem elle uma vez se approximou, no tempo em que a mocidade radiava nos seus bellos olhos peninsulares e no sorriso espirituoso que sublinhava a curva marcial do seu bigode, nunca mais o esqueceram. A imagem esbelta e aguerrida do joven general povoou muitas imaginações inflammaveis e de-

via ter apparecido por muitas vezes em sonhos aos cadetes ambiciosos e ás mulheres romanescas. Porque, se ninguem com mais bravura conduzia um exercito na batalha, ninguem com mais perfeita graça conduzia na valsa uma senhora.

Alcançando na mocidade as mais altas honras que pode appetecer um soldado e a mais subida qualificação politica a que pode aspirar um cidadão, o marechal Saldanha na força da idade viril, quando quasi todos os outros começam a existir, concluia a sua missão social — e principiava a acabar.

Sem faculdades governativas, sem espirito organisador, sem methodos philosophicos, sem a previsão scientifica do futuro das sociedades e da evolução dos povos, finalmente sem um *destino mental*, o duque de Saldanha, com pouco mais de trinta annos começou a ser — um velho.

Porque envelhecer não é mais do que isto: — acharmo'-nos no mundo sem uma missão que cumprir. Todo o espirito que se encontra n'estas condições entrou no seu periodo senil e por mais eminente e superior que até ahi tenha sido, nada mais lhe resta desde esse momento do que desaparecer pela morte ou principiar a estorvar pela sua decadencia os desenvolvimentos da sociedade sobre que possa actuar.

O antigo prestigio militar do guerreiro sem medo

e sem mancha entregou em varias crises politicas as rédeas do governo ao nobre duque ; elle porém deixou-as cahir successivamente das suas mãos inhabeis depois de haver tentado inutilmente encaminhar o carro do Estado para a cidade ideal, que elle não sabia para que ponto ficava no horisonté ennuablado.

Na politica todas as virtudes militares que tinham feito a sua gloria aggravavam a sua incompetencia. Nos mais graves e melindrosos negocios da governação tinha a intrepidez temeraria e irascivel do antigo commandante de esquadrão, e as difficuldades, superiores ao alcance do seu espirito, desatava-as com a ponta do seu sabre.

Nas suas relações particulares, nas suas convivenças de secretaria e de ministerio esquecia pelo contrario os orgulhos de estadista e cahia nas suas inclinações de acampamento, tinha a boa fé generosa, a credulidade facil, a complacencia illimitada, a docilidade quasi pueril caracteristica dos temperamentos athleticos, dos homens valentes e dos soldados ingenuos.

Como escriptor — do mesmo modo que como politico — o duque de Saldanha, obedecendo sempre aos effeitos fataes d'essa *senilidade prematura* que é a chave do periodo extra-militar da sua biographia, não soube utilisar a sua penna no interesse do seu tempo, e fez dois livros de superstição: uma dissertação theologica e um tratado de homopathia.

Na industria, como na politica e na litteratura, as suas empresas — o alto forno da Marinha Grande, as piscinas de Cintra, o caminho de ferro Larmanjat — denunciam uma especie de somnambulismo das suas faculdades dirigentes.

O seu destino era unicamente a guerra. Com a espada na bainha todos os seus passos eram vacillantes e sem rumo. Os seus erros deviam ter contribuido beneficemente para desenganar as gerações guerreiras que saber caminhar impávidamente e heroicamente para a morte nos campos da batalha não é uma razão absolutamente precisa — como suppunham desgraçadamente os companheiros de D. Pedro IV — para caminhar com egual firmeza para a verdade na solução dos problemas sociaes.

Um joven militar, jornalista eloquente e espirito entusiasta, consagrando hoje no *Diario Illustrado* um artigo cheio de sympathia e de dedicação á morte do marechal, escreve a respeito dos sentimentos d'aquelles que o acompanharam á sua ultima morada as seguintes linhas expressivas :

«A uns move-os a curiosidade, a outros o respeito pelas convenções. Não ha uma corrente nervosa que prenda toda aquella gente na mesma commoção, no mesmo affecto, o que é um grande caracteristico da vitalidade de um povo. Vão adormecidos,

vão esquecidos de todo. Vão serpeando nas ruas aquelle oceano de impassibilidade. Chega a pensar-se que a misericordia do acaso lhe tirou a luz da consciencia para elle não sentir a enormidade da sua falta, nem a grandeza da sua perda.»

A razão da indifferença e do esquecimento publico a que esses periodos maguados se referem é que ha já quarenta annos que o nobre duque de Saldanha morreu para o seu seculo, deixando desde então de ser um verdadeiro homem publico para ser apenas — uma grande personagem official.

É por isso que elle desapareceu da terra sem que o acompanhassem as lagrimas com que se deploram as grandes perdas da humanidade.

Se o marechal tivesse morrido no momento de cumprir a sua missão perante o progresso, se tivesse morrido ao mesmo tempo que acabou, ao embainhar a sua espada posta ao serviço da revolução, em 1834, uma cidade inteira, habitada pelos homens que em Portugal mais têm sabido comprehender, amar e defender a liberdade, — a cidade do Porto — choraria a morte d'elle como a catastrophe mais pungente e mais dolorosa.

Hoje é tarde para fazer vibrar a sensibilidade publica deante dos symbolos, ainda os mais augustos, da gloria militar.

A coragem attributo guerreiro, de todas as qualidades do animo a que mais prestigio lança sobre quem a possui, começa-se hoje a comprehender que pode ser tambem uma virtude paizana.

A coragem burgueza, bem definida nos costumes, acabará por dar um lugar subalterno na estimação do publico á coragem militar. E este resultado será uma enorme conquista para a humanidade e para a justiça.

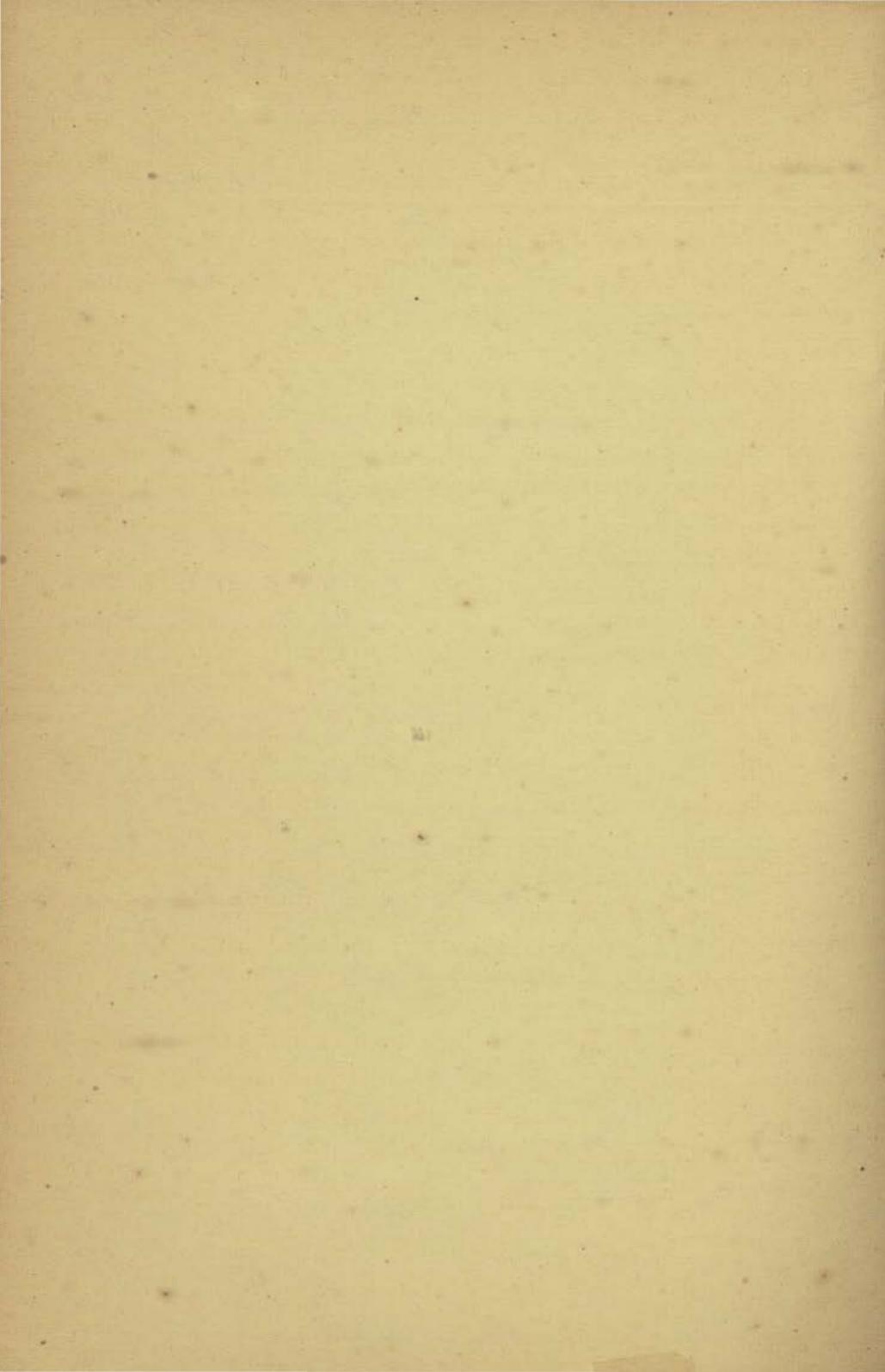
A coragem burgueza é indubitavelmente uma virtude civica superior á coragem militar. Exerce-se em qualquer estado e em qualquer condição social, —fazendo-se sapatos, escrevendo-se livros, vendendo-se bacalhau—, e manifesta-se obscuramente na *lucta pelo dever.*

N'essa peleja de cada dia, de cada hora quantos inimigos para combater!... o desalento; o canção; a preguiça; as suggestões da corrupção; a peita do interesse; a ingratidão dos que servimos; a calumnia dos que molestamos; o esquecimento a que são geralmente votados os trabalhadores modestos; a hostilidade de que são objecto os caracteres irreconciliaveis com as infinitas tolerancias; o facil exito da insignificancia ambiciosa que se submete á doblez, á intriga e á trapaça. A tudo isso, resistir pelo trabalho n'um isolamento austero e arduo. E a tantas forças combinadas pela natureza e pela sociedade,

— quer dentro de nós mesmos pela inclinação egoista, quer fora de nós pelas sollicitações dissolventes — oppôr a unica força de um braço solido, arregaçado, que maneja um tear ou que carrega um fardo. Resistir pela força do musculo, que produz o trabalho, e triumphar pela força da alma, que produz a alegria. Dar tudo quanto o esforço humano pode dispender — em energia, em tenacidade, em abnegação, em sacrificio — para conquistar o que? um castello? uma villa? uma provincia? um paiz extranho? um continente desconhecido? Não. Para conquistar unicamente a affirmação da nossa consciencia no dever despremiado dos homens de bem. — Eis o que é ter a coragem burgueza.

Ser corajoso por esse modo não é sómente arriscar a vida n'um transe duvidoso, é sacrificar-a de um modo certo, porque todo o trabalho profundo é um lento suicidio heroico e sublime.

Consagrandó estas palavras ao marechal Saldanha julgamos prestar á sua memoria o tributo que se lhe deve. É faltar ao respeito á morte o esconder deante d'ella a verdade.



III

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

Junho 1876.

O espirito do academico Innocencio Francisco da Silva acaba de emergir na mysteriosa obscuridade infinita, onde a intelligencia do homem surge por um momento, scintilla n'uma palpitação luminosa, e desaparece para sempre.

A personalidade de Innocencio, do *Innocencio do Dictionario*, como geralmente se lhe chamava, é tão fortemente accentuada que constitue o typo de uma especie, o objecto de um capitulo especial na critica pathologica dos temperamentos litterarios.

Convivemos estreitamente com elle, reunidos por trabalhos communs, durante cinco ou seis annos. Nunca, dentro das condições normaes da honestidade impeccavel e do restricto dever, no meio da

grande pacificação que ordinariamente inspiram os habitos do estudo e do trabalho mental, encontrámos homem tão fundamentalmente inquieto e desgraçado. Desconhecia completamente o que é a satisfação e o que é a alegria. O seu pobre coração constantemente opprimido gottejava fel.

Porque?

Era um bilioso. Tinha o innatismo acido da misanthropia. Entrou na carreira litteraria. A sua organização era anti-artistica. Faltava-lhe radicalmente a faculdade de animar um assumpto, de lhe insuflar o seu proprio espirito, de o fazer respirar, mover-se, sorrir, chorar, interessar o leitor como uma personagem viva. O seu estylo sêcco, de um movimento mechanico, como a oscillação de um pendulo, tinha a correcção fria das cousas inanimadas. A grande maioria do publico, que deseja encontrar no livro, não o facto reduzido ao estriccto signal graphico, mas sim a idéa expressa pela imagem e pela commoção correlativa, nunca leu as obras d'este litterato. Assim, com uma rara aptidão para o trabalho assiduo, afincado, permanente, estudando sempre, sepultando se nas bibliothecas, lendo exclusivamente livros portuguezes — ao ponto de lhe ser difficil, nos ultimos tempos pelo menos, comprehender os escriptos de qualquer outra lingua, — possuindo inteiramente

a bibliographia nacional, uma prodigiosa massa de noticias, de anedotas, de datas, de factos litterarios, instrucção especialissima mas trabalhosa e profunda, Innocencio Francisco da Silva não teve, apesar d'esse esforço enorme, nem o applauso nem o favor do publico. Para dar á luz a sua obra, o *Dictionario Bibliographico*, precisou de appellar para a intervenção da Academia e para a protecção do Estado.

No emtanto escriptores de uma applicação mediocre, de um trabalho comparativamente insignificante, quasi bohemios das lettras, appareciam em cada dia, tornavam-se facilmente notados, eram celebrados nos jornaes, eram lidos, faziam-se pagar pelos editores.

Innocencio julgou-se victima de um conluio da critica, da maledicencia, da inveja; considerou o merito, o estudo, o trabalho insultados na sua pessoa, e principiou a odiar a sociedade. Tornou-se misanthropo, irascivel. Lançou-se na polemica, mas teve de retirar nas primeiras investidas porque lhe faltavam os dois principaes dotes dos grandes pamphletarios — a tranquillidade do animo e o fogo do estylo. N'elle estavam essas condições invertidas: tinha a vontade hostil, e a palavra molle. Faltava-lhe a serenidade do operador. No momento da dissecação toldava-se-lhe a vista, pegava no bisturi pelo gume

do ferro e castigava o seu adversario dilacerando-se a si mesmo, fazendo jorrar o seu proprio sangue. Tinha pela sciencia um scepticismo systematico, um desprezo de partido. Carecia da educação philosophica. Não conhecia as leis geraes da connexão dos phenomenos. Ignorava mesmo a importancia da sua especialidade e o papel que ella representava na direcção das idéas. Assim, por exemplo, ninguem possuia mais elementos para a historia do seculo xviii em Portugal. A sua grande memoria estava cheia dos factos mais especiaes da litteratura, dos costumes, dos caracteres, da biographia das personagens. Um dia falava-se das causas que tinham determinado o exilio de Filinto Elysis. Elle explicou :

Filinto tinha ido uma tarde conversar para a janella da casa de pasto, debaixo da Arcada. (E designava o logar da casa e o ponto da janella). Estavam varias pessoas. (Dizia os nomes). Falou-se da confissão auricular. (Reproduzia o dialogo). Uma phrase imprudente de Filinto fôra denunciada á Inquisição. (Citava o delator e a phrase corpo de delicto). No dia immediato. (Uma quarta feira ; 5 horas e tres quartos da manhã ; tal dia do mez ; anno de 1778). Um official do Santo Officio esperava o seu companheiro para subirem á casa do poeta. (Calhariz, um predio de recanto ; havia por baixo, e ainda hoje ha, uma tenda). O segundo official demo-

rava-se. O primeiro bateu á porta da tenda e subiu ao primeiro andar onde morava Filinto. Elle veio abrir, em chinelos e camisa de dormir, embrulhado n'um capote de mangas, alvadio, com cabeções. O official do Santo Officio entrou na sala onde havia uma carteira, e disse ter ordem de examinar alguns papeis. Filinto tem um presentimento da catastrophe, abre humildemente a carteira e pede licença para se vestir. Entra em seguida na alcôva, que ficava contigua e tinha sahida para outra escada do predio; o official tinha á vista aquella por onde subira e que julgava unica. Filinto, no mesmo traje em que appareceu, desce immediatamente á rua, sae por uma portazinha que ainda hoje se conserva no sitio, levantada do chão por um degrau exterior, volta rapidamente á primeira esquina, galga de uma corrida a rua das Chagas, enfia pelas obras de um predio em construcção ao fundo da rua. (Dizia o numero do predio, o nome do individuo a quem pertencia no seculo passado e o do seu proprietario actual). N'esse predio pernoitava um creado. (Aqui o nome do creado e o modo como Filinto o conhecera na Ribeira Velha). O creado esconde o poeta, o qual poucos dias depois embarca em um navio francez, disfarçado em moço de fretes e carregando uma giga de laranjas. (O nome do navio, o do capitão, o preço da passagem).

Idênticas minuciosidades ácerca de Bocage, de Tolentino, de Pato Moniz, de Macedo, de Diniz, de Garção, de Quita, de Jeronymo Vaya, de Antonio José, do marquez de Pombal, de Pina Manique.

Innocencio parecia ter vivido intimamente na sociedade do seculo todo. Conhecia todos os seus productos litterarios mais obscuros e mais ephemeros, os *anagrammas*, os *chronogrammas*, os *echos*, os *equivocos*, os *poemas lipogrammaticos*, os *labirynthos*, os *acrosticos*, as *serranilhas*, as *lyras*, as *modinhas*, os *lunduns*.

Sabia a chronica minuciosa de todas as academias: da *Arcadia Ulyssiponense*, da *Arcadia*, dos *Dissidentes da Arcadia*, da *Nova Arcadia*, da *Arcadia Ultramarina*, da *Sociedade litteraria*, da *Academia dos Selectos*, dos *Academicos renascidos*, da *Academia dos felizes*...

Além d'isso, conhecia igualmente os concilliabulos particulares: o botequim das Parras, o *Agulheiro dos sabios* no botequim do Nicola, o cenaculo de Bocage e de André do Quental na travessa de André Valente, á rua Formosa.

Sabia os nomes, os sobrenomes, os appellidos, a filiação, a naturalidade de todos os litteratos e os seus nomes pastoris, taes como *Ismeno*, *Cisalpino*, *Corydon*, *Dirceu*, *Sylvandro*, *Tirce*, *Minteu*, etc., etc.

Tinha lido todas as collecções, todos os folhetos, todos os pamphletos. Sabia de cór os *Burros*, *A besta esfolada*, *o Anão dos assobios*, *a Gaita de folle*, *A hora de recreio*, *a Tripa Virada*, *a Constante Florinda*, todas as *farças de cordel*, todos os *entremezes*, todos os improvisos poeticos, todos os repentos, todos os bons dictos, todas as aneddotas da época nas salas, nos outeiros.

E, todavia, a importante historia da sociedade portugueza no seculo passado Innocencio Francisco da Silva não a poderia escrever, porque, conhecendo todos os factos particulares, ignorava todas as leis de que os factos são a funcção; e dos proprios successos capitaes, que determinam o character do seculo xviii e a sua influencia na historia da humanidade, elle não tinha mais que noticias superficiaes e desconnexas. Como não lia senão livros portuguezes não podia confrontar os acontecimentos nacionaes com os successos europeus que, no mesmo seculo de que elle tinha a especialidade, transformavam o mundo: o descobrimento da Oceania; a definição da republica americana: o estabelecimento do constitucionalismo inglez; a criação da economia politica, a apparição de Laplace na Astronomia: a de Franklin e de Galvani na Physica; a de Lavoisier na Chymica; a de Buffon na Zoologia; a de Linneu na Botanica; a de Bichat na Medicina; a machina de

vapor dominada por Watt; o balão aerostático inventado por Montgolfier; as descobertas do pára-raios, do thermometro Réaumur, da vaccina, etc.

Todo aquelle que entra na carreira litteraria deve ter presente a grande licção que encerra a historia intellectual de Innocencio Francisco da Silva.

Qualquer que seja a especialidade de cada um, ninguém hoje pode ser indifferente á exegése de toda a evolução humana. Ninguém pode impunemente prescindir de uma philosophia, ou de um methodo philosophico, pelo menos, para a coordenação de todos os phenomenos physicos e moraes que constituem o systema do nosso universo. Sem esta condição essencial, o desalento vence-nos; a especialidade amesquinha o nosso criterio, torna-nos extranhos á grande solidariedade humana: a controversia, sempre que nos toca, despenha-nos na misanthropia; e falta-nos, finalmente, o dôce refugio moral que todo o homem de letras deve ter na elevação da sua alma, dentro do seu proprio ser, contra a calunnia, contra a inveja, contra a rotina, contra a impopularidade e contra a derrota.

Innocencio da Silva foi profundamente desgraçado porque viveu sempre fora d'esse inilludivel preceito.

Acabou-se o martyrio! — foi a derradeira palavra

deante da morte, do lastimavel remador extenuado. No mundo intellectual, tal como elle tivera o infortunio de comprehendel-o, o que era de facto a vida senão a condemnação eterna a um remo da grande galera chamada a *Civilisação*, a cujo convez elle não subiu nunca, para vêr na amplidão das aguas o sulco escumoso que o seu braço ajudara a abrir; para repousar um momento na infinita majestade da grande natureza; para respirar a briza balsamica exhalada de ignotos continentes floridos; para olhar ao longe, no horisonte, apontada pelo dedo do gageiro, a suave curva saudoça do porto amigo?!

Descança em paz, bom velho! e possa o inviolavel repouso do tumulo consolar-te das despremiadas fadigas do teu enorme trabalho!

IV

VISCONDE DE CASTILHO

Agosto 1875.

O visconde de Castilho, o mais antigo e o mais qualificado representante da geração litteraria que nos precedeu, deixou de existir.

Desvelado cultor da lingua, eximio e incomparavel artifice da palavra, da linguagem e do metro, o visconde de Castilho é pela sua influencia no movimento das idéas contemporaneas a mais perfeita imagem do espirito academico.

Na vida dos povos ha duas forças propulsoras da civilisação, de cujo encontro resulta a grande lucta do progresso. Uma d'estas forças procede da tradição e do costume, a outra procede da rebellião e da resistencia. Todo o costume na phase actual da nossa vida historica começou por ser uma resistencia scientifica. Toda a resistencia scientifica está desti-

nada a converter-se em costume, se uma acção extranha não perturbar a lei geral do progresso.

A personalidade litteraria do sr. visconde de Castilho representava para nós uma antiga resistencia convertida já n'um dos costumes de que as academias são o receptaculo e o asylo.

Homem reconhecidamente superior, o visconde de Castilho tinha para a geração moderna o defeito d'essa qualidade.

Para nós, por exemplo, se é licito citarmo'-nos não por vaidade de um parallelo mas unicamente para clareza de uma idéa, para nós, — ousamos dizel-o humildemente sobre essa campã veneranda, — o visconde de Castilho era um adversario.

De ha muito que os homens da nossa geração são accusados de combater irreverentemente e accintamente os grandes vultos consagrados, as glorias nacionaes. É preciso que alguém tenha a coragem de aceitar esta accusação. Aceitamol-a nós, e confessamos claramente que a merecemos.

Todo o homem que chega á superioridade indiscutida e para assim dizer canonisada nós combatemol-o como um inimigo, porque o consideramos um obstaculo.

Todo aquelle que adquire a glorificação proveniente dos applausos geraes entra na tradição, perde a força da contemporaneidade, pertence pelas suas

idéas a uma geração preterita e mantem no emtanto ao abrigo do seu nome illustre e vivo antigos erros que a gloria sustenta, a despeito da critica, da logica e da verdade.

A gloria é um estacionamento e um fim.

Um poeta, um litterato, um escriptor é um homem de combate e de guerra. Como tal o que lhe cumpre fazer depois de cada victoria é pendurar a sua corôa e tornar a desembainhar a sua espada. Logo que elle põe a corôa na cabeça e deixa a espada na bainha sae do campo e entra na galeria; está encaixilhado na sua obra; é um quadro.

Tal se nos representava o sr. visconde de Castilho, tal se nos figura ainda em vida o sr. Alexandre Herculano.

Isto não é uma fatalidade dos annos. Da geração do sr. visconde de Castilho é tambem Victor Hugo. Este porém não acceitou a consagração da superioridade. Cada um dos seus livros representa um periodo novo na historia do seu espirito; cada uma das suas obras, se é em parte a ampliação, é em outra parte a refutação da obra que a precedeu. Os que tinham glorificado as *Orientaes*, desdisseram-se deante do apparecimento dos *Châtiments*; os que tinham applaudido as *Contemplações* assobiaram o *Anno terrivel*; os que tinham decidido que *Notre Dame* era o primeiro dos romances historicos classifi-

caram como ultimo dos ditos romances *Quatre-vingt-treize*.

O grande valor dynamico d'esse extraordinario espirito está exactamente n'essa oscillação do applauso, e o seu maior elogio é o alto privilegio de ser ruidosamente combatido e contestado aos 70 annos de idade exactamente como o fôra aos vinte.

Assim como Victor Hugo escreveu as *Folhas do outono* e os *Cantos do crepusculo*, escreveu o visconde de Castilho *A primavera* e o *Amor e melancholia*. A differença é que depois d'isso, Victor Hugo continuou a viver na peleja e na lucta, e o visconde de Castilho passou a existir na região apathica da immortalidade e da gloria.

Alheio ao movimento moderno da sciencia, o visconde de Castilho não ficou porém ocioso. A morte arrancou-lhe da mão a sua penna de traductor delicado e perfectissimo. Esta fidelidade ao trabalho não é o menor dos titulos ao respeito profundo com que nos inclinamos á beira do seu tumulo, reconhecendo deante d'elle com gratidão e com agradecimento que o pouco ou muito que somos o devemos áquelles que nos precederam na applicação e no estudo, e cujo trabalho, em direcção equal, em direcção opposta, nós somos chamados, cada um na esphera dos seus meios, a continuar e a proseguir.

V

VIEIRA DE CASTRO

Novembro 1872.

Em quatro jornaes de Lisboa publicados esta manhã, acabo de ler que por cartas de Africa trazidas da ilha da Madeira por um paquete inglez, se sabe que morreu em Loanda o sr. José Cardoso Vieira de Castro.

E nem mais uma palavra — de piedade, de commiseração ou de lastima — por parte dos jornaes de Lisboa para esse caso contado com a simplicidade crua de uma chronologia ou de um auto!

Assim acabou pois na indiferença ou no desdem da publicidade o homem publico que mais ruido teve em volta do seu nome, aquelle dos nossos companheiros de trabalho e de lucta intellectual que mais viveu nos applausos da celebridade e nas commoções da gloria!

A amizade não deixará de vir amanhã trazer a esta desafortunada sepultura o dôce tributo das suas lagrimas. A opinião porém essa ahi a estamos vendo já na sua definitiva attitude, de olhos enxutos e de coração calado, perfeitamente indifferente, deante do cadaver d'aquelle, cujo maior defeito, e talvez o unico, foi ter amado a opinião — de mais!

Eu, que estou na amizade pessoal, direi aos que estão na opinião publica: sois crueis na vossa indifferença, porque sois cúmplices na desgraça que arrancou este homem tão novo, tão exuberante de mocidade, de talento e de vida, ao seu amor, á sua familia e á sua patria. Porque elle rendeu-se inteiramente, inexperiente e desarmado, desde os primeiros passos que deu no mundo, á consciencia da opinião e ao julgamento do publico. Foi, mais que ninguem, do seu tempo e da sua sociedade. Em quanto outros luctavam tenazmente contra a corrente das idéas, dos principios e dos sentimentos consagrados, elle arrojava-se ao largo, entregando o seu baixel á providencia da onda. O seu caminho foi sempre para aquelle ponto onde os vossos applausos pareciam denotar que se achava o triumpho. Guiado pelas vossas acclamações suppunha que a verdade estava no foco ruidoso e ardente onde a gloria apparecia.

Devotou-se-vos integralmente essa alma infantil e candida. Acreditou na vossa politica, na vossa arte e na vossa honra. Ora a vossa politica era uma intriga de partidos degradante e baixa. A vossa arte era uma velha convenção doutrinaria e emphatica. A vossa honra era uma versão da cavallaria feita com as accomodações necessarias para uso de burgueses bondosos e pacificos, — um misto de alta barbarie e de estreita civilisação — os cavalleiros da tavola redonda interpretados pelos irmãos terceiros de S. Francisco.

Um dia este homem, que fôra tantas vezes o vosso idolo, achou-se repentinamente repellido por vós como um monstro. E todavia elle estava ainda, então como sempre, na logica fatal do seu destino. A sua intelligencia tinha-se-vos sacrificado, Sacrificou-se-vos tambem o seu coração. Nos arrebatamentos vertiginosos da sua eloquencia, nos denodos da sua palavra e dos seus escriptos, nos ostentosos requintes da independencia e da exempção, nos repentes mais altivos e mais ruidosos das opiniões e dos actos, nos mais frequentes e extraordinarios sacrificios que pode fazer a abnegação e o desinteresse, elle mostrou sempre, nos seus triumphos, nas suas derrotas, e até na sua derradeira catastrophe, que considerava a sociedade uma cousa digna, austera, iniludivel e sagrada. E eis aqui, resumidamente, como

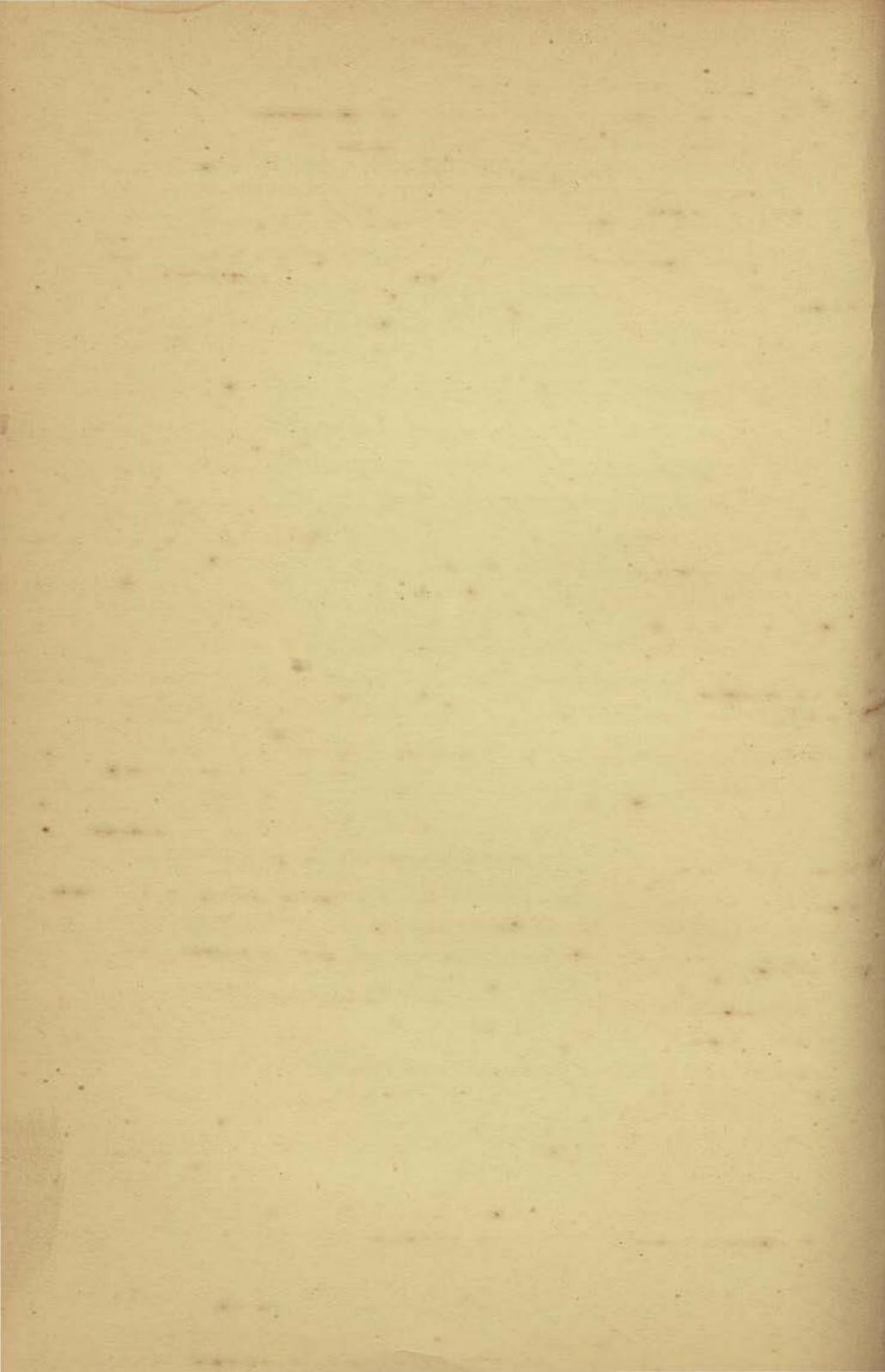
no meio das influencias de uma opinião profundamente desorganizada se eleva ou se despenha no conceito publico o mais coherente e o mais honrado caracter!

Quando é que nos applaudis, e quando é que nos condemnaes? A mesma linha de conducta leva-nos á victoria e leva-nos igualmente ao abysmo. O successo é uma charada.

O tribunal chamado da opinião publica não tem portanto razão de ser; não se pode acceitar, nem admittir. Uma sociedade que tão claramente patenteia pelas suas caprichosas incoherencias carecer dos principios em que se baseia a fiel, a permanente, a immutavel interpretação do dever, não tem opinião. A consagração da collectividade das incompetencias, das ineptias ou das maldades é um opprobrio. Quando quizerdes convencer-nos de que vos assiste o direito de nos julgar no mal, provae-me primeiro que tendes e que exerceis a faculdade de nos guiar para o bem.

E tu, meu desgraçado amigo, descança finalmente na paz dos mortos! Que o silencio dos que tanto te debateram e discutiram na vida, cubra, agora, pelo menos, a sepultura em que tu jazes, tão longe das orações de tua mãe, sob o sol da Africa, na terra devoradora do exilio, no cemiterio dos degredados!

Entre os que te conheceram, um, que foi o companheiro da tua infancia, o teu amigo, o conviva das tuas festas e das tuas alegrias, a testemunha dos teus duellos, o confidente das tuas penas, dos teus desalentos, das tuas aspirações e dos teus enthusiasmos, guardará sempre com saudade a parte que por tua morte lhe tocou d'aquella porção menos ephemera da essencia humana que nos sobrevive— dispersões da nossa alma — repartida pelas almas d'aquelles que amamos.



VI

SILVA TULLIO

Janeiro 1884.

Um dos meus mortos d'esta semana é Antonio da Silva Tullio, antigo jornalista, conservador da bibliotheca publica e socio de merito da Academia Real das Sciencias, onde ha muitos annos desempenhava as funcções de administrador e corrector da officina typographica.

Tinha sessenta e seis annos, e era um dos jovens da geração litteraria de Almeida Garrett, de Alexandre Herculano e de Antonio Feliciano de Castilho.

Immobilisado ha muito tempo como escriptor no functionalismo academico e na administração official das lettras publicas, Tullio conservara sempre, como vinco indelevel da sua natureza e da sua primitiva condição de artista, á leviandade juvenil, descuidosa, alegre, improvisadora, um pouco bohemia,

de antigo gazetilheiro, e um fanatismo ardente e intolerante pela vernaculidade e pela elegancia da lingua.

Estas duas qualidades, assentando n'um vasto fundo de inexaurivel bonhomia, davam á sua convivencia e ao seu trato um attractivo especial e insubstituivel, um encanto de relêvo original e picante.

A sua occupação predilecta era a correcção das provas typographicas da imprensa academica, feita sobre os manuscriptos dos auctores. N'essa tarefa obscura, ingloria, prostradamente enfadonha para qualquer outro, punha elle entusiasticamente todo seu zêlo ferrenho de puritano classico.

Quanto mais a linguagem era espêssa, informe, indigesta, tanto mais elle se comprazia em a desbravar, illuminar e encher. Era o que, n'uma das phrases pittorescas do seu vocabulario peculiar, elle chamava *arregalar os olhos a uma toupeira*.

As provas andavam ás vezes dias consecutivos a passear os leites da correcção grammatical, de casa d'elle para casa dos auctores e de casa dos auctores para casa d'elle, até se assentar na forma definitiva do verbo.

De uma vez escreveu a Latino Coelho uma erudita allegação de purismo, tendente a convencel-o das vantagens de substituir no manuscripto do elogio academico de Humboldt a palavra *dados*, equi-

valente na accepção á palavra franceza *donnés*. Latino, firme no direito que lhe assistia de adoptar um neologismo consagrado desde o seculo XVIII na linguagem scientifica, recusou retirar do texto o vocabulo incriminado. Tullio, forçado a desistir de argumentos, desceu até ás supplicas, foi procural-o de noite, ás horas silenciosas e solemnes do estudo.

Não era já como academico, não era como purista, não era como escriptor, era como amigo que o implorava para que consentisse em expungir da limpidez diamantina da sua prosa esse termo bastardo, essa palavra espuria, em que elle Tullio via uma nodoa grosseira, uma dedada torpe, desfeando a reputação primorosa do seu confrade. Latino teve finalmente que diluir o termo suspeito n'um bravo circumloquio de accorde quinhentista, harpejado a quatro mãos no teclado do estylo. Tullio, que se esquecia sempre de alguma cousa em todas as visitas que fazia, esqueceu-se de tudo n'essa noite victoriosa: dos cigarros, da cigarreira, das luvas, da bengala, das mesmas provas; e, arrojando o cabello da testa e afagando-o sobre a nuca, n'um gesto que era n'elle caracteristico, foi-se embora feliz, abanado pelo triumpho, doudivado de satisfação.

O amor de corrigir provas estugava-o no desejo de corrigir tudo, e andava atarefado sempre em emendar alguma cousa, na junta consultiva da in-

strucção publica, na bibliotheca nacional, na academia.

A sua actividade tinha uma forma tumultuaria, explosiva. Entrava sempre nas questões como um furacão. Nas sessões academicas raramente pedia a palavra para tomar parte nos debates: falava sem vénia e fora da inscripção, ou interrompia constantemente os que falavam, na impaciencia chronica de se manifestar e de resolver.

A sua voz virgulava todos os discursos ao sabor da sua opinião: *Está visto! Apoiado! Lá isso não senhor! E é verdade! Ainda eu agora estava dizendo a mesma cousa ao nosso secretario geral, na occasião em que S. Ex.^a...*

E era preciso a todo o momento que a mesa lhe impuzesse silencio, para que elle não fizesse constantemente do seu logar um discurso paralelo ao da tribuna.

Quando se estaya em sessão e a presença d'elle se revelava, discursando já em alta voz da sala de espera, o velho Lima Felner dizia para o academico seu vizinho:

— Chega o zabumba do acompanhamento!

Ou então, olhando para a porta com a mão em viseira em cima dos olhos:

— Lá rebentou fora, se me não engano, o repuxo das tolices com *u!*

E Rebello da Silva, quando elle passava para a bancada, de sobrecasaca aberta, a abanar cabellos e papeis esparsos em auréola, levantava para cima a golla do paletot, exclamando :

— Isto não é um socio, senhores, isto é um pé de vento !

As obras mechanicas, os reparos no edificio e mobilia dos institutos a que Silva Tullio pertencia interessavam-o tão calorosa e apaixonadamente como as especulações scientificas ou as controversias litterarias.

Um dia desapareceu o chaveiro do cofre academico, onde se deviam achar dois contos de réis, e onde unicamente se encontraram, na ausencia do prevaricador aligero, dois saccos...

— *Dois sapos?* ! perguntou por signal o visconde de Castilho, n'uma surpresa tragica, ao ouvir ler em assembléa geral o relatorio do caso.

O auto da abertura do cofre, feita pela auctoridade administrativa, tinha de ser assignado pelos vogaes do conselho academico, de que Tullio fazia parte. Quando o procuraram para lhe passar a pena com que tinha de firmar o documento, havia desaparecido. Andavam obras na academia, e elle aproveitara o tempo da leitura do auto para ir fiscalisar os trabalhos.

— Sabe-me dizer onde é que se metteu outra vez

o sr. Silva Tullio? — perguntou Rebello da Silva ao continuo, perfilado á porta da sala.

— Saiba V. Ex.^a que foi para o telhado, sr. conselheiro.

— Vão buscal-o e tragam-o a ferros!

Minutos depois Silva Tullio apparecia esbaforido e radiante.

— Viva! viva!... está então posto a limpo já o nosso *auto da paixão*?...

Mas Rebello, que não costumava perder ensejo para os rasgos de phrase, litterato sempre até a extremidade das unhas, que tinha o mau costume de roer :

— Tenha decoro, senhor!... E se não pode accumular pundonorosamente os seus encargos de academico com as suas occupações ordinarias de olheiro das obras publicas, exonere-se de vogal do conselho. Quando ha pouco o procuramos, achava-se o illustre academico apartado do convivio do seculo e do trato das gentes, no recesso tenebroso da mina d'agua. Procuramol-o agora outra vez, e informamnos que o illustre academico anda passeando a cavallo nos pedreiros por cima dos telhados d'este instituto. Nem sequer lhe trava essas pernas o pudor devido á presença de funcionarios extranhos a esta casa!?... O sr. escrivão leva que contar do douto areopágo para o seio de sua familia!!

Uma noite, em casa de Almeida Garret, depois de um jantar de escriptores e de artistas, Lima Felner estendeu-se a dormir n'um canapé de palhinha, estylo Luiz XVI, com cuja recente aquisição Garret, que tinha a paixão dos moveis artisticos, se achava encantado. Felner, que durante o somno descahira da almofada até ficar em cima do travesão em que pousava a palha destendida e abandejada, ergueu-se dolorido das ilhargas e indignado contra o movel:

— É um canapé em que a gente se deita na travessa da Palha e accorda na rua da Cruz de Pau.

O espirito de Tullio tinha analogia com esse canapé, tão prompta era a facilidade com que na conversação e na escripta elle escorregava repentinamente de um assumpto, para cahir no assumpto mais remoto e mais differente.

Esta volubilidade habitual tornava-o distrahidissimo. Ao cabo de uma hora de conversa e de passeio, quando a pessoa que o acompanhava lhe extendia a mão para se despedir, elle tinha exclamações de jubilosa surpresa, como se acabasse de vêr então pela primeira vez o seu companheiro:

— Ditosos olhos! ditosos olhos!... Então como vae isso? Como estão lá em casa?

Felner contava-me que na redacção de um jornal em que elles tinham collaborado juntos, nunca o

Tullio acabara um artigo no mesmo dia em que lhe dera principio. Ao meio da noite, depois de ter enchido com a sua larga escripta um ou dois cadernos de papel, empregando o mesmo numero de palavras com que outro qualquer teria occupado uma ou duas folhas, largava tudo e partia de repente, esfusiado, para ir ver o incendio.

— Havia então fogo em Lisboa todas as noites?

— Algumas noites havia effectivamente. Outras noites não. Mas Tullio, á hora do costume, parava tão espavorido como se toda a cidade estivesse em chammas, e perguntava aterrado: — *Vocês não ouviram tocar a fogo?... Vou vêr onde é!* E desembestava como um doido pela porta fora, vencia as escadas de um trambulhão real, e não tornava a apparecer senão d'ahi a vinte e quatro horas, trazendo um chapéo que ou lhe não entrava na cabeça ou lhe cahia até os hombros, e que levava trocado na precipitação da vespera.

E lá se foram já em pouco tempo, uns depois dos outros, todos esses: o Tullio, o Felner, o Rebello, tres dos litteratos mais genuinamente litterarios que eu tenho conhecido. Tinham o diabo da arte no corpo. Tinham o amor das letras na massa do sangue. Haviam-se temperado como escriptores na poderosa camaradagem de Garrett, o qual tinha querido ser tudo quando se podia ser com mais auctoridade,

com mais pompa e com mais prestigio na sociedade do seu tempo, para ter o direito de mostrar que a todos os titulos elle antepunha e preferia o de simples homem de letras, que acima de todas as distincções jerarchicas estava a alta nobreza do seu puro sangue de poeta, a sua fulgida aristocracia nativa de artista de raça. «*Por cem ou duzentas moedas n'um dia de apuro — disse-me d'elle a mim proprio Alexandre Herculano — o Garrett seria capaz de todas as porcarias que quizerem, menos de pôr n'um papel a trôco de todo o ouro d'este mundo uma linha mal escripta.* E depois d'esta phrase, de que eu tomei nota textual ha vinte annos, vindo a entrar no seu quarto da Ajuda o actual marquez de Sabugosa, Herculano, em pé, sem gravata, o lenço de algodão encarnado debaixo do braço esquerdo, a caixa de rapé na mão direita, abanando a cabeça, n'um gesto sacudido do braço, olhando-me de revéz, accrescentou: «*Isso era um homem! e todos esses mandros que ahi andam a escrevinhar, a morder-lhe na fama, teriam obrigação de beijar de rastos as pé-gadas que elle deixou n'esta terra!*»

Os velhos litteratos da creação de Garrett tinham como elle, em maior ou menor grau de intensidade, esse culto religioso da forma, e eram mais ou menos escriptores constantemente, eram estylistas sempre, e, nas relações sociaes, quando não traziam

o madrigal nos labios, tinham um epigramma nos dentes. Excellentes rapazes, no fim de contas, vingando-se das mais torpes offensas por um bom dicto, e agradecendo ternamente aos seus peores inimigos o darem-lhes azo para uma diatribe bem feita.

Alem de um dos mais alegres, dos mais engraçados, dos mais originaes individuos da confraria litteraria portugueza, a morte de Silva Tullio faz desapparecer um dos raros litteratos que ainda possuem em Lisboa a prenda, já hoje exotica, de saber portuguez.

Depois da morte de Castilho, era elle, com Latino Coelho e com Camillo Castello, quem mais completamente possuia o vocabulario da lingua, vocabulario tão pouco apprendido pela grande maioria dos nossos modernos escriptores.

Diz-se que imitamos a França. Os jornaes francezes chegam-nos, porém, em cada dia cheios de verdadeiras obras de arte preciosamente trabalhadas pelos mais peritos lapidarios da palavra.

Em Inglaterra — explicava-me ainda ultimamente o director de uma das grandes revistas de Londres — o conhecimento profundo da lingua ingleza tornou-se uma necessidade indispensavel no collaborador mais humilde do mais obscuro jornal. As grandes folhas celebres são todas redigidas, de principio a fim, com a mais rigorosa correcção, com a mais

subtil delicadeza de estylo a que se pode prestar a linguagem sábia. Um escriptor que na imprensa ingleza commettesse um solecismo, morreria n'esse dia para o respeito do publico, porque na Inglaterra todo o homem que não sabe o officio em que se emprega, ou é um apprendiz ignorado ou é um cidadão ridiculo. Em uma civilisação bem equilibrada o individuo que não tem habilitações para fazer a obra de que se encarrega, é um elemento de perturbação, é um industrioso suspeito, que á sociedade convem corrigir pelo escarneo ou inutilisar pelo desprezo. É como se pensa na Inglaterra.

Em Portugal somos algum tanto mais latitudinarios evidentemente.

A opinião mostra-se sempre animadora e amovel aos sarrafaças diligentes do jornalismo, e tem um fraco especial, de mãe extremosa, pelas bobices réles e pelos chulismos crassos dos linguareiros sem grammatica e sem escôva de unhas.

Fora da chacota surrada, de botequim porco, na analyse das paixões, no estudo dos temperamentos e dos caracteres, na poesia, na historia, no drama, na critica social, na controversia politica, *não temos expressões* — como dizem nos brindes dos banquetes solemnes os bacalhoeiros commovidos.

Falta-nos a precisão no termo exacto; falta-nos a elasticidade no giro da locução; falta-nos o rasgo

pittoresco no desenho da phrase; falta-nos a vibrante harmonia na orquestração do discurso. Coçamos-nos, contorcemos nos, desarticulamos-nos a querer dizer amor, e nunca nos chega a lingua. Temos a prosa hysterica, abastardada, exangue e desfallecida de uma raça moribunda.

A nossa pobre geração de anemicos dá á historia das letras um cyclo de tatibitates. Estamos a chegar a velhos com a lingua ainda peada, de litteratiços mamões. E no fim d'este seculo, de uma quasi tão grande decadencia litteraria como a do fim do seculo passado, pergunta a gente de onde nos virá um Filinto ou um Bocage, que rape da tesoura com que se ha de cortar a trave á geração futura.

VII

CRUZ COUTINHO

Maio 1885.

Nos jornaes d'esta manhã leio a seguinte linha expedida telegraphicamente do Porto pela Agencia Havas:

Morreu hontem Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho.

Esta simples phrase dá-me a commoção tristissima de quem encontra repentinamente reduzida a pó a ultima flôr sêcca de um velho *bouquet* que se trouxe ao peito n'um dia feliz da mocidade e se achava desde muito tempo guardado, quasi esquecido, no cofre dos antigos segredos amados, das illusões mortas.

Foi no *Jornal do Porto*, que Cruz Coutinho fun-

dou com José Barbosa Leão, e do qual pouco depois elle se tornou o proprietario e o director exclusivo, que eu comecei a escrever aos vinte annos de idade.

O jornalismo portuense passava a esse momento por uma phase interessante da sua evolução.

Expirava o *Nacional* e expirava o *Braz Tisana*.

José de Sousa Bandeira continuava a fumar ininterruptamente os seus vinte e quatro charutos por dia, mas passara de moda e cahira em caturrice a sua maneira tão genuinamente portugueza de ter graça, á Filinto, á José Agostinho de Macedo, á Nicolau Tolentino de Almeida e á Antonio José, nas humoristicas *cartas ao barbeiro*.

José Joaquim Gonçalves Basto, director do *Nacional*, começava a cançar-se na pesquisa dos multiplos expedientes, á custa dos quaes era preciso fazer viver o seu jornal, sem fundos proprios, quasi sem annuncios e com poucos assignantes.

A elegante pleiade de escriptores que tinham feito a gloria litteraria do jornal de Gonçalves Basto começava a dispersar. Antonio Coelho Lousada, Arnaldo Gama, Evaristo Basto, Antonio Girão, Custodio José Vieira, Marcellino de Mattos, Camillo Castello Branco e Ricardo Guimarães cessavam de ser bohemios e de folhetinizar de graça nas columnas do *Nacional* pelo exclusivo gôsto desinteressado.

do de rebentar um burguez por semana, um socio da *assembléa da herva*, ou um freguez dos carroções de *Manuel José de Oliveira*, aos golpes da mais terrivel satyra que ainda se floreteou em Portugal.

Era raro, e era além d'isso mesquinho e insulso, todo o folhetim, que pela sua intenção de ironia e pela sua força de sarcasmo não tornava ao mesmo tempo imminentes um ataque apopletico sobre a cabeça da victima e umas azas de canna da India sobre a região lombar do auctor.

A vida do jornalista portuense, no periodo que então se extinguiu, tinha uma complicação theatral, commovente, picante, de grande attracção para a mocidade, e era feita de processos de diffamação, de esperas de caceteiros, de invasões tumultuarias do escriptorio da redacção, de cavalhadas, de grogs carregados, de aventuras galantes, de phrases saticas, de voltas de valsa, de golpes de espada, de tiros de pistola, e de pancadaria de cego. Custodio José Vieira, Gonçalves Basto, Evaristo Basto e Camillo foram por mais de uma vez ao campo e foram ao tribunal. Girão não gostava de empunhar outra arma, que não fosse a tranca, nem se batia senão com piquetes da guarda municipal. D'uma vez Camillo ficou estirado á bordoadada em plena rua de Santo Antonio por um caceteiro assalariado, que

elle retribuiu mettendo-lhe duas balas no peito... na pelle do collete, que era de lontra.

D'esses folhetinistas da petulancia mais litteraria, mais altiva e mais cavalheiresca, uns casavam, outros morriam, outros empregavam-se. Camillo Castello Branco e Arnaldo Gama entravam na religião, professavam na clausura da arte. Antonio Coelho Lousada seguia de perto á sepultura o dôce poeta Soares de Passos. Custodio José Vieira e Marcellino de Mattos entravam no fôro com outros escriptores notaveis da sua geração, como Alexandre Braga, Delfim Maia e Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. Girão conquistava um logar de professor na Eschola Polytechnica. Evaristo Basto e o proprio Gonçalves Basto eram finalmente empregados publicos. Ricardo Guimarães vinha para Lisboa ser politico e deputado.

O folhetim portuense e o café do Guichard punham o lucto da viuvez. A *sociedade da herva* (para os socios *assembléa portuense*) respirava emfim tranquillamente na pacatice organica do chá com biscoitos de Avintes, entrecortado apenas pelas sordidas emoções da recalcitrante bisca sueca e do desfaçado voltarete. Nos bailes de subscrição do Postigo do Sol os lojistas podiam pacificamente entregar-se com suas familias aos folguedos de Terpsichore, sem perigo de que alguns valdevinos interrompes-

sem tragicamente o festim, apoderando se dos instrumentos de cobre da orchestra, enquanto os musicos tinham ido ao beberete, e começando a roncar do côro pelas bôccas dos figles e dos trombones declamações de amor ás damas e sentenças de morte affrontosa aos maridos. Os banqueiros da rua dos Inglezes tinham finalmente carta branca para se apearem pela Restauração, de cima dos omnibus da Foz, sem que no momento em que elles mandavam parar para sahir, o Camillo, que ia dentro, gritasse para o Ricardo, que ia na almofada:

— Ricardo, prepara-te!

— Que é?

— Vae arrotar a berlinda.

Em summa a antiga satyra portuense achava-se decapitada.

Foi a este momento que na Ferraria de Baixo veiu á luz o primeiro jornal *sério* da cidade, o grave, o conspicuo, o sacerdotal *Commercio do Porto*. Este periodico representava o advento de uma nova era para o jornalismo portuense. O *Commercio do Porto* tinha á sua frente uma das firmas mais respeitaveis da praça. Tinha fundos, tinha crédito, tinha giro commercial, pagava aos seus crédores, tinha por correspondente em Lisboa o sr. João Chrysostomo Melicio e não admittia chalaças.

Quem tinha vontade de rir ia rir para o meio da

rua, porque na redacção não lh'o consentiam. Considerar-se-hia indecoroso que o jornal introduzisse a mais leve porção de alegria nas lojas dos assignantes. Aquella folha era exclusivamente consagrada aos interesses dos negociantes e á melancholia dos caixeiros. Nunca se viu em letra redonda um tão resplandecente espelho de cordura e um tão grande monte de prudencia como o que essa folha memoranda submettia em cada dia á esclarecida consideração da praça. Os seus redactores, sempre anonymos, crearam para esse effeito um estylo especial da esquina da rua da Ferraria, onde estava situada a casa do prélo, com a das pennas e dos respectivos escreventes a dar a dar no andar de cima. Esse estylo didactico como todos os demonios era inteiramente destituído de personalidade e acabou por ter uma chapa como a das circulares commerciaes.

Diziam assignantes que o convívio da sua prosa acabava por dar ictericia. Leitores fortes cahiam em modorra ao principiar a lê-lo e adormeciam ao meio da leitura. Muitos porém despertavam outra vez, extremunhados pelo terror, sonhando que apparecera o numero do dia seguinte.

Havia um regulamento extremamente severo para os arruma-livros, digo, para os arruma-artigos da redacção. Entre outros vocabulos rigorosamente excluidos da lingua do jornal, achava-se particularmente

recommendada a palavra *republica*. Os termos *amor*, *paixão*, *temperamento*, *revolta*, *sensualidade*, *devasidão*, *ardor*, eram mal vistos e fiscalizados de perto pelos revisores.

Não se admittiam direitos alguns á intervenção da phantasia na arte de escrever. A prosa n'esta folha era applicada segundo as mesmas regras com que se applica a manteiga a uma fatia de pão! — Ponha e achate!

A designação de *Revista da Semana* para o folhetim da segunda feira parecera ambigua e pouco decorosa. Preferiu-se *Retrospecto*, palavra que tinha graça por se parecer com *retroz preto*, sem todavia offender a pudicicia.

No romance era expressamente vedado á heroina encontrar-se a sós com o heroe antes de contrahido o laço matrimonial. Sempre que esse encontro se dava sem legalisação do casamento em romance, que o jornal publicasse, o revisor era obrigado a corrigir, accrescentando a todas as scenas de entrevistas amorosas a seguinte phrase: *Ao fundo, sentada em uma cadeira, achava-se uma respeitavel e virtuosa senhora. Era a carinhosa mãe da donzella.*

Isto se dizia e se commentava com malicia na pequena loja de livros de Cruz Coutinho, aos Caldeireiros, onde todas as tardes se reunia entre as quatro e as seis horas da tarde uma especie de concí-

lio litterario, tribunal de critica, presidido ora por Sebastião de Almeida e Brito, ora por José Gomes Monteiro, dois antigos illustres.

Foi d'este recinto que sahiu o projecto da criação do *Jornal do Porto*.

Organizado por um editor em vez de ser organizado por uma commandita de negociantes, como o *Commercio*, o *Jornal do Porto* seria igualmente grave, faria pelo menos quanto com decencia se pudesse fazer para que o *Commercio* não parecesse mais grave do que elle, procurando todavia assumir independencia de critica e mais sonoridade litteraria.

Cruz Coutinho detestava os litteratos, mas amava a litteratura. Desvanecia-se de saber apreciar as bellezas da lingua, tinha uma collecção de classicos portuguezes para seu uso proprio e que não vendia, e gostava de empregar na correspondencia e na conversação formas selectas e termos preciosos.

Apesar de Cruz Coutinho affirmar que o jornal seria em politica absolutamente neutral, era de prever que elle não poderia deixar de ter, como effectivamente succedeu, uma determinada côr partidaria mais ou menos diluida nos artificios da imparcialidade rhetorica.

O cenaculo da rua dos Caldeireiros era no seu intimo rasgadamente patuléa. Sebastião de Almeida e Brito fôra ministro na famosa Junta do Porto.

José Gomes Monteiro commandara um batalhão popular. O proprio Cruz Coutinho fôra capitão das guardas nacionaes, e levava o seu zêlo pelo serviço da causa popular até o ponto de haver comprado um garrano para se transportar mais depressa da loja dos Caldeireiros ao logar do perigo nas trincheiras da cidade, quando as cornetas do governo provisorio tocavam ás esquinas das ruas o signal de alarma.

Este genero de *sport* bellicoso, este ardor cavalleiresco era uma excepção tão excentrica aos habitos recolhidos e quasi monacaes de Cruz Coutinho, que em pleno regimen da Maria da Fonte, um dos seus amigos, o meu velho e querido mestre de latim, Joaquim Leite, vendo-o passar de espada á cinta a toda a brida do seu *poney* pela rua da Aguardente fora, julgara-se victima de uma illusão de optica e exclamara pondo a mão em viseira por cima dos olhos:

— Havia de jurar que era o livreiro Cruz Coutinho montado n'uma brochura de 16!

A casa de Cruz Coutinho, aos Caldeireiros, com a largura de duas janellas de frente e quatro andares de altura, achava-se abarrotada de livros desde o solo até as aguas furtadas. Era por entre enormes rumas de obras encadernadas, em brochura e em papel, que os intimos penetravam da loja, que era

ao mesmo tempo o escriptorio e a sala de receber, até um dos ultimos andares, onde no chão, coberto de livros, havia um estreito carreiro, que conduzia o habitante á cama, ao cabide de pendurar o fato e ao pequeno espelho de fazer a barba, suspenso no caixilho da janella. Cruz Coutinho era o homem mais completamente estoico que eu tenho conhecido. Nunca vi em ninguem um mais sincero e mais absoluto desdem pelo confôrto domestico, pela moda, pelo mundanismo. Vestia-se invariavelmente de preto como um ecclesiastico, permittindo-se apenas na força do verão a extravagancia de umas calças de xadrezes pretos e brancos.

Não tinha em toda a casa um tapete, uma almofada, um quadro, uma flôr, uma cadeira de braços.

O seu jantar constava invariavelmente de uma sôpa de arroz ou de cevadinha, de carne assada ou gelêa de marmelo.

— Vossê nunca tem sêde? perguntei-lhe eu uma vez.

— Tenho, raramente, quando estou irritado do estomago.

N'esses periodos, quando a sêde lhe apparecia como um symptoma pathologico, não comia senão gallinha cozida e bebia cozimento de sementes de linho.

Nem dava jantares, nem os accitava.

Nunca viajou, nem sequer para vir a Lisboa ou para ir a Braga.

As suas excursões mais longinquoas eram até as barreiras da cidade, ao Bomfim, a Paranhos ou á Ramada Alta, aos domingos de tarde, com o seu vizinho e amigo, o contraste do ouro, Cosme Martins da Cruz, em cuja companhia passava depois a noite jogando o gamão.

Com a apparição do *Jornal do Porto* dissolveu-se o cenaculo da livraria dos Caldeireiros. Coutinho nunca mais reapareceu na loja. Botou bigode e começou a frequentar o *Café Portuense*, á esquina da Praça Nova, onde era infallivel, todas as noites, a certa mesa a que abancavam com egual regularidade cinco ou seis amigos, homens graves e influentes, como Pinto Bessa, Nascimento Leão, etc.

Todo o resto do seu tempo era consagrado ao jornal.

Levantava-se ao meio dia e descia pressuroso a rua das Flôres até o escriptorio da redacção, na rua do Ferreira Borges, sobraçando com zêlo o seu pacote de provas e de manuscriptos, que revia escrupulosamente, verbo a verbo, virgula a virgula, ponderando cada periodo, sopeando cada vocabulo, alterando aqui, accentuando acolá, supprimindo, espraiano, amortecendo ou arregalando phrase a phrase por meio de sublinhas, de adjectivos qualifi-

cativos, de adverbios condicionaes, de conjunções adversativas, de novas interjeições e de novas virgulas, destinadas a dar aos artigos dos seus numerosos correspondentes das provincias aquillo a que elle chamava com auctoridade a *forma do jornal*. N'este labor extremamente árduo, mas em que elle parecia haurir uma secreta e mysteriosa delicia, se entretinha até o fim da tarde, em que tornava a percorrer a rua das Flôres, para ir para casa jantar.

De longe a longe acommettia-o a tentação de escrever elle mesmo um artigo. Encerrava-se para esse effeito n'um quarto da redacção, que fechava por dentro á chave, mandando esperar á porta o moço encarregado de levar o autographo á typographia. Uma hora depois reaparecia á fresta da porta entreaberta, trazendo um lenço de seda da China amarrado á cabeça por baixo do chapéo alto, que não tirava nunca, e encarregava o moço de lhe ir comprar bolachas, porque começava a enfraquecer. Entreabria a porta mais algumas vezes para fazer reforçar a sua provisão de charutos ou de rapé, ou para que lhe trouxessem de casa umas chinelas, até que ao cahir da noite se desencerrava definitivamente, trazendo seis ou oito linhas escriptas no alto de um linguado, e dizendo a um dos seus redactores:

— Ahi está o principio do artigo, que era o mais difficil de fazer. Continue você no mesmo estylo —

cousa ahi para columna e meia a duas columnas — e mande-me as provas a casa para eu harmonisar. Adeus, até ámanhã.

O jornal era a preocupação suprema da sua existencia, a sua paixão absorvente, o resumo do seu destino, a cousa sagrada a que elle subordinava tudo.

Os seus mais intimos amigos e companheiros de mocidade não lhe conheceram nunca uma unica ligação terna, nem um namôro, nem um passageiro capricho, nem um fugitivo desejo, tendo por objecto as mulheres. O simples aspecto de uma *cocotte* escandalisava-o como um attentado publico contra a decencia.

Julguei-o sempre com os mais garantidos direitos a concorrer ao premio de Nanterre, até o dia em que elle appareceu com um menino pela mão, no escriptorio do *Jornal do Porto*. Dei um grito de surpresa, de tal modo era completa, perfeita, engraçadissima a semelhança d'essa creança com elle. O meu camarada padre Mendes ficou extatico, de bôcca aberta, a penna atraz da orelha; e Eduardo Chamiço, que estava de visita no escriptorio, exclamou: — «É filho por força!!!» Coutinho não disse uma palavra. Corou até as meninas dos olhos, ouvindo a phrase de Chamiço, deu vagamente uma volta e, sem largar a mão do seu pequeno companheiro, di-

rigiu-se para a porta e desapareceu. Pouco depois voltou só, tornou a corar, falou de outro assumpto, e nunca mais se tornou a alludir á extranha e fugitiva apparição d'esse mysterioso menino.

O *Jornal do Porto* compunha-se das seguintes secções: artigo de fundo, revista estrangeira, revista commercial, correspondencia das provincias, noticiario e folhetim. José Luciano de Castro, que a esse tempo se achava estabelecido como advogado no fôro portuense, escrevia de ordinario o artigo de fundo. O padre Francisco de Paula Mendes fazia a revista estrangeira. Eu fazia o noticiario e a chronica no folhetim, onde pela primeira vez appareceram os romances de Gomes Coelho (nas lettras *Julio Diniz*) *As pupillas do sr. Reitor*, *a Morgadinha dos Cannaviaes* e *Uma familia ingleza*.

José Luciano nunca ia á redacção. Escrevia os artigos e corrigia as provas em casa. Tinha já sido deputado, e na sua prosa havia o tom oratorio do discurso parlamentar, de grande effeito na provincia.

Padre Mendes, que possuia uma malleabilidade de estylo e uma facilidade de execução verdadeiramente prodigiosas, imitava os artigos de José Luciano, e na sua falta escrevia-os por elle, com uma perfeição inexcedivel.

Este meu dôce e querido companheiro de alguns annos de trabalho na redacção do *Jornal do Porto*

era um litterato consummado e um escriptor de grande raça, que atravessou completamente desconhecido e ignorado a moderna litteratura portugueza. Não sei que terrivel fatalidade de familia, fez d'elle não só um padre, mas um beneficiado da Sé. O sacerdocio impondo-lhe o estigma indelevel da submissão aos dogmas, da humildade social, da escravidão do espirito, humilhava-o e consumia-o de uma tristeza muda e tragica. O grande artista expansivo e scintillante, que vivia n'elle recolhera-se e occultara-se no mais intimo do seu ser. Escondia o talento como uma arma prohibida, como um secreto vicio vergonhoso e sacrilego, como um roubo feito e um valor usurpado aos que não tinham como elle no mundo a missão de sustentar duas ou tres irmãs, lendo vespervas no breviario e cantando matinas no côro da cathedral.

Nunca em occasião alguma da vida poz no papel o seu nome, nem consentiu que outros o escrevessem senão como clerigo. A litteratura era para elle como a casa clandestina em que só entrava esquivando-se na sombra, com a cara coberta. Quando um extranho apparecia em o nosso escriptorio e o surprehedia de penna em punho, elle tornava-se ainda mais pallido do que habitualmente era, perturbava-se, remexia os papeis automaticamente, punha o chapéo na cabeça e desaparecia. Nunca tinha assum-

pto da sua escolha, acceitava o que lhe dessem, e construia o artigo á medida da encommenda, com um singular relêvo de expressão e com uma perfeita habilidade technica. Via a sociedade como uma cousa a que elle era tão extranho, como se habitasse um outro planeta. Não fazia idéa alguma do que era a vaidade, a emulação, a inveja ou o orgulho. A sua alma dolorida, de uma sensibilidade e de uma ternura feminina, occulta sob a mascara fria e austera de um taciturno, não tinha para repartir pelos seus semelhantes senão um largo e perenne sentimento incondicional de sympathia ou de commiseração.

Cruz Coutinho tinha por elle uma admiração profunda e um tocante affecto carinhoso, de delicadeza maternal.

Quando se manifestaram os primeiros symptomas da tuberculose pulmonar a que tinha de succumbir o meu infeliz e encantador companheiro, Cruz Coutinho prohibiu-o quasi violentamente de toda a co-opeção no seu jornal, manteve á sua familia a gratificação mensal de 40000 réis que elle recebia, e mandou-o á sua custa, primeiro para o campo nos suburbios do Porto, depois para a ilha da Madeira, fazendo o acompanhar, a expensas da empresa do *Jornal do Porto*, por um dos collaboradores do jornal, Manuel Fernandes Reis.

Á sua passagem por Lisboa, Francisco de Paula

Mendes fez-me saber que desejaria vêr-me. Fui encontral-o na hospedaria em que elle se tinha apeado. Nunca o vi tão contente com cousa sua, como n'esse dia! O vapor da Madeira partia na manhã seguinte :

— É possível talvez que eu regresse... exclamou elle. Em todo o caso, digo-lhe adeus para sempre.

Morreu na Madeira, e não creio que a ninguem fôsse jámais tão grato como para elle o entrar na eterna obscuridade, para a qual pendeu incessantemente sobre a terra a melancholica flôr do seu espirito. A familia do padre Mendes continuou sempre a receber a gratificação que elle vencia como redactor do *Jornal do Porto*.

Eu dei menos honra e mais desgostos ao pobre Cruz Coutinho, na minha qualidade de *jeune premier rôle* da sua *troupe*.

Nunca pude atinar com a *forma do jornal* para o artigo de fundo : e ás tentativas que fiz para o conseguir, corresponderam invariavelmente outros tantos fiascos monumentaes.

— Não — acabara finalmente por sentenciar Cruz Coutinho — você não pode passar de galã!

Desvaneço-me, porém, de lhe ter merecido algumas vezes a distincção lisonjeira de me considerar tambem, além de galã, o *cão de guarda* e o *cão de fila* da redacção.

Com excepção do folhetim, todos os artigos do *Jornal do Porto* eram anonymos. Esta condição era para Cruz Coutinho essencial. A sua redacção, por mais anonyma que fôsse, nunca o era tanto quanto elle queria, e nada o exasperava mais vivamente, que a allusão de qualquer outro jornal, por mais amavel que ella fôsse, ao nome de algum dos seus redactores.

— É desacreditar o jornal! — berrava elle deitando o chapéo para a nuca — é tirar-lhe a força!

— Perdão, Coutinho!... Você bem vê que dizer-se apenas que Fulano, seu redactor, escreveu com talento este ou aquelle artigo, não pode tirar-lhe a força. É um louvor...

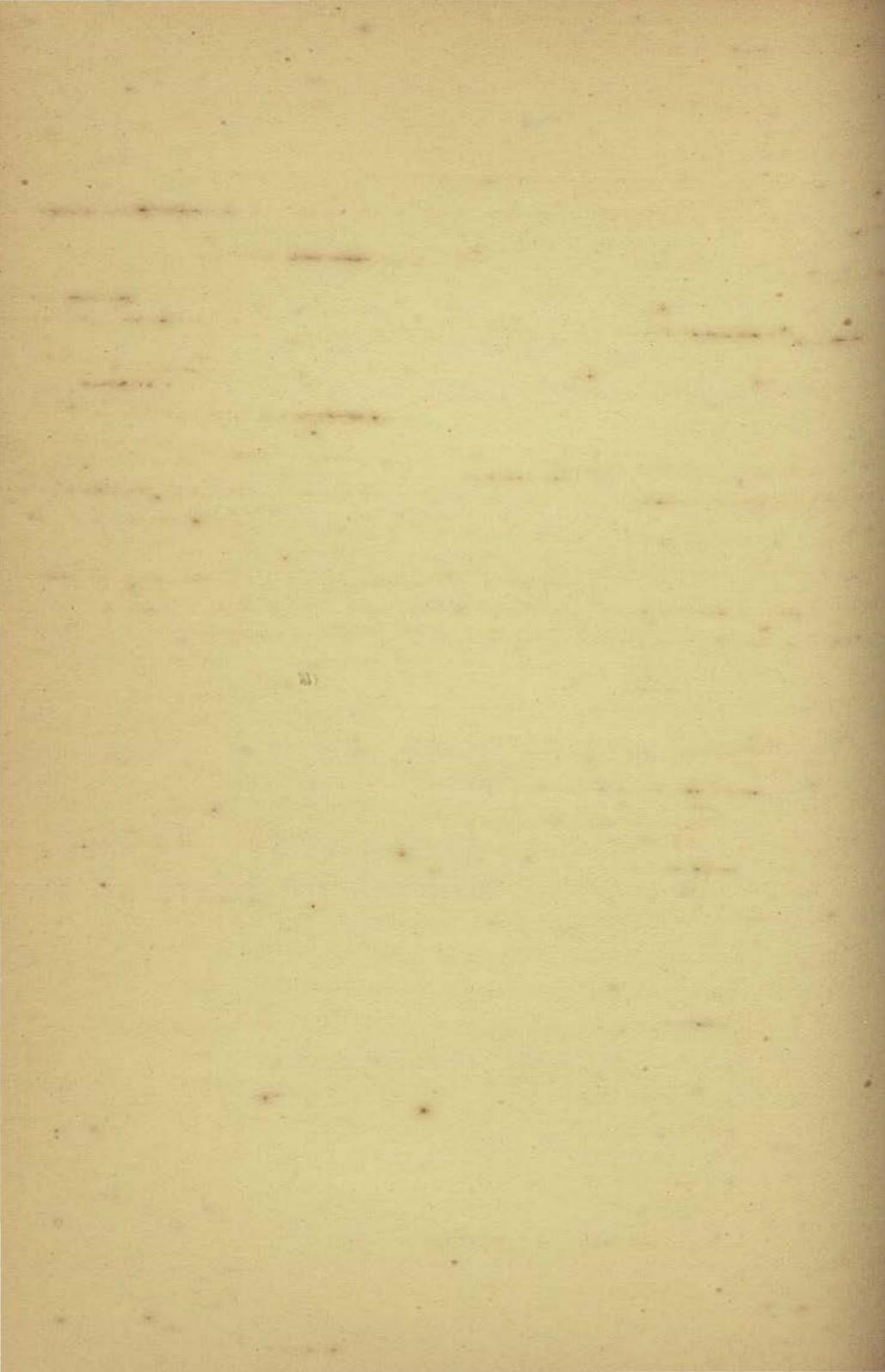
— Não é louvor nenhum!... É uma insidia! é uma canalhice! é uma pouca vergonha! Como sabe este asno que o artigo é de Fulano, e que não é de Cicrano, ou de Beltrano... ou *meu*?!

Esta desmedida colera revelava a unica aberração do character de Cruz Coutinho e dava a chave de todos os defeitos derivados d'essa falha. Este homem tão simples, tão austero, tão desprendido de appetites e de ambições, de um tão seguro criterio, de um tão claro bom senso, tão justo, tão beneficente, tão perfeitamente equilibrado em tudo mais, era absorvido completamente pela vaidade mais extranha e mais pueril: — a vaidade de parecer escriptor.

A imperfeição inherente á pobre natureza humana obriga os criticos e os biographos a investigarem a origem das virtudes, para que estas tenham verosimilhança; assim como obriga a exporem a razão physiologica dos vicios, para que estes encontrem desculpa. Cruz Coutinho queria exclusivamente, fixamente, vesanicamente, ser ou parecer um escriptor. Isto basta para affirmar a sinceridade da sua abnegação, o seu verdadeiro desinteresse politico, a sua absoluta falta de outras curiosidades e de outras ambições, a sua rectidão em julgar os homens, a sua constancia em *jornalisar* por não poder escrever, e os innumerados sacrificios de tempo, de dinheiro, de saude, de tranquillidade, feitos por elle a beneficio do *Jornal do Porto*.

A sinceridade com que o digo, poderá parecer uma crueldade ou uma profanação.

É apenas um dever de officio. Uma biographia não pode ser outra cousa senão a investigação *a posteriori* das influencias biologicas e sociaes que, incidindo no individuo, determinam a serie de movimentos a cujo conjunto se chama um destino. Esconder, por um falso melindre, os factos que mais podem esclarecer as leis da formação de um caracter, é roubar á sciencia os mais preciosos dados experimentaes do grande problema da personalidade.



VIII

CALDAS AULETE

Maio 1879.

A ala dos antigos discipulos de Garrett e de Herculano acaba de rarear com mais uma lacuna pela morte de um escriptor distincto, Caldas Aulete, companheiro de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de Bulhão Pato, de Silva Tullio, de Latino Coelho, de todo o antigo cenaculo da Ajuda, cujos diversos membros se dispersaram na politica, na poesia, na historia, no jornalismo.

Caldas Aulete deu-se á pedagogia, aos estudos dos methodos de ensino primario. Dirigiu a eschola normal, fez uma excellente grammatica da lingua nacional, várias cartas de syllabario, várias selectas para a leitura das escholas, e trazia entre mãos a obra de um dictionario da lingua portugueza, do qual escreveu e chegou a fazer imprimir um prologo

em que analysa os lexicons actuaes. Este prefacio da obra em projecto é um libello contra os dictionaristas que precederam Caldas Aulete e cujos erros elle cita com uma pachorra benedictina reforçada de grande veia comica.

Caldas tinha preoccupações de sabio e habitos de bohemio. Ninguem como elle soube ainda casar tão estreitamente estas duas tendencias aparentemente oppostas. Era um erudito nómada. Vivia n'uma permanente vadiagem de estudo.

Extremamente anemico, magro, derreado, como quem verga ao pêso permanente de uma constipação e de um lumbago friorento, vestido com tres colletes e outros tantos paletots, ia pela rua vagarosamente, obliquamente, n'um pequeno passo indeciso, um pouco oscillante, de nariz no ar, como quem procura vagamente alguma cousa ou como quem espera alguem.

Ao encontrar um amigo, um conhecido, tinha exclamações alegres, de espirito satisfeito. Para onde ia o outro? para cima? para baixo? para a direita? para a esquerda? Pouco lhe importava isso: Caldas agradecia esse encontro de acaso, rendia-se-lhe, ia para onde o outro fôsse. Uma vez que não estivesse no seu gabinete, achava se sempre em casa, e em toda a parte se installava bem.

No fundo das algibeiras dos seus tres casacos tra-

zia sempre consigo as provisões necessarias: o tinteiro, as pennas e os lapis, o papel em branco, os manuscritos, as provas typographicas, os lenços d'assoar, um pacote de rapé no seu respectivo chumbo, um par de meias, um par de sapatos, um livro de leitura para entreter as pessoas adultas e um cartucho de pastilhas para fazer presentes ás creanças.

Quando na série dos acasos que constituíam a sua existencia de cada dia e de cada noite occorria o encontrar-se sentado em uma cadeira ao pé de uma banca, collocava defronte de si os papeis, abria o tinteiro, escolhia penna, esvasiava as algibeiras para dentro do chapéo, atabafava as orelhas dentro da golla do paletot, enchia de rapé os dois buracos do nariz e punha-se a trabalhar, encolhido, n'uma applicação adunca, com as pernas enganchadas. Se o abandonassem, era capaz de ficar a trabalhar por esse modo, *fazendo*, como elle dizia o *seu crochet*, oito, dez ou doze horas, indefinidamente, em quanto tivesse papel na mesa, tinta no tinteiro, rapé no chumbo.

Quando as circumstancias lhe não deparavam sitio em que abancasse para fazer o *crochet*, não o fazia e consolava-se d'esse infortunio com uma resignação philosophica.

As suas idéas, as suas opiniões, a sua conversação, as réplicas, tinham a mesma originalidade, des-

affectada, ingenua, um pouco somnambula, que distinguia a sua physionomia e caracterisava as suas maneiras e as suas attitudes. Comquanto a sua cabeça de testa fugitiva e escanteada, olhar melancolico e bigode romantico, tivesse uma expressão sentimental, elle era inaccessible ao sentimentalismo. Tinha das mulheres uma theoria, que expunha nos seguintes termos:

— Deus Nosso Senhor depois de ter feito o homem ao sexto dia, poz-se a olhar para elle e teve a idéa de lhe dar uma companheira. Mas tinha-se-lhe acabado o barro. Deus Nosso Senhor olhou para o chão e viu espalhados por aqui e por allí alguns boccaditos de barro com que fizera os animaes. Se nós aproveitassemos estas sobras? — pensou Deus Nosso Senhor. E assim foi que veiu a apparecer no Paraiso a mulher, engenhada com restos de macaco, de raposa, de gata, de tigre, de papagaio e de serpente.

Na sua qualidade de valetudinario tinha horror á agua fria, e o banho era para elle um abysmo sem as vertigens da attracção. Falando de senhoras da sua convivencia dizia cheio de pasmo:

— Ellas lavam-se pela manhã (e ia contando pelos dedos); lavam-se depois de almoço para sahirem; lavam-se ao chegar a casa; lavam-se depois de jantar, finalmente tornam a lavar-se á noite antes de

se irem deitar... Nunca vi gente mais porca! Eu lavo-me uma vez, pela manhã. Algumas vezes nem pela manhã me lavo, porque não preciso; estou limpo!

Chegando de uma digressão á provincia do Minho, interrogavam-o ácerca dos costumes, da vegetação, da paisagem. No meio da narrativa que elle fazia, lembrou-se alguém de perguntar:

—E a agua? dizem que é muito boa, a agua... Que tal?

—Da agua nada sei nem por experiencia propria, nem por informação das pessoas com quem convivi. A seriedade geral dos espiritos põe a agua d'aquellas terras ao abrigo de toda a curiosidade indiscreta. A agua é para o boi.

Entrou em varias empresas lucrativas mas nunca o dinheiro lhe coalhou nas algibeiras. Emquanto palpava libras no bolso devorava-o como uma especie de febre a necessidade de as gastar e andava pelas ruas envergonhado, como quem pede esmola, pedinchando a torto e a direito para que lhe fizessem o obsequio de lhe acceitar um jantar, uma ceia, ou pelo menos um simples *lunch*.

—São apenas dois ou tres minutos de demora! dizia elle com uma expressão supplicante, quasi lacrimosa — é um instante, alli defronte, na confeitaria... Ainda que já lunchasse não importa, leva para ca-

sa, embrulha-se n'um papel, ou eu lá lhe mando as cousas n'um cesto por um homem... Pst! pst!...

E principiava a chamar um gallego.

E eu proprio o encontrei n'um d'esses accessos que eram n'elle frequentes. Eu subia a rua Nova do Almada. Elle estava de atalaia á porta da confeitaria italiana. Embargou-me o passo.

— Venha tomar neve!

— Não posso. Vou jantar, e só depois de jantar é que tomo neve.

Elle então, segurando-me por um braço, disse para dentro:

— Neve já para casa d'este senhor!... Isso bem feito!

Effectivamente estava eu esquecido já d'este encontro, comendo a minha salada, quando pulso athletico me metteu dentro da porta de casa uma enorme colhér com um boião de cobre cercado de gêlo e contendo sorvetes de pêcego para vinte estomagos. Pessoa que elle conhecesse não podia deixar de lhe dever, voluntaria ou involuntariamente, serviços pelo menos d'este genero, que eram os menores que elle prestava.

De outra vez pediu-me um favor, foi o unico que tive occasião de lhe fazer. Encontrando-me casualmente no Chiado, pediu-me cinco minutos de attenção para um negocio grave, metteu-se commigo no

fundo de um portal e principiou por me referir através de um enorme *cachenez* qual o estado do seu fato e da sua roupa branca. Por fim rogava-me encarecidamente que lhe mandasse fazer as camisas, os pares de calças, os colletes e os paletots que em minha consciencia me parecesse que elle precisava.

Levei-o a casa de Strauss. Começaram a desdobrar as fazendas para elle escolher. Decidi que era inutil fazer-lhe mais sobretudos: elle trazia dois por cima da sobrecasaca e tinha mais quatro ou cinco espalhados por differentes sitios. Vieram cortes de calças, as fazendas para *costumes* de passeio e de trabalho, os generos inglezes, os generos de Paris, mais escuro, mais claro, um pouco mais leve, para mais gasalho. Voltei-me para ouvir a opinião d'elle. Caldas estava ao fundo enconchado ao canto de um sofá, defronte de uma pequena banca. Tinha tirado o *crochet*: estava a trabalhar.

— Como se fosse para si! Como se fosse para si! dizia-me elle sem levantar os olhos do manuscrito.

D'ahi a um mez, encontrando-me no Lyceu Nacional, veiu dizer-me em voz baixa:

— Agradou muito lá em casa!

— O que? perguntei eu surprehendido.

— O fato que você me mandou fazer.

E foi-se embora com o corpo derreado para um

lado, o chapéo atraz das costas, o olhar abstracto, o dedo indicador da mão direita mettido na bôcca.

Quando algum dos seus amigos adoecia Caldas Aulete acampava em casa d'elle, para o tratar, para lhe fazer companhia. Tinha em casa do enfermo um par de sapatos, permanentes, um chumbo de rapé suplementar, e—suprema prova de affeição—chegava a deixar lá ficar o *crochet*, de refens, de uns dias para os outros! De uma vez que o dr. Thomaz de Carvalho esteve gravemente doente, nunca o fui visitar que não fosse Caldas Aulete quem me abrisse a porta. Em casa de Latino Coelho, quando a mãe d'este escriptor adoeceu da enfermidade a que succumbiu, era igualmente Caldas Aulete quem vinha á porta dar-me noticias d'ella envolvido nos seus tres paletots com duas gollas levantadas para cima.

Entreter os convalescentes e distrahir os scismaticos era outra das suas especialidades.— «Levem-o para fora de Lisboa, é absolutamente preciso distrahil-o»—diziam os medicos a respeito de um amigo d'elle. Mas, como o sahir de Lisboa era impossivel, Caldas resolveu distrahir o seu amigo fazendo-lhe vêr na cidade aspectos inteiramente desconhecidos, cuja impressão devia equivaler á de uma viagem em paiz extranho. Tinha feito estudos para este fim e sabia de bêcos, de viellas, de botequins, de tabernas, dos sitios em que se exerciam as industrias de

deitar cartas e de levantar espinhelas,— finalmente, de um conjunto de cousas interessantes, que levavam muitos dias a vêr e que eram tão originaes e tao extranhas como as que se passassem na China.

Mas o incommodo que elle mais gostava que lhe dessem, a apoquentação de que era mais ávido, a massada para que se sentia com mais gula, era a de leccionar em instrucção primaria e em portuguez as creanças em vespera de exame. Os jovens candidatos tinham por elle uma estima e uma veneração superstitiosa. Consideravam-o a Providencia de que dependia o exito das provas. Era chamado á ultima hora como um medico sublime, dois ou tres dias antes do exame, para habilitar estudantes retardatarios. Prestava-se a todas as solicitações, que para esse fim lhe faziam, com um desinteresse absoluto, com uma paciencia heroica. Não affligia nunca as familias com prognosticos aterradores.

—Vós sois os meus peccados! dizia elle aos pequenos que não sabiam nada. Mas deixae estar que ainda se vos ha de dar uma volta. Tomae bem sentido no que eu vos explicar. Ora aqui temos nós... (E sentava-se com elles em estreita intimidade em redor de uma mesa)... Fazei de conta que este chapéo é o sol, este cartucho de rapé é a terra, que gira sobre si mesma e anda em volta do sol aqui pela borda da mesa... Tirae os cotovellos para deixar

andar a roda á sua vontade... Aqui vae a terra!...

E assim conseguia ensinar-lhes os elementos de geographia mathematica em vinte ou trinta minutos.

Quando os estudantes em perigo de reprovação eram profundamente estupidos, elle dizia ás mães:

— O seu filho, minha senhora, não é destituído de talento nem de applicação, mas é excessivamente tímido, excessivamente tímido, minha senhora! Não é verdade Antoninho?... Anda, homem, desembaraça-te, fala com franqueza a tua mãe... Não é verdade que és excessivamente tímido?

E as mães com as lagrimas nos olhos agradeciam a Caldas Aulete esta maneira tocante de lhes annunciar que tinham um filho bruto.

Nos exames em que interrogava como vogal do jury, sempre que o alumno errava elle dizia-lhe:

— O alumno está evidentemente perturbado. Procurarei fixar a attenção do alumno sobre o assumpto de que se trata.

E depois de lhe ter dado a noção que o alumno não possuia, repetia-lhe a pergunta, ouvia-lhe a resposta que lhe tinha ensinado, e dizia-lhe por fim:

— Andou muito bem, estou muito satisfeito!

Assim os alumnos que elle interrogava não erravam nunca de um modo grave, porque acabavam

sempre rectificando todos os erros em que incorriam.

E Caldas então discorria por este modo:

— É verdade que elles ignoravam algumas cousas, as cousas precisamente sobre que eu os interroguei. Mas essas cousas ficaram a sabel-as porque eu lh'as ensinei. Logo devo approval-os.

E pela sua parte approvava sempre, invariavelmente todos os alumnos que examinava. «Os outros reprovam; reprovam porque? dizia elle; reprovam porque os não ensinam! Que façam como eu; que os ensinem e logo escusam de os reprovar».

Fala-se geralmente em Antonio Feliciano de Castilho como o primeiro amigo das creanças. Esta reputação d'aquelle eminente litterato com muitos outros titulos á nossa estima, parece-me usurpada. O grande amigo das creanças portuguezas era Caldas Aulete.

Se tivesse vivido em um meio intellectual mais propicio ás suas tendencias; se tivesse sido influenciado por uma corrente de idéas mais scientificas que as da sua época; se tivesse chegado a comprehender que a educação não é mais do que um desdobraimento e uma applicação da physiologia humana e da hygiene privada e social, applicação sujeita a leis que se não comprehendem sem a precedencia do mais grave estudo das sciencias biologicas e de todo o conjunto da sociologia; se Caldas

tivesse tido, finalmente, um methodo, elle teria sido um verdadeiro pedagogo no alto sentido que esta palavra tem depois da obra de Frœbel.

Ninguem mais proprio do que Caldas Aulete, pela sua doçura, pela sua dedicação affectiva, pela sua paciencia, para iniciar em Portugal as *licções de cousas*, para fundar em Lisboa os *jardins de creanças*. Quando Frœbel montou a sua primeira escola para as creancinhas de dois annos de idade, tiveram-o geralmente por um doudo.

Isso, porém, não obstou a que os risonhos jardins de creanças devidos á sua iniciativa se vulgarissem rapidamente e sejam hoje a primeira das glorias da educação allemã. Se Caldas tivesse tido em Portugal a mesma idéa tomal-o-hiam igualmente por um orate. Sómente julgal-o-hiam nocivo, e acabariam decerto por amarral-o.

IX

O MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Janeiro de 1876.

D'entre os poucos homens que representam ainda em Portugal a antiga geração guerreira desapareceu n'este mez um dos vultos mais assignalados pelos seus feitos de valor militar, — o marquez de Sá da Bandeira.

Na occasião em que se annunciava a morte d'esse estimado cidadão, dois jornalistas da geração nova, filha da paz assegurada pelas instituições constitucionaes, reciprocavam-se nos seus respectivos jornaes os insultos mais pungentes, e quando se cuidava que a contenda se resolveria pelo sangue, os batalhadores da imprensa espadeirados pelo adjectivo infamante, atravessados no ventre pelo nome injurioso, davam por liquidado o ponto de honra com

os ferimentos grammaticaes, e a attenção publica desviava os olhos d'este incidente para vêr passar o féretro do antigo soldado.

Boa occasião, valente velho, boa occasião, realmente, para que pela derradeira vez nos descubramos deante de ti, deante de ti que tinhas uma penna e uma espada, nós outros, que temos unicamente uma penna!

E é pouco — vês tu — é pouco para a dignidade humana, é pouco para a sustentação de principios, é pouco para a simples affirmação das idéas — ser unicamente o plumitivo!

É do direito das gentes que todo o tratado se considera nullo desde que n'elle cessa a lettra de ser mantida pela espada. As idéas são como os tratados: pouco vale firmal-as com a nossa tinta quando não somos capazes de confirmal-as com uma gôtta do nosso sangue.

Os da tua geração crearam uma aristocracia militar. Nós outros, homens da paz e do jornalismo, creamos uma outra aristocracia, menos perigosa no rigoroso sentido d'esta palavra, mas muito mais damninha: a aristocracia plumitante.

Não serias tu, — tu que na defesa da tua idéa perdeste um braço e cahiste no campo com o cráneo escalavrado pelas cutiladas, o corpo calcado pelo

galope dos esquadrões — não serias tu que te contentasses em defender-te trocando com o inimigo dois golpes de phrase!

Foste valoroso, porque tiveste os teus principios de accôrdo com os teus interesses, os teus actos de accôrdo com as tuas convicções.

Nós vivemos na confusão. Como as instituições em que nos achamos não merecem o nosso respeito, a estima pelo que nos cerca foi-se confrangendo successivamente até se achar reduzida ao amor exclusivo do nosso corpinho.

O valor, o brio, a coragem, a abnegação, o desprêzo da vida são phenomenos procedentes da solidariedade humana. Deixamos de ser solidarios: cahimos no egoismo. Uma ou outra vez consentimos em nos deixar mutilar, comtanto que não seja senão no pundonor, porque o pundonor perde a sensibilidade desde que nas relações publicas dos caracteres se manifesta o desprêzo.

Na guerra em que tu serviste perdem-se os braços pela paixão partidaria; na intriga em que nós militamos perde-se a faculdade de nos servirmos d'elles pela indiferença social. Mutilação por mutilação. Barbaridade por barbaridade. Lástima por lástima.

Do sangue generoso que tu derramaste procedeu a liberdade em que nós apodrecemos. Precisamos de

guerreiros novos que derramem a sua razão para reconstituir a nossa dignidade.

Descança no entanto em paz, soldado ingenuo!
e que tão leve te seja a terra que libertaste quão
inutil lhe tem sido a ella a liberdade que lhe déste!

X

O BARÃO DE RIO ZÉZERE

Janeiro de 1876.

Falleceu tambem o sr. barão de Rio Zézere, e consta dos jornaes que os commerciantes de Lisboa estão fazendo uma subscrição para levantar um monumento á memoria d'este general. Porque? Porque a personalidade do barão de Rio Zézere symbolisa o principio da ordem, e os srs. commerciantes, assustados pelo incremento das modernas theorias revolucionarias, acham inutil tributar, em nome da classe a que pertencem, este publico testemunho da sua consideração como auctoritarios e como conservadores ao finado chefe temporal do seu poderoso partido.

Ha porém um notavel equívoco da parte dos srs. commerciantes, e vem a ser que os srs. commerciantes não constituem na sociedade uma classe

conservadora, como elles julgam, mas sim uma classe eminentemente e radicalmente revolucionaria, cujos interesses estão em opposição absoluta com o principio politico de que o sr. barão de Rio Zézere é a expressão armada.

Phenomeno verdadeiramente extraordinario: A classe mais antiga e a mais importante da sociedade portugueza — a classe commercial — ignora completamente a natureza do seu officio no meio da civilisação! Tão profunda é a confusão das idéas! Tão falsas são as bases em que suppômos repousar a nossa organisação!

Ha duas cousas diversas que vós confundis, ó burguezes: o vosso egoismo pessoal e o vosso altruismo de classe. Confundis tambem est'outros nomes: a *revolução* e a *bernarda*. E como o vosso egoismo condemna a bernarda imaginaes possível que a vossa missão altruista se cumpra sem a revolução.

A revolução porém, caros amigos, a revolução sois vós mesmos. Approximando os novos productos das novas necessidades sois vós, commerciantes, que tendes operado em Portugal a unica obra revolucionaria que n'elle se tem feito no presente seculo: a reforma dos costumes.

Fostes vós que creando o commercio dos cereaes

déstes uma solução nova ao antigo problema das grandes fomes.

Fostes vós que, importando de longinquos climas o café, o chá, o algodão, o petroleo, modificastes radicalmente as condições das sociedades modernas com relação ás sociedades que as precederam.

Fostes vós que, trazendo á sociedade portugueza os estofos inglezes, francezes, allemães, nos libertastes do briche e do burel dos frades e dos capitães-móres.

Cada uma das vossas aquisições, cada passo dado no vosso desenvolvimento tem correspondido a uma revolução na geographia, na geologia, na chimica, na hygiene, na economia, na moral.

Ainda que n'uma ordem subalterna, vós sois uma das ramificações directas da grande arvore da sciencia.

Lançando na circulação, na permutação, no consumo, os productos das artes e das industrias, vós sois um dos mais poderosos instrumentos do progresso, a mais violenta antithese da conservação e do *statu quo*.

Emquanto os governos conservadores fecham os portos, tributam as industrias, fortificam as fronteiras, dilatam as alfandegas, armam o fisco e sustentam os exercitos permanentes, vós, pelo contrario, ides demolindo lentamente, dia a dia, essa obra des-humana, e pela vossa força de classe eminentemente expansiva, lançaes por toda a parte a confrater-

nidade dos interesses communs, o respeito correlativo dos direitos, a vasta associação universal, a grande incorporação das nacionalidades no dominio da Humanidade.

O finado sr. barão de Rio Zézere exprimia a ordem. Vós, negociantes, commerciantes, mercadores, vós sois pela vossa intima natureza, pela essencia mesma da vossa vida, a negação mais positiva e mais terminante da ordem.

Vós outros, amigos, sois a liberdade.

Sabeis o que quer dizer a liberdade no systema politico? Quer dizer a refutação da violencia dos antigos regimens depredatorios, das velhas formas de governo, que pesam ainda miseravelmente sobre as sociedades contemporaneas pela razão unica de que a intelligencia dos povos não alcançou por emquanto a comprehensão dos costumes fundados na liberdade.

Sabeis o que é o governo? O governo é um phenomeno puramente transitorio, é uma funcção correlativa da ignorancia social.

O triumpho dos conservadores — diz Herbert Spencer, um dos grandes codificadores da sciencia moderna — indica um predominio dos habitos violentos e egoistas; o triumpho dos reformadores prova que os habitos sympathicos e o respeito dos direitos adquiriram o predominio.

Logo que esse predomínio se tornar universal, toda a especie de governo, electivo ou hereditario, procedente do direito divino ou do suffragio popular, desaparecerá como inutil e portanto como impossivel. Tal ha de ser definitivamente, segundo as mais justas previsões da philosophia, o destino futuro da sociedade humana.

O grande movimento revolucionario, filho dos progressos mentaes da humanidade, manifestado hoje por toda a parte e por toda a parte convergindo para a liberdade, é em Portugal mantido principalmente pela classe commercial. E é precisamente esta classe a que mais se atemorisa com o progresso da revolução, — da revolução que é ella propria! Caso inaudito, inteiramente novo, completamente inesperado: — Um ente com medo de si mesmo!

Eis sob a formula mais precisa e mais clara o facto que se está dando na classe commercial:

Ella ia indo seu caminho. De repente olha, estremece, vê a sua sombra no muro, reconhece a figura do progresso e apita. A municipal acode e põe um soldado de baioneta calada ao lado da sombra da classe commercial projectada no muro. Então a classe commercial prosegue tranquilla, confiada, e pensa comsigo:

— Devo a vida a esta baioneta, vou levantar-lhe uma estatua!

Oh! a classe commercial parece querer fingir que se acha idiota! Não seria outra cousa erigir um monumento em que eternisasse esta inscripção :

Á MEMORIA

DO CIDADÃO QUE REPRESENTOU VALOROSAMENTE :
OS PRINCIPIOS DA REPRESSÃO,
DA BARREIRA, DA FORÇA ARMADA, DA CENTRALISAÇÃO,
DO AUCTORITARISMO,
DO MILITARISMO E DO STATU-QUO.
LEVANTA ESTA LAPIDE,
EM TESTEMUNHO DE GRATIDÃO E DE ALLIANÇA,
A CLASSE
QUE SÓ PODE VIVER NOS PRINCIPIOS OPPOSTOS
AOS DO CIDADÃO REFERIDO, ISTO É :
NA DILATAÇÃO MAXIMA NO CREDITO E NA RECIPROCIDADE
DOS INTERESSES, ATRAVÉZ
DE TODAS AS BARREIRAS, DE TODAS AS AUCTORIDADES,
RECEBENDO DA SCIENCIA
O SEU PODER E A SUA FORÇA, NÃO TENDO POR GUIA
AS BANDEIRAS DOS REGIMENTOS
NEM POR VOZ DE ORDEM O RUFAR DOS TAMBORES,
MAS SIM
OS DESCOBRIMENTOS DA GEOGRAPHIA, DA CHIMICA,
DA MECHANICA, DA AGRONOMIA, DA MINERALOGIA,
FINALMENTE A VASTA
SCIENCIA PROGRESSIVA E O LIVRE ESPIRITO UNIVERSAL.

XI

O CONDE DE REZENDE

Agosto 1875.

No mesmo dia e á mesma hora em que o cadaver do duque de Loulé era pomposamente sepultado no cemiterio dos Prazeres, um pequeno grupo de individuos separados do grande prestito, tristes, silenciosos, de cabeça descoberta, acompanhavam á cova um caixão levado á mão por oito pobres e coberto por um velho panno de velludo de algodão distingido, com reflexos amarellados, franjado de galões ennegrecidos, e cuspidos de grossos pingos de cera amarella.

Nós mesmos eramos d'este pobre enterro obscuro.

As ruas do cemiterio estavam cheias de espectadores, poderíamos dizer de *dilettanti*. Pessoas de todas as condições tinham alli vindo para vêr; operarios com as suas jalecas ao hombro e o cigarro

ao canto da bôcca ; sujeitos bem vestidos, com frescas gravatas de listras diagonaes encarnadas e azues ; senhoras olhando por baixo das suas sombrinhas guarnecidas de rendas ; meretrizes fazendo ranger ao roçar pelos tumulos a gomme das suas largas saias rumorosas.

Fora do cemiterio, as filas de carruagens descobertas postadas nas avenidas com senhoras em pé, tendo os leques abertos contra o sol, davam ao logar o aspecto animado e pittoresco de um hippodromo em dia de *courses*. Os regimentos chegavam com garbo festival fazendo scintillar as baionetas e as charlateiras, e ao som dos trechos mais vivazes da *Filha de Madame Angot*, os coroneis, de espadas desembainhadas, batiam um compasso marcial com os seus gordos ventres mavorcios sobre os coldres dos sellins. Os coupés rodavam animadamente e despejavam á entrada do cemiterio successivos uniformes recamados de ouro e cortados pelas fitas transversaes das grã-cruzes.

Nós fomos para a capella com o nosso morto. O caixão foi deposto a um lado, de travez, sobre dois cavalletes de ferro trazidos por um gato pingado. Um padre gordo, tendo acabado de comer, limpando os dentes com a lingua, veiu de sobrepeliz e estola, com uma véla suspensa no dedo minimo pela aza do pavio, e, abrindo um livro, engrolou rapida-

mente um latim apressado, chouteiro, sem cerimonia, arregaçado, verdadeiro latim de pobre, como o aspecto d'esse féretro; e sahimos logo, de fugida, aos encontrões dos gatos pingados e dos carrejões suados que chegavam com molhos de tochas para o enterro do sr. duque.

Atravessamos o cemiterio por entre a mais compacta, a mais animada, a mais ruidosa multidão. Como os empregados no serviço do funeral nos tinham inteiramente abandonado, enganamo'-nos com a sepultura do nosso fallecido amigo, e fomos ter a um ponto opposto áquelle em que a sua cova o esperava. Então aquella boa gente, aquella respeitavel publico, que tão difficilmente ri nos bailes de mascaradas, no circo Price e na feira de Belem, achou-nos infinita graça e riu larga e gostosamente, riu muito mais de nós e do nosso morto do que na vespera se tinha rido de Secchi e de Withoyne. Aquella multidão teve dictos ironicos, picantes, finamente zombeteiros perante o comico aspecto que nós apresentavamos, vestidos de casacas pretas como outros tantos gafanhotos perdidos no meio das campas, levando o cadaver do nosso amigo como uma grande papoula negra murcha e pendida sobre a alta herva.

Era effectivamente um espectaculo bem chulo e bem truanesco! E não obstante — é incrível isto! — nós choravamos.

Não eram de saudade as nossas lagrimas n'esse momento; eram de ternura, eram de gratidão, eram de reconhecimento pelo bom humor jovial, pela fina graça, pela dôce alegria bondosa d'aquelles cavalleiros que nos apupavam.

Acceitae o tributo d'estas lagrimas que vos pertencem, ó caros lisboetas patuscos! recebei-as nos vossos cangirões de Cartaxo, urnas funerarias em que tão bem se casa o vosso respeito pelos mortos com o vosso amor pelo vinho.

O cadaver que nós acompanhavamos á sepultura era o do conde de Rezende.

Esse corpo, que a vontade expressa do finado fazia enterrar tão pobremmente, fôra habitado pelo mais elevado espirito que temos encontrado no mundo. O conde de Rezende reunia todas as qualidades que dão a superioridade e a distincção. Em Portugal, logo que o seu merito interviesse nas questões publicas, elle, só, constituiria uma revolução e occuparia um logar extraordinario e unico. Como todo o homem eminente d'este seculo, possuia inteiramente a exegése moderna. Era encyclopedico. Tinha estudado profundamente as mathematicas, a physica e a chimica, a anatomia e a physiologia, a philosophia, a historia, o direito, as linguas, as litteraturas, as religiões, as raças, as estatisticas, os costumes.

Faltava-lhe o espirito artistico, que é uma scintillação, mas que é tambem uma fraqueza, porque todo o artista participa um pouco da organização sensível das mulheres e das creanças; elle era inteiramente um homem, na mais forte accepção d'esta palavra. O seu temperamento frio, altivo, imperturbavel, coadunava-se bem com o seu pensamento de aço, rígido e cortante. Não havia problema que elle não resolvesse, não havia situação que elle não dominasse, não havia perigo de qualquer ordem ou de qualquer natureza que elle não calcasse impávidamente aos pés. Tinha o mais alto sentimento da honra, da dignidade, da justiça e do dever. Tomava a sério a vida e o destino humano. A sua grande alma precisava dos altos principios, das fortes luctas e dos rijos combates. Sorriam-lhe egualmente as grandes victorias e os grandes desastres. Estava destinado a ser um heroe ou um martyr.

Na vespera do dia em que elle devia tomar assento na camara dos pares, uma catastrophe terrivel lançou um lucto eterno e uma dôr inextinguivel na amizade de alguns homens tragicamente separados desde então por um risco de sangue, que será para sempre indelevel se até hoje não conseguiram ainda apagal-o as sinceras lagrimas a que elle deu origem.

O lastimoso successo a que alludimos tocou profundamente o conde de Rezende. Os pontos lumi-

nosos do seu destino appareceram-lhe repentinamente apagados; a sua carreira, por isso mesmo que era essencialmente apparatusa e brilhante, figurou-se-lhe então, atravez do seu estado de espirito, absolutamente escura, insignificante e mesquinha. Se elle tivesse um estado, uma profissão, em que as suas faculdades podessem exercer-se no isolamento e na obscuridade, o conde de Rezende ter-se-hia por certo salvado. A politica portugueza porém, na qual elle era chamado a intervir, esta baixa politica sem principios, sem dignidade, sem elevação, pomposa de uma pompa barata e réles, repugnava ao seu fino espirito desilludido e maguado.

N'esta crise adoeceu. Os medicos mandaram-o para as aguas de Vichy. Nunca mais recuperou a saude.

A sua forte razão, que precisava absolutamente de principios e de convicções, a sua razão incompativel com a ociosidade e com a indifferença, lançou-se então na religião, no mysticismo theologico; no mundo sobrehumano, no problema dos destinos superiores e eternos.

Ferido mortalmente no seu organismo, tendo o fígado inteiramente atrophiado, conhecendo perfeitamente o seu estado, viu de muito longe a morte, e durante tres annos esperou-a em cada dia, tranquilamente, imperturbavelmente, com uma serenidade glacial.

Para os seus amigos conservou constantemente, até a ultima hora, a sua distincta physionomia de fidalgo, de erudito, de homem do mundo. Transportado em braços para o seu *fauteuil*, com os joelhos abafados no seu *couvre-pieds*, um sobretudo abotoado até ao pescoço, a cabeça coberta com o mesmo bonnet de viagem com que tinha atravessado os Pyreneus e os Alpes, a sua conversação era ainda admiravel, cheia de factos, de idéas, de traços de critica rectilinea, precisa e faiscante. Entre a sua botija de agua quente e os innumerados frascos das suas drogas medicinaes, cuja acção elle explicava espiritosamente com um grande luxo technico, o conde de Rezende tinha o segredo de ser tão interessante e tão distincto, de conservar tão inteiramente a linha, as maneiras, o grande ar, como se estivesse em *toitette* de baile n'uma recepção de côrte.

Um dia, ás 10 horas da manhã, o seu creado de quarto, tendo acabado de o vestir, disse-lhe: — «Se o sr. conde dá licença, mande á botica repetir o seu remedio.» Elle respondeu: — «Como quizer; mas é talvez inutil, porque eu morro d'aquí a uma ou duas horas.»

Em seguida pediu os sacramentos, recebeu as pessoas da sua familia e algumas da sua amizade, falou como habitualmente, e pouco depois do meio dia expirou.

Os seus amigos perderam um insubstituivel com-

panheiro, em quem a honra, a dignidade e o valor tinham as proporções da mais austera licção e do mais brilhante exemplo. A sua patria perdeu n'elle, extinto na mocidade, os germens de uma actividade operosa e fecunda, cujos fructos mostrariam mais tarde que o conde de Rezende era um dos espiritos mais rija e mais fortemente armados para a lucta moderna, uma intelligencia deslumbrante, e um raro character, dos poucos que honram a humanidade assignalando o homem da mais completa e da mais perfeita qualidade.

Não teve no cemiterio as honras devidas á sua jerarchia de conde, de almirante, de official mór e de par do reino. Tambem não teve na imprensa o cortejo litterario do necrologio, o elogio funebre.

Pobre amigo! desapareceste da terra tão obscuramente como se fôsses uma cousa inutil! Descança porém em paz, porque não foste esteril nem infructifero no mundo. Ter uma alma temperada como a tua, ser um homem como tu foste, ainda que na esphera mais recolhida e mais obscura, é realizar uma boa e difficil obra, é deixar no mundo uma contribuição poderosa para o grande e eterno aperfeiçoamento humano, — é merecer finalmente a mais dôce companhia que pode seguir-nos ao tumulo: a saudade dos nossos amigos e a benção dos nossos semelhantes.

XII

JERONYMO COLLAÇO

Janeiro 1884.

O outro que com o novo anno partiu igualmente para a viagem de que se não regressa foi Jeronymo Collaço de Magalhães. Conheceram-o, de vista pelo menos, todos aquelles que por algum tempo viveram em Paris a vida parisiense.

Galopava no Bois todas as manhãs, á hora do *pschut* equestre, e ainda o anno passado, pela primavera, quando começavam a verdejar as collinas de Meudon e os primeiros lilazes floriam nas barracas da Magdalena; os habituados da avenida de Potens esperavam a passagem magistral do seu famoso irlandez lazão vermelho, de rabo curto, pequena crina rala e macia, estacas finas e cascos altos, resaltando do chão a cada pégada como se tivessem dentro molas de aço.

E ás 7 horas *Magellan* passava, com effeito, percorrendo o bosque n'uma galopada de *haute allure*, em jaquette de manhã, um stick atravessado na mão da rédea, uma rosa no peito, estribando sem presilhas e sem esporas, na gineta de *clubman*, á vontade no sellim como n'um fauteuil. Era a sua hora de ir ao curral do *Steeple* de Auteuil beber um copo de leite á têta da vacca Mathilde, que elle recompensava dando-lhe de comer por sua mão duas cenouras e pousando-lhe no focinho um beijo de *nourrisson*, em troca do direito que ella lhe conferia de reaparecer no Bois sobre um cavallo suado em regra.

De tarde, a sua carruagem, montada com o mais escrupuloso rigor da disciplina ingleza em uma revista de *sport*, aos olhos da princeza de Galles em Hyde-Park, era apontada como a mais peritamente governada de quantas desfilavam pela avenida das Acacias ao ranger dos arreios novos, balançados em oito molas, reflectindo de fugida nos tampos espe lhados focinhos rosados de mulheres e angulos verdejantes de paizagem fugidia, illuminada pelo sol poente.

4/ Nunca faltou na sua cadeira da orchestra da Opera nas noites regulamentares. Era certo nas primeiras representações de todas as peças: ás terças-feiras na Comedia Franceza, ou aos sabbados no ex-

tincto Mabile; nas *courses* de Chantilly como nas de Epsom; no carnaval em Nice; no inverno em Monaco; no verão na Suissa ou nas praias da Bretanha; e ao fechar da estação de banhos, em Dearville.

Conheciam-lhe a sombra familiar, os armazens de antiguidades, os leilões do Hotel Drouot, os picadeiros dos Campos Elyseos, as salas de armas de Robert, de Pons e de Bonnet, os tiros de Devenne e de Gastine-Renette, na Allée d'Autin, as pesagens dos hippodromos de Long-champs, de la Marche, de Chantilly e de Vincennes, e os gabinetes do Café Anglais, da Maison Dorée e do Bignon, onde raras estrangeiros, nenhum portuguez, incluindo o proprio marquez de Niza, o Paiva de Araujo e o conde de Carvalhal, fizeram correr tanto Champagne como elle.

Tinha viajado muito e, na qualidade de addido de legação residira successivamente em Washington, em Londres, em Vienna, em Berlim. A sua estreita educação litteraria de simples bacharel, formado em direito pela Universidade de Coimbra, desenvolverase largamente no trato do mundo e na convivencia espiritualizante de muitos artistas e de muitos escriptores. Abrindo raramente um livro, tinha luzes superficiaes mas encyclopedicas do movimento intellectual do seu tempo, e sabia entrar sem pedanteria

nos problemas do espirito moderno, resalvando a individualidade da sua opinião pela presteza com que subordinava ao seu ponto de vista mundano as questões de qualquer ordem; verdadeiro talento de sociedade, util agente mediador de convivencia entre os multiplos interesses do estudo e os da vida airada, entre a litteratura e os costumes, entre a historia e as viagens, entre a arte e a moda. No meio de um socio da Academia Franceza e de um socio do Cercle des Mirlitons, elle tinha a habilidade especial de achar facilmente os pontos de contacto em cada um e de pôr os dois em communicação.

Um dia, achando-me a jantar com alguns escriptores em casa de Aurélien Scholl, D. Nestine, ainda a esse tempo redactor do *Figaro*, falou de Jeronymo, e Scholl, interrompendo-o: — *De Magellan, comme tous les détroits du reste...* Esta phrase classifica. Pela sua missão de espirito na sociedade tão promiscua que frequentava, elle era effectivamente uma especie de estreito, estabelecendo corrente e communicando mares.

Ha cêrca de quinze annos que Paris o absorvera, se apoderara d'elle inteiramente e o convertera n'um dos dentes da sua complicada engrenagem.

Depois do cavalheiro Gama Machado, a quem coube a honra de merecer um capitulo na historia dos excentricos de Chamfleury, foi Collaço de Ma-

galhães o unico portuguez que figurou como ponto de relação nos modernos roteiros e cartas de navegar do pego de elegantes, de artistas, de principes exilados, de *cocottes*, de *croupiers*, de *huissiers* e de *rastaquouaires*, que medeia entre o restaurante da Cascata no Bois de Boulogne, o café Riche, o Monte Pio, a cadeia de Mazas e a Morgue; e achava-se o nome delle nas chronicas diarias do theatro, das *courses*, das caçadas, das regatas, das exposições de arte, das praias de luxo, e em todas as folhinhas do *sport* e da galanteria, sob as diversas e accumuladas menções de *homem de cavallo*, de *homem de espada*, de *homem de jôgo*, de *homem de mulheres* e de *homem de espirito*.

Na sociedade burgueza de Lisboa Jeronymo era simplesmente um exotico e, como todos os exoticos da moda, um grotesco.

A opinião, alvoroçada com a presença d'elle corria-o á chufa, na difficuldade comprometedora perante a vigilancia policial de o correr á pedra. Da penultima vez que ahi veiu, ha tres ou quatro annos, os seus sapatos de bico, as suas calças justas, os seus chapéos arqueados, a sua bengala de castão de prata lavrada á Luiz XIV, os seus tres aneis inglezes, de grandes pedras, o seu grande botão solitario de uma perola preta rodeada de brilhantes no peito da camisa de baile, causaram a in-

dignada reprovação geral de todos os janotas do Chiado. Hoje trazem todos elles sapatos muito mais bicudos, calças muito mais apertadas, muito mais prata nos castões das bengalas, muito mais ouro nos aneis, muito mais arco no chapéo e muito maior botão no plastron da camisa. E, louvado seja Deus Nosso Senhor, acham-se lindissimos uns aos outros, desde que se puzeram todos do mesmo feitio que tanto os revoltara ha tres annos!

De cada vez que Jeronymo reaparecia na cidade, o Chiado berrava: *Ai que grande asno!* E em pensamento accrescentava: *É como eu hei de ser d'aqui a um mez.* Isto faz honra á mocidade elegante de Lisboa. Não quer ella sempre ser tôla, porque lhe dá a preguiça, mas quando o quer não deixa que ninguem lhe sobreleve n'essa iniciativa arrojada. Está muito enganado o boulevard se cuida que poderá alguma vez pôr ao peito um *cabochon* maior do que o que porá Lisboa d'ahi a tres annos. Se Paris botar á camisa um botão das calças, o Chiado usará no peitilho um puxador de commoda — sempre tres annos depois.

As sociedades teem as suas doenças mesologicas determinadas pelas condições moraes do meio, assim como os paizes teem as doenças influidas pelas condições physicas da exposição geographica. Em Lisboa reina a apathia epidemica e mortal. Em Pa-

ris grassa a lesão, igualmente contagiosa e mortal, compensadora até certo grau da apathia, — o *affollement*.

Jeronymo era um *affolé*. Antes de se lhe declarar a lesão cardiaca de que morreu, minava-o já a terrível nevrose do boulevard. A mesma a que succumbiu o nosso diplomata visconde de Paiva, o qual, ao cabo de dez annos de vertigem n'essa frenetica valsa da morte que foi a vida palaciana do segundo imperio, triumphante de chic nas caçadas, nos quadros vivos e nos cotillons de Compiègne, nas galas deslumbrantes da velha opera, nas *medianoches* mascaradas da princeza Mathilde e da duqueza de Morny, uma bella manhã, rodeado de bibelots preciosos, de violetas murchas, de bilhetes perfumados e de contas sem recibos, amado, victorioso, invejado, appareceu enforcado no docel de seu leito imperial, de columnas de ebano e cortinas de setim azul. A mesma de que igualmente morreram Paiva de Araujo e Manuel Brown. O primeiro, depois de haver desbaratado no *sport*, no amor e no bacarat uns poucos de milhões, arruinado aos quarenta annos, na fortuna pelas dissipações de dinheiro, na dignidade pelo seu casamento com a *cocotte* celebre a quem deu o nome, acabou por fim esquecido no fundo de um bairro barato de Paris, pregando os miolos com tres balas no tecto de um obscuro *appartement garni*. O segundo,

mais infeliz ainda, tendo-se-lhe acabado os appetites antes de se lhe acabar o dinheiro, havendo appellado debalde para todos os galvanismos da vontade, para todas as tonificações dos nervos adormecidos, tendo-se batido como soldado na campanha da Criméa, tendo levado ao terreno todos os espadachins que conheceu, tendo feito a pé, de sandalias, esclavina e bordão, a romagem de Palestina, morreu no Porto de delirio alcoolico, conduzindo cadeiras que tomava por princezas a um baile phantastico no seu quarto de dormir, forrado de uma tenda de campanha e tendo por unica decoraçãõ de luxo uma mumia nua e, dentro de uma gaiola, em vez do nosso conhecido canario, um leão vivo.

Jeronymo viveu sempre n'uma grande estreiteza dos meios pecuniarios destinados a fazer face ao seu programma de vida. Fallecido em idade relativamente avançada para um homem de prazer, com trinta e nove annos feitos, elle havia apenas dispendido quatrocentos ou quinhentos contos de réis. É claro que esta misera somma nunca elle a considerou como um capital, mas como simples dinheiro de algibeira. Quando recebeu em Lisboa os ultimos cem contos de legitima paterna, o zeloso procurador da casa de Condeixa ministrou-lhe alguns esclarecimentos proficuos para a conversão d'esse dinheiro em titulos rendosos e seguros.

— Meu bom amigo, lhe respondeu elle, para que esse dinheiro que ahi está me garanta por algum tempo a minha parca subsistencia, desengane-se de que não tenho senão um emprego que dar-lhe, e esse consiste em o espalhar amplamente sobre o boulevard como semente de dividas.

N'esse tempo morava elle no Faubourg Saint-Germain, n'um recolhimento de fidalgo desgostoso, com um modesto trem de casa e de cavallariça: um *valet de chambre*, um cocheiro, um *groom*, um palafreireiro, quatro cavallo e tres carruagens. Os tapetes eram todos de Gobelins; o tecto do salão de ebano encrustado de marfim; o lustre de antigo Saxe em festões de margaridas; a *draperie* da larga chaminé, em que pousava um *Cartel Luiz XV*, de velludo vermelho de Genova, recortado em ovas e representando os apóstolos em figuras de pé, bordadas a seda e a ouro por bordadores italianos do seculo xvii; o leito italiano, embutido de esmaltes em cobre e de desenhos em madreperola.

// N'esse tempo, o creado londrino que o esperava á volta do Bois no quarto de vestir entre os quatro candieiros de Carcel postos em cima de grandes talhas do Japão, em frente dos dois espelhos que cobriam as paredes, não lhe apparecia nunca, depois do accender as luzes, senão de calção curto, meias de seda e fivelas de ouro nos sapatos envernizados. //

Depois, nos successivos appartamenti que habitou na praça Vendôme, na rua du Cirque, na avenida dos Campos-Elyseos, esta *mise-en-scène* decahiu.

Ultimamente é verdade que tinha sete carruagens em vez de tres, e cinco cavallos em vez de quatro, mas no seu pequeno *entresol*, que se distinguia dos demais da avenida pela vidraçaria gothica da janella, polycroma, enquadrada em estanho, tendo por centro o seu brazão de armas, o tecto marchetado, a cama da Renascença, o lustre da Saxonia, haviam desaparecido para dar lugar a uma especie de installação de campanha. A um angulo da ante-camara, um antigo lampeão de nicho, de haste articulada, presa n'um cadeado e feita em ferro forjado na Flandres, no seculo xvi. Um simples ainda que completo serviço de *toilette* em marfim e ouro, defronte do lavatorio; *fauteuils* Luiz XIII em couro de Cordova azul e ouro; cama e alcôva de veludo preto estrellado de ouro; e como guarnição do tecto unicamente um panno de Arras, seguro a cada canto por um trophéo de espadas.

De uma das ultimas vezes que lá estive, achavam-se igualmente presentes D. Antonio Aladro e o principe de Reuss, Henrique XX, o mesmo que mais tarde se casou com Loisset, dando por essa occasião, no *Grand Seize* do Café Inglez, uma ceia de

celibato que durou tres noites. Em casa de Jeronymo, como se empatassem os votos na escolha do restaurante em que se havia de jantar chamou-se um creado para decidir, e Stephen appareceu-nos, em libré de manhã, polainas altas de casimira côm de azeitona e collete subido, ás riscas de seda amarella. Eram sete e um quarto da tarde. Libré de manhã!...

No café Anglais, onde mais frequentemente costumava jantar e a que chamava n'um tom de sovinaria portugueza o *bom e barato*, fazia sempre uma introducção de lamuria prévia á escolha de *menu*.

— Estou em dieta rigorosa. Nada mais que uma simples *bisque*, um boccadinho de truta, uma *braise* de *chevreuil*, ou uma gallinhola, uns espargos e uma garrafa de Bourgogne. Nada mais... a não ser porventura um ligeiro prato dôce, que deixo á escolha do *maitre* de hotel, a quem me recommendo vivamente.

Outras vezes era o regimen refrigerante o que convinha á sua queixa, e era preciso fazer-lhe um caldo de borracho ou de perdiz com alface e agriões, um peito de Perú com quatro ou cinco trufas apenas, uma fatia de melão em sorvete e uma tisana de Champagne gelado. Em resultado: uma addição de dois a cinco luizes quando jantava só, o duplo ou o triplo quando jantava em *tête-à-tête*.

O almôço e a ceia no *Cercle* custava mais caro,

exigindo de ordinario uma despesa suplementar de jôgo. Ajunte-se o custeio da *toilette* e o do trem de casa, cavallariça e cocheira, reformado todos os tres mezes, a verba quotidiana e enorme dos espectaculos e dos pequenos presentes sem importancia, ramos de flôres, saccos de pastilhas de Boissier, cestos de fructas de Nice, molhos de espargos, *bourriches* de ostras, pequenos *bibelots* — um galheteiro velho de Nevers, um *sabot de Noël* de antigo Rouen, um castão de Moustier, uma *bourette* de Delft, ou um par de brincos de Wedgwood.

Quem não possui mais de tres ou quatro milhões de francos em bilhetes do banco de França para esfolhar sobre esta voragem tem de ceder rapidamente o seu logar de assignante do balcão do abysmo.

No mundo de que Jeronymo Collaço fazia parte a penhora intervem em cada mez e empolga da festa um conviva. Para cada alcatruz que mergulha ha outro que emerge, e a grande roda segue sem solução visivel de continuidade. Ha deliciosos interiores de casa bem conhecidos, certos quartos de Corot e de Millet, certas jardineiras de Boule, certos collares de perolas, certos tapetes de Smirna, que durante os ultimos dez annos teem apparecido e desaparecido vinte vezes nas vendas do hotel Drouot. Jeronymo sustentou-se e defendeu-se heroicamente por muito mais tempo do que fôra de prever. A tro-

co porém de que amarguras! Á custa de que esforços supremos de finanças, de *pose*, de ironia, de desdem, de facecia, de *blague!*

Ha dez annos estava quasi inteiramente encanecido. Ha seis manifestara-se-lhe uma lesão de coração.

Os medicos que pela primeira vez o auscultaram prescreveram-lhe uma vida tranquillã sem excessos, sem fadigas, sem commoções. Para se submeter a este regimen fez reformar as molas de todas as suas carruagens no intuito de uma mais suave elasticidade, mandou vir de Petersburgo uma nova *fourrure* de vinte mil francos, e principiou a usar bengalas de valetudinario, de castão em muleta, de porcelana *pâtre-tendre* de Sèvres ou de antigo Berlim.

Em contraposição porém a esta hygiene de chic, sobrevieram-lhe dois ou tres duellos consecutivos e o caso ruidoso do processo Hart.

Parisiense de affinidade e adopção, Collaço era todavia portuguez pelo sangue e pelo cerebro; e nós outros, com tresentos annos de educação nacional fradesca e beata, dirigida por ecclesiasticos cortezãos e por principes sacristas, não temos de herança e de constituição atavica o espirito esgrimidor, ingerido na grande massa do sangue francez pela tradição almiscarada e cavalleiresca dos *incroyables*, dos *muscadins*, dos *mignons*...

La dague étincelait au bout des colliers d'or,
Et ces enfants d'amour, prêts à toute équipée,
Au nombre des plaisirs avaient compté la mort.

Entre nós, apenas algum, menos anemico, descendente de apopleticos menos vezes sangrados, sustenta ainda a bravura hereditaria da raça nobre, brandindo o marmeleiro legado ao canto dos solares de provincia pelos extinctos capitães-móres, para, n'um repente sanguineo de colera ou de ciume, varrer uma feira ou estender á bordoadá no fundo de uma azinhaga o canastro de um rival.

Os trámites cerimoniosos e aperalvilhados do duello a frio, a troca de bilhetes, a conferencia cor-tez das testemunhas na vespera, a expectativa para o dia seguinte de uma madrugada de neve, entre dois coupés e quatro vultos espectraes, de chapéos altos e sobrecasacas abotoadas até o pescoço, as mangas da nossa camisa arregaçadas, o peito nú, um estojo de cirurgia aberto sobre o musgo de um muro em ruinas, e o ranger metallico de dois floretes que raspam gume com gume, cingindo-se vertiginosamente um ao outro no calafrio da frescura matinal, produzem-nos uma sensação nervosa, menos parecida com aquillo a que propriamente chamamos uma caricia de que com o arrepio que incute na pelle, nas unhas e na raiz do cabello o

rapar obstinado de uma lima nos dentes de uma serra.

E Jeronymo violentou a sua natureza até o ponto de conseguir de si mesmo o bater-se com a porção de graça precisa para dar o esmalte elegante á bravura.

Quando a repugnancia do seu temperamento de molle peninsular mostrava uma saliencia na periphéria do seu systema de dandy elle sabia voltar-lhe a ponta para dentro por uma volta de espirito com a mesma presteza com que se arrebita com uma martellada o bico de um prego.

Tendo n'uma noite applicado duas bengaladas a um redactor do *Gil Blas* e tendo-lhe esperado as testemunhas no dia seguinte até o meio-dia, sahiu para almoçar a essa hora. Quasi tranquillo na expectativa de uma solução pacifica, voltou porém a casa depois do almôço, acompanhado de dois amigos, e mandando chamar á carruagem Antoine, o ultimo dos seus *valets de chambre*, perguntou-lhe:

— Vieram esses senhores?

— Creio bem que vieram! e com que pressa! Tinha o senhor tempo de ter chegado alli á esquina e já elles lá estavam dentro a escrever uma folha de papel. Querem por força bater-se á pistola ámanhã de madrugada a quinze passos de distancia. Nem uma pollegada mais longe do que quinze passos...

Entêtement bizarre! E vieram logo em corrida, minutos depois do senhor ter sahido... Oh! mas em que corrida que elles vieram!...

— Bem! vá buscar o papel que elles deixaram para irmos ter com esses senhores... Ainda que, á corrida em que vieram, se correram da mesma forma a ir embora, talvez que os não tornemos a vêr!

No processo de adulterio com madame Hart, não foi menor o esforço de suprema resistencia nervosa que elle teve de exercer sobre si mesmo durante todo o tempo em que esteve em juizo esse pleito desastroso.

Da primeira vez que compareceu no tribunal levando pelo braço Mme Hart, hoje na miseria, então em todo o brilho da belleza e da elegancia, mantida por uma riqueza de quarenta milhões, o juiz fez-lhe sentir que a apparencia de quem desce em partida de prazer de um gabinete de restaurante não era a mais propria de quem comparece como réo no banco de um tribunal. Elle respondeu desculpando-se reverentemente da sua inexperiencia em casos de tal ordem:

— Meu pae mandou-mé ensinar direito na universidade de Coimbra, mandou-me ensinar a equitação e a esgrima, a redigir uma nota diplomatica, a conduzir um *cotillon*, a dictar um *menu*, a governar quatro cavallos; mas não se lembrou de me ensinar a

fazer a cara de réo, que vejo ser de rigor para comparecer em regra perante um magistrado francez.

O remoque bem feito parecia correr como toda a sua ironia habitual, de um fundo nativo de audacia e de desdem, mas era um falso desdem e uma audacia fingida a que elle ostentava, não por indole, mas por interpretação a seu modo do ponto de honra. Quem bem o soubesse olhar, vêr-lhe-hia embranquecer o cabello e aprofundarem se lhe as rugas n'esses rasgos, de uma ironia aparentemente intrepida e intenerata. Os extranhos viam-o zombar; os seus intimos viam-o começar a morrer, procurando a attitude esculptural para cahir no chic, segundo a arte, como o gladiador na arena.

Eu, que o conhecia ha muito tempo, ao chegar a Paris no verão passado, achei que elle envelhecera seis annos no decurso dos ultimos seis mezes. Então assisti a uma das proezas de Sport, em que elle empregou os ultimos restos da sua energia.

Tratava-se de um pic-nic a Seine-la-Fontaine. O ponto de reunião era em Fontainebleau, e era elle que devia conduzir os convivas em *Mail-Coach* através da Floresta.

Á hora aprazada o *mail* a quatro sôltas, achava-se no seu posto á entrada da matta, um creado aos freios de cada parelha, e elle apeado para nos re-

ceber em rigorosa *toilette* de ocasião — chapéo alto, de castor côr de pinhão, calças da mesma côr, largo fraque de panno verde com botões dourados como os do collete, e sapatos grossos de couro vermelho de Varsovia. Eça de Queiroz, que deveria ser da partida, justificou a sua falta. Quatro creados entraram para o interior da berlinda. Mlle. Berthe de Bellune encarregou-se de manejar o travão e tomou logar ao lado do cocheiro. Subiram em seguida alegremente ás almofadas Miss Maudet, Mlle. Jeanne de Bellune, a condessa de la Flerté, a condessa de Lanoux, o barão de Vaux, em uniforme de tenente de caçadores a cavallo, e o joven irmão de Mlle. Maudet, tão notavel, elle, pelo requinte londrino da sua *toilette* como ella pelo brilho da sua formosura.

Eu ia na bancada do fundo, do lado da mão, e estava-me adjudicada a trombeta de alarme. Desembainhei-a do seu estojo de vime, emboquei-a para o lado de Barbizon, e dei signal aos paizagistas em campanha de que iamos entrar em scena. *Forward!* Jeronymo carregou um pouco o chapéo sobre o ôlho, deu rédea, fez ouvir aos cavalloos o som de um beijo, e abalamos n'um arranco magistral, simultaneo, homogeneo, de dezeseis ferraduras ferindo conjuntamente o macadam de um só golpe.

A poucos passos observou alguem que no cesto

das virtualhas faltava o pastel de Chartres trazido pela condessa de Lanoux. O *mail* rodou sobre si mesmo, como roda a mó no seu eixo, e voltamos atraz. Bastaria pararmos a uma grade de ferro enflorada de madresilvas, á beira da estrada, para que do *cottage* que ficava ao fundo do jardim nos trouxessem á carruagem o famoso pastel. Mas, Jeronymo, desde que tinha as guias na mão não admittia que ninguém viesse a elle, eram os seus cavalloos que haviam de ir a toda a parte. O creado abriu rapidamente o portão, e sem termos de parar na estrada, ao som de uma valsa ao piano que vinha do interior da casa, o grande *mail*, com os seus quatro enormes cavalloos inglezes, principiou a serpentear no estreito arruamento do jardim, em torno de massiços floridos de rosas e de geraniums, tão suavemente como o carrinho de um *baby* ou como a cadeira de rodas de uma convalescente dando o seu primeiro passeio ao sol.

Ao sahirnos, porém, no meio do applauso unanime dos passageiros maravilhados de tão perfeita pericia, um desvio de meia pollegada fez engolfar uma roda na terra fôfa e mimosa de uma *corbeille*. No primeiro momento Jeronymo pensou em emendar rapidamente e violentamente o seu descuido, e de quatro chibatadas freneticas, quasi simultaneas do pingalim sibilante, cingiu as duas parelhas estugando-

as para a frente com um berro e com uma chicotada de vincar a pelle a elephantes. Esta imprudencia enterrou ainda mais a roda, fazendo-a desaparecer no chão até o cubo e encravando completamente a carruagem contra a barreira que lhe oppunha o macadam do arruamento. Rompendo no mais reprehensivel excesso, Collaço, enfurecido, falou portuguez. Todas as senhoras então se apearam precipitadamente.

A grande porta do cottage aberta sobre a *pelouse* verdejante convidava a entrar no risonho interior todo almofadado de uma fresca chita ingenua e antiga, de flôres côr de rosa n'um fundo de sépia. Logo no vestibulo uma *chaise à porteurs* do tempo de Mme. de Maintenon, trasbordando de flôres vivas pelos postigos das portinholas parecia o primeiro sarcasmo ao precalço do meu amigo.

No salão a valsa interrompida foi substituida por um motivo gemebundo de Beethoven dedilhado no orgão, e no canapé, em frente da larga vidraça colorida, por traz do biombo de pelucia vermelha picado interiormente de miniaturas, de esmaltes, de marfins e de joias antigas, Miss Maudet, simples e solidamente vestida como *sportswoman*, em flanela cinzenta, olhava para os bicos envernizados dos seus pequenos sapatos de homem, e mordiscava nos lindos dentinhos de rato ávido epigrammas bem mais agudos

e lancinantes que o das naturezas mortas e passivas que decoravam o átrio.

O entreacto levou um quarto de hora. Foi preciso abrir a picão, na avenida, um sulco por onde passou a roda.

O nosso compatriota resalvou inteiramente a situação pelos prodígios de boleia que realisou d'alli até Seine-la-Fontaine. Nunca puros sangues longamente adestrados pela mão mais habil exhibiram n'um picadeiro evoluções mais inverosimeis e difficuldades mais triumphantemente vencidas do que aquellas que nós presenciámos n'esse passeio memoravel, feito n'uma galopada atravéz da mais bella e da mais meandrosa floresta de França. Mas quando nos depoz na pittoresca margem do rio onde iamós almoçar, Jeronymo não podia falar de canção, e a transpiração havia-lhe atravessado o fato.

No fim de novembro, pouco depois de ter eu mesmo regressado, appareceu-me em Lisboa. Chegava inteiramente prostrado de fadiga, e foi preciso que dois creados o tirassem em braços da carruagem para o fazer entrar no seu quarto.

— Os medicos dão-me apenas dois mezes de vida, de sorte que me venho chegando aos penates, e cá estou em casa. Não seria bonito dormir fora na noite em que se vae dormir para sempre.

E apontando-me para um papel dobrado que es-

tava mettido na moldura do espelho, accrescentou:

— Ahi tem V. o meu passaporte.

Era um relatorio assignado pelos doutores Potin e Leroux e contendo, semivelado pelo algebrismo technico da pathologia, um diagnostico fatal, uma sentença de morte.

— Como vê — concluiu elle quando acabei a leitura — tenho os meus papeis em regra. Emquanto á alimentação, *escolhida de preferencia no reino animal*, como diz o doutor Potin, mandei já offerecer duas libras ao vizinho ahi defronte, pelo papagaio branco que elle tem á janella. Não é barato, mas tambem espero que essa ave galhofeira mas incomoda se não recuse depois de cozida a dar que comer para dois dias!

Falou em seguida do sul da França que acabara de percorrer.

A colheita das trufas fôra excellente no Périgord, onde elle encommendara uma porção, que devia chegar a Lisboa d'ahi a dias...

— Não para as comer, bem entendido, mas para que me dêem a cheirar uma, quando me julgarem morto. Se eu não lamber o beijo, podem-me enterrar.

E, voltando-se para uma pessoa da sua familia que se achava presente, accrescentou:

— É pela prova da trufa que hoje em dia se re-

conhece quando a morte das pessoas é real ou apparente. Ha defunctos que por uma obstinação sobrenatural, a qual faz parte do mysterio d'além da campa, se recusam tenazmente a cheirar as trufas que se lhes offerecem. Nos que de bom grado se submettem á experiencia o effeito é maravilhoso! Vae a familia á procura do morto para o metter no caixão e encontra-o de chapéo na cabeça, bengala debaixo do braço, á desfilada pela porta fora.

Despedira o seu antigo escudeiro Antoine e vinha apenas acompanhado de um *groom*.

Antoine, por quem elle tivera por muitos annos um fraco supersticioso, considerando-o *porte-bonheur*, tinha-se sahido pelo contrario um enguiço. Desde que Jeronymo adoecera mais gravemente elle fazia-lhe em cada noite, ao despil-o, uma nova revelação funebre ácerca da predestinação agourenta da sua estrella. Toda uma série de antigos amos lhe haviam morrido alli assim, sobre o antebraço direito; e mostrava com orgulho esse braço, em que tinham expirado consecutivamente cinco ou seis patrões illustres e em que elle parecia guardar como documento anatomico a massa deixada pelas cabeças da clientela. Jeronymo tomara-lhe horror.

— Verdadeiramente, no fim de contas, do que eu morro desenganem-se que não é da minha lesão de coração, é do braço do Antoine.

As despedidas, porém, foram affectuosas.

— Antoine! — disse-lhe elle ao partir — V. foi sempre para mim um honrado e leal servidor, o que eu não esquecerei jámais. Os ultimos annos que vivemos juntos não foram dos mais prosperos. Não nadámos em todo o ouro que fôra de desejar para refrigerio de espiritos da tempera dos nossos. As nossas aventuras amorosas, particularmente, estiveram longe de corresponder ao encanto que pareciam vaticinar. Eu tive dois processos desastrosos, e o Antoine guarda ainda na fronte a cicatriz honrosa do abominavel ferro de engommar com que o marcou a ultima das suas conquistas no terreno da *marivaudage*. Nem um nem outro temos que jactar-nos excessivamente dos benesses que o amor nos tinha destinado. Procurando algumas vezes o esquecimento de amargas provações no Champagne e no Bourgo-gne que encontrou desrolhado sobre a senda da vida, ás mesas de jantar dos seus patrões, conquistou o Antoine novos titulos ao meu espirito, fazendo-me saber que a philosophia não era entre os recursos do seu espirito uma hypothese esteril e uma palavra vã. É chegado o momento de nos separarmos, segundo todas as probabilidades — para sempre. Adeus pois! Seja feliz, como merece, e eu lhe desejo, e desculpe se me não utiliso do seu bem conceituado e conhecido braço para aquillo que sa-

be. Infelizmente, porém, meu amigo, tenho o último suspiro engajado para outra parte. De resto o seu braço pouco ou nada perde com um freguez a menos. Se não voltar já para o Lyonnais, e quizer continuar ainda a exercer por algum tempo em Paris, associe-se com a Companhia das Pompas Fúnebres ou anuncie por sua conta no *Moniteur du Soir* que está com o braço em disponibilidade, e, logo que se lhe saiba da prenda, creia que não faltarão nunca suicidas ricos que estimarão muito mais despenarem-se d'este mundo de illusões e de enganos assoldadando-o a V., do que peitando o sineiro de *Notre Dame* para se deitarem de uma torre abaixo.

Se o terror da cadeia algumas vezes o preoccupou um pouco mais profundamente do que fôra para desejar na correcção da sua linha de *gentleman*, é forçoso confessar que o terror da morte não fez nunca a mais ligeira ruga na expressão habitual do seu espirito.

Vieram visital-o alguns amigos. A um d'elles, que estava de semana no paço por essa occasião:

— Diga lá a el-rei que, se eu escapar, não deixarei de ir vê-lo antes de ir á Sociedade de Geographia, para lhe contar as impressões d'esta viagem ao outro-mundo, bem mais curiosa — me parece — que a de Serpa Pinto á Africa. Escapar por escapar acho que nenhum d'esses exploradores, ainda os mais co-

rajosos, escapou de cousa peor do que esta que eu tenho!

E, como lhe achassem graça, observou:

— Vocês riem e, todavia, para a semana, quando me virem passar em berlinda de segunda classe, hão de ter uma certa pena de me vêr n'uma situação tão differente do meu gôsto! Vocês não poderão deixar de dizer: Apesar de ser má a parelha, nós que o conhecemos estamos certos de que elle preferiria ir a guial-a a ir morto.

Quando sahi de casa d'elle, na rua da Emenda, desci o Chiado. Eram quatro horas da tarde. Empregados das secretarias, do Tribunal de contas, da Junta do credito publico e da Alfandega subiam lentamente. Janotas continuavam a queimar, pacientes e felizes, as suas boquilhas ás portas dos estancos e das pastelarias. Grupos falavam da Virginia na *Fedora* em despique com a Sarah Bernhardt, e de Brazão na reprise do *Othello* em contraposição ao desempenho de Rossi: eram dois talentos gigantes! Impressionára tambem o ultimo discurso do sr. Fontes Pereira de Mello sobre as reformas constitucionaes: o habil parlamentar tivera imagens extremamente felizes, e era força confessar que S. Ex.^a é incontestavelmente o mais disserto e o mais vehemente dos nossos tribunos — «dentro do criterio positivo, principalmente!» acrescentava, deitando o fumo do ci-

garro pelos buracos do nariz auctorisado, um jornalista que consagra ao successo parlamentar d'esse dia um par de grandes punhos novos engommados a polimento.

Á porta do Magalhães, quatro cavalheiros que não tinham ido á camara e esperavam mesmo que chegasse alguém de S. Bento para contar o que houvera n'esse dia, discreteavam ácêrca de Jeronymo:

— Antes elle do que nós! Deixal-o ir que não faz falta a ninguem... Um doido!... Diz que era esperto; não sei para que lhe servia a esperteza!... Um *crevé!*... um asno!... E com uma posição bonita, que podia ahi ter hombreado com os primeiros.

E citavam nomes de outros, que estavam no galarim, tendo metade da fortuna que elle tinha.

F... , por exemplo, fazia uma figura linda. Geralmente estimado de todos. — Vae ao Oldoini, vae á Duqueza, vae a toda a parte! E trata-se em sua casa.

Um dos circumstantes ia muitas vezes jantar com elle.

— Á portugueza tudo, mas optimo: bello cozido do melhor, seu prato de picado todos os dias, seu assado, sua ameixa coberta, e pinga escolhida... Mas o Condeixa, não senhor! Podia aqui ter dois ou tres trens, podia andar na roda da melhor rapaziada, ter

a sua cadeira em S. Carlos, ir para Cascaes e para Cintra no verão, vestir do Keil, obsequiar. Tendo juizo, podia mesmo vir a entrar na politica um dia, podia ter uma carreira brilhante na sociedade. Mas nada, pela palavra nada!... Francezismos e mais francezismos! Ahi tem o resultado dos seus francezismos! Talvez que já não achincalhe agora a terra que lhe deu o ser, como quando chacoteava de tudo, mettido lá em França com esse mulherio depravado e com esses lagalhés que passam a vida encostados ás portas dos boulevards!

Á janella do restaurant Silva tres proprietarios da Beira, chegados na vespera á capital n'uma viagem de pandega custeada por uma percentagem sobre as remissas em quatro annos de voltarete, palitam os dentes repletos, já jantados; as carruagens, que baixaram dos palacetes da cidade alta ás lojas do Mattos e Silva e do Valente, tornam a subir pomposas das lojas aos palacetes; e tres cantores do theatro de S. Carlos, com as suas sobrecasacas de apparatus e as suas grandes cabelleiras de artistas lyricos, boquilhas retorcidas nos charutos, atravessam a rua escoltados de noticiaristas musicaes e de assignantes influentes da platéa superior.

E, talvez por um sentimento parcial de sympathia por Jeronymo Collaço, pareceu-me n'esse dia que havia na cidade um cheiro a chôco, de ar confina-

do, uma estreiteza de cadeia, um rythmo enervante de chichelo batendo o calcanhar ao ramerrão de cada dia, um écho vago de bocejo displicente, perdido no espaço, uma baforada morna e mephitica de banalidade encharcada, de tédio plaudoso, podendo talvez explicar a loucura dos que desertam para longes terras, embarcando ainda para o phrenesi, no empavezado, no alegre, no doido bergantim da aventura...

Poucos dias depois Jeronymo, repentinamente, quiz voltar por força para Paris, e explicava a sua determinação subita por este poderoso e irrespondivel argumento:

—Evidentemente, continuando n'este progresso de melhoras, eu nunca mais volto a Paris senão embalsamado. Ora n'estas circumstancias, como em Paris se embalsama melhor do que em Lisboa e em Lisboa se vive peor do que em Paris, parece-me de homem avisado aproveitar os dias que me restam para ir para lá vivo, e de lá me remetterão depois para Lisboa — embalsamado.

Na noite de anno bom, accordando deitado na cama de um hotel no boulevard Malesherbes, perguntou á mulher que lhe servia de enfermeira:

— Que dia do mez é hoje?

— É o anno novo, meu senhor.

— Desejo-lh'o bom e feliz, minha cara amiga. E

como estamos em festa, peço-lhe que se sente o mais commodamente que possa n'esse *fauteuil*, porque lhe vou cantar alguma cousa.

Cantou em seguida varios trechos das suas operas predilectas, da *Dama Branca* e da *Mignon*. Cantou quasi ininterrompidamente até romper a manhã. Por fim teve um soluço, e morreu.

XIII

ANSELMO BRAAMCAMP

Dezembro 1885.

Chefe, depois da morte do duque de Loulé, do partido progressista constituido sobre os residuos do antigo partido setembrista, em opposição á clientela regeneradora de Rodrigo da Fonseca Magalhães e de Fontes Pereira de Mello, Anselmo Braamcamp era um antepassado errante no meio da moderna geração politica.

A sua grave e entristecida figura, alquebrada, nostalgica, levemente sceptica, tinha, tanto physicamente como moralmente, um cunho singular e caracteristico, que o distinguia altamente de todas as esbaltadas e desbotadas physionomias que o rodeavam.

Elle era um dos ultimos da geração dos Passos, dos Cabraes, de Saldanha, de Sá da Bandeira, de Herculano, de Garrett, de José Estevam, do Sampaio da Revolução, e de Rodrigo da Fonseca

Nenhum d'elles era porcerto exempto de defeitos, originados na pratica do regimen, de si desequilibrado e morbido. Esses defeitos são analogos aos da geração moderna. No fundo porém da constituição individual dos caracteres, que differença entre esses homens do *cartismo* e do *setembrismo* e os politicos de hoje!

O que mais profundamente me impressiona e me repugna na camada moderna, é sobretudo a esterilidade de coração, a seccura de sentimento, a absoluta ausencia de espontaneidade, o aspero egoismo levando até a deshumanisação o abastardamento dos caracteres.

Que já não haja principios comprehendendo, visto que se demonstrou que os principios são inuteis para tudo quanto não seja perturbar a ordem natural das cousas, n'um systema de votismo em que nenhum accôrdo se faz por idéas em equação, mas sim e unicamente por conluio de interesses e por connivencia de arranjos.

Mas onde acabaram as convicções e as crenças de patriotas, seria bom para a dignidade da especie que pelo menos ficassem os puros sentimentos e as nobres paixões humanas.

Hoje em dia o mesmo laço affectivo se dissolveu, e com todas as outras religiões mortas acabou tambem a religião da amizade.

Não sómente se intriga de partido para partido, mas intriga-se tambem de individuo para individuo dentro da communhão do mesmo partido.

Nem os adversarios se odeiam já, porque se sentem solidarios nas mesmas fraquezas e nos mesmos vicios; nem os correligionarios se prezam mutuamente, porque os separam as invejas, as incompatibilidades da ambição pessoal e os desprêzos reciprocos.

A completa ausencia de lealdade, de sinceridade, de bonhomia, é, a meu vêr, o triste symptoma mais caracteristico que distingue a psychologia politica do nosso tempo da dos homens de ha trinta annos, em cuja convivencia se formou a personalidade de Anselmo José Braamcamp.

O José Passos e o José Estevam têm como principal titulo á estima affectuosa, á quasi ternura da posteridade, a circumstancia tocante de que elles eram sobre tudo, acima de tudo, *bons rapazes*.

Quem é presentemente, d'entre os moços da nossa geração, não direi já o que sae, mas o que entra na vida publica, com direito a um elogio tão simples, tão modesto, e já agora, infelizmente, tão raro?

De uma vez, o Passos proferiu n'um dos seus discursos uma phrase ambigua em que José Estevam julgou vêr uma allusão offensiva da sua honra, em

desagravo da qual enviou testemunhas ao orador. José Passos respondeu que sobre tal objecto se explicaria publicamente na camara, e no dia seguinte, pedindo a palavra para esse effeito, tão surpreso, tão profundamente e tão eloquentemente maguado se mostrou porque alguém tivesse podido attribuir-lhe a intenção criminosa e infame de tentar maguar, por mais ligeiramente que fôsse, o coração do homem que elle mais se orgulhava de amar e de estremecer, que José Estevam, com as lagrimas em fio pela cara, teve de correr para elle, tapando-lhe a bôcca n'um abraço, e supplicando-lhe que ácêrca de tal assumpto não dissesse nem mais uma palavra, se não queria que elle rebentasse alli de remorsos, por lhe ter passado pela cabeça a sombra de uma duvida sobre a lealdade da grande e incomparavel alma do seu velho amigo.

De outra vez, como José Estevam fizesse a sua primeira reaparição na camara depois da morte de seu pae, a cujos ultimos momentos fôra assistir em Aveiro, Velez Caldeira, que presidia á sessão, vendo-o inesperadamente na bancada, emmagrecido, pallido, vestido de lucto, esquece-se inteiramente do logar em que se achava, e interrompendo o discurso que se estava fazendo, levanta-se da presidencia e dirige-se para elle de braços abertos, gritando o nome de caricia que na intimidade lhe costumava

dar: — *Ó meu querido cabo de esquadra! meu querido cabo de esquadra!*

Ainda o outro dia me contava a viscondessa de . . . que, almoçando n'uma occasião com a sr.^a D. Rita de Miranda, esposa de José Estevam, este, vendo á mesa as duas senhoras vestidas de passeio, perguntou-lhes para onde era a ida essa manhã. A sua mulher, que de ordinario nunca ia á camara, respondeu-lhe que tinham o projecto de o ir ouvir falar n'esse dia.

— Pois vão, que não hão de dar o tempo por perdido. . . Chamo principalmente a sua attenção para algumas palavras que faço tenção de dizer ácerca de Ciçcinato. . . Não hão de desgostar!

O discurso foi um d'esses extraordinarios trechos de eloquencia, a que a voz prodigiosa do orador e a sua esculptural figura, da mais dominativa belleza, imprimia uma sonoridade triumphal, uma penetrante intensidade de arte, de que nem Gambetta, nem Castelar me puderam dar nunca senão uma idéa esmorecida e remota. Elle acabara rodeado de acclamações e de abraços na coxia onde de ordinario falava, passeando, gesticulando, subjugando a camara inteira para a direita e para a esquerda, suspendendo-se de quando em quando para enxugar os beiços n'um lenço branco, de cabeça alta plantada n'um pescoço bovino, sobre um largo peito á

Danton. D'ahi, vendo a sua mulher encostada ao papeito da tribuna em frente, deslinda-se dos cumprimentos dos deputados, e brada-lhe do meio da sala:

— Ai Rita! que lá me esqueceu a historia do Cincinato!...

Braamcamp não era, como a grande maioria dos da sua geração, um expansivo.

Vinha de uma familia hollandeza.

Foi seu avô que edificou junto do Barreiro, na outra banda, o lindo moínho equal aos de Zaandam que lá está ainda hoje, bracejando sempre, humilde, risonho, infatigavel, á beira do Tejo. O temperamento flamengo, fleugmatico e frio, dava-lhe um exterior reservado, quasi taciturno.

Dentro, porém, no intimo da sua alma, havia um fundo inextinguivel de bondade, um inquebrantavel e incorruptivel sentimento de rectidão e de justiça, uma surprehendente força de opinião, irreconciliavel com a doblez e com a mentira.

A mais aristocratica distincção de porte e de maneiras contrastava singularmente n'elle com a mais democratica simplicidade de processo, de habitos e de costumes. E estes dois aspectos inteiramente distinctos da sua natureza nunca embatiam, nunca distingiam um no outro, nunca se confundiam.

Para habitação da sua filha, do seu genro e dos

seus netos, em cuja companhia vivia, mandara edificar no Pateo do Tijôlo um elegante palacete com uma enfiada de salas de recepção á beira do jardim: a sala de espera, o salão, a casa de jantar, a estufa. N'um angulo do edificio, ao réz do chão, havia um pequeno quarto independente, destacando do conforto de tudo mais pela simplicidade quasi monastica, sem reposteiros, sem tapete, uma estreita cama a um canto, um armario, um lavatorio, uma mesa de escripta, uma etagère com livros e revistas. Este quarto era o unico aposento que elle reservara para si, e no qual vivia com a singeleza sympathica de um estudante n'uma casa de hospedes.

Nunca, pelas batidas de carruagem e pela ostentação do correio de secretaria trotando-lhe á portinhola, foi possivel distinguir com rigor as épochas em que elle fazia parte do governo, e aquellas em que era simples governado.

Todas as manhãs, sendo chefe do gabinete e presidente do conselho de ministros, descia a pé por S. Pedro de Alcantara, lentamente, o chapéu sobre o ôlho, o charuto nos beiços; e vinha á casa do barbeiro François, na rua da Trindade, sentar-se n'uma cadeira e esperar vez para que o barbeassem, lendo pachorrentamente os jornaes que o descompunham. Bordallo Pinheiro, que o caricaturou muitos centenas de vezes, incluindo-o de uma occasião n'uma scena

de gallegos de esquina em que elle figurava com o resto do seu ministerio, e representando-o vestido de aguadeiro, com o barril ao hombro, dizia-me ao desenhá-lo:

— E' inutil querer agallegar este maldito. . . Por mais que a gente faça para o apelintrar, para o aca-chapar e para o remexer de envôlta com o resto da choldra, elle fica sempre distincto, á parte de todos os mais; e a sua caricatura faz-me invariavelmente o effeito extranho de ser muito mais elle que se ri de mim do que eu d'elle!

Este simples e insuspeito elogio de um artista por baixo de cujo lapis têm passado, como pelas fôrças caudinas, todas as physionomias da politica contemporanea, encerra e resume tudo quanto ha que dizer da nativa distincção de Anselmo Braamcamp.

Com a simples instrucção commum a todos os homens bem educados, elle não tinha dotes excepçoes de espirito. Não era propriamente um innovador, nem um revolucionario, nem um systematisador de methodos philosophicos e experimentaes na theoria do governo. E todavia era *differente*, e era *distincto*, da grande maioria doa estadistas e dos politicos do tempo presente. Na esphera dos negocios, assim como na esphera da caricatura, era absolutamente impossivel *agallegal-o*, *acanalhal-o*, *apelin-*

tral-o. A sua cavalheirosa personalidade, da mais ri-ja mola, dava-lhe sempre e infallivelmente, contra todos os obstaculos exteriores, a verticalidade altiva do pundonor; — caso raro n'esta época, em que as forças moraes do paiz ou se não utilisam na politica, ou n'ella se desgastam com uma celeridade tragica, fazendo perder aos homens, como ás moedas velhas, a aspereza do cunho, e tornando-os safados!

Na gerencia das cousas publicas Anselmo Braamcamp incorreu certamente em erros mais ou menos graves, como os de toda a politica liberal dos ultimos cincoenta annos, exclusivamente feita de parlamentarismo, de burocracismo e de partidismo, em que ainda até hoje se não encarnou jámais o espirito collectivo da sociedade, em que nunca palpitou a verdadeira alma da nação.

Mas o que é no fim de contas um erro de espirito desinteressado senão uma tentativa mallograda da intelligencia para a conquista de uma verdade? Os politicos passam, e a sociedade fica. O destino geral de um paiz não depende do genio de um ou de outro dos seus grandes homens, mas sim da natureza intima dos elementos sociaes de que esse paiz dispõe para se adaptar aos progressos da civilisação. Os homens verdadeiramente nocivos e fataes n'uma sociedade não são os que erram na direcção das

cousas, são os que corrompem no contacto das pessoas.

A falta de Anselmo José Braamcamp é dolorosa e é irreparavel, não porque elle tivesse sido um grande ministro, mas porque foi illibado homem de bem, refractario aos processos de hypocrisia, de corrupção e de venalidade, com que tão vulgarmente estamos vendo amaciar a corrente dos factos pela dissolução dos caracteres. Tinha a bondade, e tinha a rectidão. Com essas duas simples qualidades elle foi benemerito, menos por aquillo que fez, governando como estava em uso na ordem politica, do que por aquillo a que obstou, resistindo como bom homem ao contagio do meio na ordem moral.

XIV

ERNESTO CHARDRON

Agosto 1886.

Morreu no Porto o editor Ernesto Chardron, cujo nome occupa na historia da livraria portugueza d'este seculo um dos logares mais importantes e mais vastos.

Antigo caixeiro da casa Moré, por alguns annos administrada por Gomes Monteiro depois da morte do fundador, Chardron teve o premio grande n'um bilhete da loteria; e foi com esse fundo de acaso, 8 ou 10 contos de réis, que elle se estabeleceu por sua conta e montou a casa editorial que em pouco se tornou famosa.

Entre os frequentadores ordinarios do largo dos Loyos e da praça D. Pedro no Porto, Chardron era muito mais celebrado pelos *menus* dos seus jantares do que pelos catalogos das suas publicações.

Elle foi, com effeito, durante os ultimos vinte annos o homem que melhor comeu na cidade do Porto, onde a gastronomia está longe de se poder considerar á altura do seculo.

Tirem-lhe o arroz dôce, tirem-lhe o arroz de forno, tirem-lhe o peixe frito do Reimão, tirem-lhe as decantadas *tripas*— especie de *dobrada* de estylo composito, que se serve dentro de uma terrina em que entra tudo quanto constitue um jantar, desde a sôpa até o queijo e a pera, — e a cidade do Porto tem exgottado todo o seu repertorio culinario.

Chardron cultivava excepcionalmente a arte das boas ceias planturosas e finas, e era unicamente á sua mesa de celibatario rico, a que elle não reunia senão sabios compatriotas e raros litteratos nationaes arrancados á idolatria da tripa e da orelheira com feijão pela catechese do *Café Anglais*, que a gente podia, dentro dos muros da cidade invicta, reatar conhecimento com a succulenta gallinhola ou com a aromatica perdiz, successivamente assada e constipada no espêto, já por um hemispherio já pelo outro, entre as correntes de ar e as baforadas de lume mais sábiamente combinadas para manter no volatil assado e servido a ponto tudo quanto elle pode offerecer de mais requintado e de mais profundo no chorumento succo da polpa, na loura, estalante e fusivel delicadeza da pelle.

Era unicamente á communhão da sua mesa que, ao lado da sagrada particula venatoria, o peregrino encontrava o fino legume de maravilhosa precocidade, a tenra ervilha apenas desmammada da primeira vagem do anno, a pingue alcachofra anodina, a trufa ardente e insidiosa, e o calmante es-pargo; emquanto na taça das libações corria n'um fio tépido, aromatico e rubro, um legitimo Bourgo-gne, ou cahia em granizo desnevado um authentico Champagne.

A cozinheira de Chardron só fazia bem o assado. Seu amo não lhe permittia que se achincalhasse tocando em qualquer outro serviço que não fôsse aquelle para que a Providencia manifestamente a destinara, e era unica e exclusivamente como *rotis-seuse* que a empregava.

Quem no Porto sabia fazer os *civets*, as *gibelottes*, as *matelottes*, as *remoulades*, era a cozinheira de Genelioux. Chardron, para comer em termos, acabara por dividir o jantar em fasciculos, fazendo apparecer a introducção e a primeira parte da obra em casa do seu amigo, a segunda parte e o epilogo em sua casa.

Na escolha dos livros era muito mais latitudinario do que na escolha das iguarias. O seu deposito de impressos occupa dois ou tres predios, e é uma cousa assombrosa de variedade e de quantidade: — tra-

tados vários; relatorios; regulamentos; manuaes; traducções de Ponson du Terrail, de Montépin, de Eugène Sue, de Frederico Soulié, de Fernandez y Gonzalez, de Legouvé, de Luiz Figuiet, de Perez Escrich, de Lamartine, etc.; compendios, dictionarios, encyclopedias; *methodos facilimos, discursos, rudimentos, recreios, ocios, repositorios, noticias, elementos, viagens, phantasias, e vidas*; sermonarios, almanachs, agendas, albuns, livros de missa, descobertas, maravilhas; e uma serie infindavel de obras devotas e de cartapacios consagrados á classe ecclesiastica, como o *Thesouro de prégadores, a Vida de Pio IX, o Catecismo exemplificado, a Cerimonia da missa, Ancora da salvação. Discurso ácerca da religião catholica, Os heroes catholicos, Os jesuitas, A lei de Deus, A hospedaria do anjo da guarda, O maná do sacerdote, Ás senhoras da associação da caridade, etc., etc., etc.*

Nada mais interessante para a historia da mentalidade portugueza durante os ultimos vinte annos do que seguir através d'este dédalo de publicações, d'estes centenares de volumes em brochura e em papel, sobre os assumptos mais variados, mais diversos e mais contradictorios, o fio da curiosidade publica, medindo a procura da obra pelo que resta da respectiva edição do armazem. Recommendo aos successores de Chardron esse interessante estudo estatistico.

Além da grande e confusa massa de livros a que me refiro, Chardron teve a honra de editar obras dos nossos primeiros escriptores, como Camillo Castello-Branco, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro. Por muitos annos foi elle o editor unico de Camillo, mas tanto este como os outros eram já celebres e illustres quando Chardron lhes imprimiu os livros. Não creio, de resto, que elle proprio os lêsse nem que, lendo-os, encontrasse uma differença incommensuravel entre o *Crime do Padre Amaro*—por exemplo—e *O maná do sacerdote*.

Chardron publicou muitos livros, comprou muitos manuscriptos, e foi com todos os escriptores da sua convivencia um commerciante honrado, de um espirito conciliador e benigno, de um coração largo.

Aquelles cujas obras elle editou, e que lidaram com elle recordarão por muito tempo a sua jovial physionomia, como a de um d'esses raros homens alegres, saudaveis e bons, que sabem adoçar a vida no que ella tem de mais aspero, tratando os negocios como se tratam os prazeres, e não sendo menos sérios nos seus contratos do que os maiores massadores d'este mundo. Essa foi a bella e sympathica feição que os distinguu.

Emquanto a determinar, através da publicidade, alguma especial corrente de idéas; emquanto a distinguir e a agrupar em torno de si, na confusa refre-

ga, aquelles que têm de ser os vencedores e os chefes do movimento novo, Chardron não o sabia fazer.

Assim está inteiramente fora do seu plano de editor o fino tacto com que Jorge Charpentier, por exemplo, soube enfeixar a obra de Flaubert, de Zola, dos dois Goncourts, de Maupassant e de Daudet.

Todos os leitores conhecem hoje perfeitamente a afinidade que existe entre esses seis escriptores. Charpentier sentiu-o antes que o publico o comprehendesse. Eis a habilidade que não teve Chardron.

XV

O REI D. FERNANDO

Dezembro 1886.

No dia 14, por volta do meio dia, o rei D. Fernando exhalava o ultimo suspiro no seu lindo quarto de dormir do palacio das Necessidades, que elle tão elegantemente mobilara com os mais bellos contadores portuguezes do seculo xvi marchetados de márfin e de madreperola, e de cujas paredes, escuras, cobertas de esmaltes de Limoges, em tom azul persa com reflexos translucidos, se destacava em ouro antigo a grande esculptura de um Christo crucificado.

Rodeavam-o os seus filhos e os seus netos, a sua mulher, o patriarcha de Lisboa em habito prelaticio, e a rainha vestida de setim encarnado.—Bello quadro de fim de acto para o traspasse de um artista!

D. Fernando cahira na vespera á noite, ao acabar de jantar no pequeno aposento que medeava entre o quarto de cama e o quarto de trabalho. Fulminara-o a congestão no momento de chegar aos beiços um copo de vinho da Hungria, dando-lhe apenas tempo de exclamar:

— *Ah! mon bon Dieu!*

Quem d'este quarto passasse ao gabinete contiguo, immediatamente depois da morte do rei, encontraria ahi, quasi palpitantes ainda, os vestigios das suas occupações ordinarias, que elle não interrompeu nunca: no vão de uma janella, as tintas, os pinceis, as pennas de desenhar, o pequeno cavallette á luz, um prato e uma cabaça, que estava ornamentando; no bufete do centro, os livros e as revistas da ultima remessa; no angulo entre as outras duas janellas, em frente da porta, a *chaise-longue* com o cobrejão portuguez que lhe servia de *couvre-pieds*, e na banca proxima o ultimo numero do *Times*, aberto, a luneta em cima, ao lado do cinzeiro contendo o resto do ultimo charuto.

Sabia ou não sabia elle que a ulcera que tinha na face, era um cancro, a que fatalmente succumbiria dentro de um praso breve e prefixo?

A maior parte das pessoas que viviam na sua intimidade suppunham que elle se illudia ácerca da gravidade do mal.

Eu possuo algumas razões para crer que elle tinha apenas, como quasi todos os homens corajosos e delicados, o pudor da sua molestia incuravel, uma reserva altiva em evitar a banalidade de consolações inuteis e em dissipar a lugubre atmospherá moral formada na sua convivencia em tórno de uma declarada sentença de morte.

Tres mezes antes de fallecer fazia elle escrever de Cintra, pelo barão Kessler, a um escriptor seu amigo, as seguintes linhas:

«Je vous prie d'exprimer à notre ami F. . toute ma reconnaissance pour l'ouvrage qu'il vient de m'envoyer, et de lui dire que je le lirai avec beaucoup d'intérêt, comme tout ce qui sort de sa plume. Le peu de mots qu'il y a ajoutés de sa propre main m'ont bien touché, car je tiens à son amitié et à sa bonne opinion, et je lui rends bien tous ces sentiments. Je pense souvent à lui dans cet endroit si original, et je voudrais l'avoir ici pour nous promener ensemble, car il a le sentiment du beau de toutes les manières.»

Esta carta encerrava um convite para o castello da Pena, convite a que não se poude render o individuo a quem elle era dirigido. O escriptor a quem me refiro, visitando porém D. Fernando dois dias antes do da sua morte, ouviu-lhe estas palavras:

—Linos jornaes que regressara a Lisboa, e esperei-o

hontem e antes de hontem. . . Tenho pena de que não tivesse ido a Cintra : teríamos tido muito que conversar n'aquelle sitio; e não sei agora se as cousas d'este mundo se arranjarão de modo que nos permittam combinar para outra vez essa agradavel partida de amizade. . .

E, depois de um breve silencio, apontando para a face que tinha coberta de uma leve pasta côm de rosa, fez um gesto rapido e desdenhoso, soprou para o ar o fumo de um charuto que tinha nos beiços, e passou a falar de outras cousas.

O sentido vago e reticente d'essas palavras, e o tom de fugitiva amargura com que foram proferidas, não permittiriam duvidar da consciencia que elle tinha de estar chegado ao termo dos seus dias.

Como quer que seja, os habitos regulares da sua vida não passaram pela menor especie de modificação desde que a enfermidade se lhe manifestara, na occasião de fazer uma estação de aguas nas Pedras Salgadas, até a sua ultima hora.

Deitava-se invariavelmente á meia noite, ao bater a ultima badalada das doze horas no relógio da antiga torre do convento das Necessidades.

Ás nove horas da manhã achava-se correctamente vestido com a *toilette* que conservava, quer sahisse, quer ficasse em casa, até ao jantar.

Todas as horas do dia estavam para elle rigorosa-

mente distribuidas e pautadas: lia, desenhava, percorria as suas collecções, e jardinava.

Ás duas horas vinha o velho mestre da capella da Ajuda, Manuel Innocencio, acompanhal-o, e iam juntos para o piano.

A testemunha a que acima alludi, e a cujo depoimento recorro n'esta narrativa, disse um dia:

—É indispensavel para o justo equilibrio de uma bôa natureza que, por alguns momentos em cada dia, a gente se refugie das realidades da vida em uma qualquer forma da arte. Os homens refractarios a este sentimento materialisam inteiramente o destino e esterilizam em si quanto ha de mais desinteressado e de mais nobre na effusão humana. A musica para mim é uma especie de religião. Venha assistir, se isto lhe não desagrade, ás minhas horas canonicas...

E, installando-o n'um fauteuil, ao fundo da sala de musica, cantou-lhe ao piano, á mais larga expressão elegiaca da sua extensa voz de baixo cantante, a *Creação do Mundo*, de Haydn.

A carta que cito e as palavras que reproduzo, dirigidas a um simples homem de letras sem especie alguma de qualificação official, ao qual unicamente o ligavam algumas affinidades intellectuaes, servirão talvez para revelar uma feição pouco conhecida na personalidade d'este principe: o seu fino tacto em

achar a phrase commovente, a palavra tocante, nas relações da amizade, que elle sabia, como ninguem, envolver no mais delicado, no mais caloroso, no mais captivante affecto.

No trato familiar dos seus amigos elle era o mais jovial dos companheiros, o mais interessante dos conversadores, e, em summa, o homem por excellencia encantador.

Falava o portuguez com uma vernaculidade rara, mesmo entre portuguezes; conhecia todas as peculiaridades mais especiaes na lingua, tinha uma provisão enorme de proverbios, de adagios, de anexins populares, de modismos plebeus, de expressivos provincianismos, de giñas de officios, de neumas, de trabalenguas e de lenga-lengas, que visivelmente se desvanecia de empregar a proposito, no correr da conversa.

Considerava a lingua portugueza como o mais pittorescamente expressivo e o mais energico de todos os idiomas da raça latina. A esse proposito contava que, achando-se uma vez em Barcelona, e partindo do hotel para o caminho de ferro quasi á hora do comboio, se lhe desembuchara uma das rodas da carruagem que, tombando lhe espalhara na rua os volumes da bagagem. Acodem rapidamente uns poucos de trens, cada cocheiro pega n'um sacco ou n'uma chapelleira, cada qual procura puxar para

si o passageiro, e trava-se desordem e pancadaria.

— Para reaver as minhas cousas e poder, eu mesmo, escolher uma sege que me conduzisse á gare, — narrava D. Fernando — exgotei todo o meu vocabulario de pragas hispanholas. . . (E aqui exhibia um repertorio de juras que fazia honra ao mais loquaz muleteiro da Andaluzia). Por fim, perdendo inteiramente a paciencia, gritei-lhes sem já eu mesmo saber o que dizia: *Má raios vos partam!* Não se imagina o effeito inesperado e maravilhoso d'esta nossa incomparavel e sublime praga nacional. . . Os de Castella largaram immediatamente os *vultos* que tinham empolgado, e toda a multidão que me cercava e me impedia o caminho — cocheiros, maragatos e mirones — desapareceu com uma velocidade pánica!

Conhecia muito o *folk-lore* portuguez, e nada em litteratura o interessava tanto como os contos heroicos do nosso romanceiro, as lendas e as poesias populares, os monumentos do nosso direito consuetudinario, as novellas tradicionaes, os estudos das superstições, dos jogos, das prophcias, das advinhações portuguezas. . .

As historias populares de bruxas e as chamadas da *carochinha* quando lhe eram narradas com o sabor linguistico das menos accessiveis localidades

rusticas da serra de Barroso, do Marão, do Alemtejo ou do interior do Algarve, extasiavam-o. Elle proprio tinha colligido, nas suas viagens pelo paiz, muitos apontamentos interessantes, adquirindo um conhecimento dos mais completos da antiga pintura portugueza, do mobiliario nacional, desde o seculo XIV até o seculo XVIII, da industria da armaria e da louça, da marchetaria, da joalheria, da gravura, da tapeçaria, etc., e para a classificação e avaliação de qualquer producto portuguez de industria artistica podia ser proveitosamente consultado como um perito de primeira ordem.

Na sua riquissima collecção de ceramica a faiança da fabrica do Rato, a louça moirisca e a louça hispano-arabe estava representada por exemplares preciosos e unicos.

As suas mobílias do tempo de D. João V, adquiridas entre os destroços do espolio das priorezas de Odivellas e da casa dos meninos da Palhavã, tinham tambem um alto valor. Mas a flôr do seu museu eram os numerosos albuns de gravuras que elle reunia desde os nove annos de idade, e entre os quaes são das mais completas as dos mestres hollandezes e principalmente de Rembrandt, cujo estylo com mais particular predilecção elle imitava nas aguas-fortes e nos desenhos á penna.

A esse intelligente amor e a esse zeloso interesse

por todas as cousas de arte se deve principalmente o desenvolvimento que tiveram em Portugal, nos ultimos quarenta annos, os estudos artisticos e a reorganisação dos elementos indispensaveis a esses estudos.

Foi D. Fernando que por meio de um subsidio de 65 contos dados á Academia das Bellas-Artes de Lisboa, desde o anno de 1865 a 1868, contribuiu principalmente para a restauração da galeria de S. Francisco, cujos preciosos quadros da antiga eschola flamenga e da eschola portugueza do tempo de Francisco de Hollanda e de Grão Vasco alli estavam cahindo de humidade e de podridão.

Foi elle que subsidiou, para viagens de estudo a França, á Italia e á Hollanda, varios artistas portuguezes, entre os quaes citarei: Manuel Bordallo Pinheiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Francisco José Rezende, Francisco Pinto da Costa, e bem recentemente José de Brito, alumno da Eschola de Bellas-Artes do Porto, e o joven pianista Motta, ainda agora em Berlim, a expensas da sr.^a condessa de Edla.

Foi elle, principalmente, quem pelo seu exemplo mais determinou o movimento moderno do *dilettantismo*, chamando a attenção para tantos dos nossos gloriosos monumentos, desprezados ou esquecidos na indifferença, como o convento de Christo em Thomar, o convento de Lorvão, o mosteiro de Paço de

Sousa, a Sé Velha de Coimbra, Santa Maria de Almacave em Lamego; os bellos tumulos de tantas de nossas egrejas; os elegantes pelourinhos de tantas cidades e villas, e os lindissimos cruzeiros quasi innumeraveis nas estradas das nossas aldeias.

Foi elle ainda quem poz em moda na sociedade de Lisboa o gôsto do *bric-à-brac*, salvando por esse modo de se dispersarem ao desbarato, ridiculamente e vergonhosamente vendidos, pela Inglaterra e pela Hollanda, os ultimos documentos que ainda existiam no paiz para a historia de tantas industrias famosas e perdidas, iniciando assim por uma corrente de dandysmo e de imitação aristocrática o gôsto dos estudos historicos, da archeologia, da historia da arte ornamental e, no fundo de tudo isso, o conhecimento lento, insensivelmente adquirido e accumulado, do genio integral da raça e da ethnologia da nação portugueza.

Pode-se dizer ainda que foi D. Fernando quem fez de Cintra a linda villa de villegiatura que ella hoje é.

O castello e uma grande parte da propriedade da Pena foram adquiridos em hasta publica por uma pequena somma, que só ella basta para patentear a baixa em que estava em Portugal, ha trinta annos, a comprehensão do pittoresco.

Para calcular o que eram então em Lisboa as

idéas de arte não ha mais do que ler o livro de Rakzynski, publicado em 1846. Os extractos do *Ramalhete*, do *Panorama*, do *Diario do Governo*, da *Illustração Universal*, dos relatorios da Academia, dos discursos do seu director na exposição de pintura de 1843, sobejam para nos edificar sobre esse lastimavel assumpto.

O *Diario do Governo*, por exemplo, entendia que a esse tempo (1845) as commoções politicas e as revoluções da vizinha Hispanha haviam truncado n'aquelle paiz as tradições artisticas, emquanto Portugal, florescente na paz *segura e inalteravel*, (logo a seguir rebentava a revolta de Torres Novas e vinha a grande revolução do Minho! produzia, creava e alimentava pintores que competiam vantajosamente com os primeiros do mundo, e em abono d'esta asserção tão inesperada e tão phantastica, cita os quadros do pobre visconde de Menezes, os quaes representavam não menos que o *Atelier de Raphael*, *Morte de Abel*, a *Batalha de Scio entre os gregos e os turcos*, *um chefe Suliota a cavallo*, etc. Rakzynski diz apenas como commentario a essa obra que tem idéa de haver visto em outra parte estes assumptos, *sómente se não recorda bem se foi em gravura se foi em lithographia*.

O castello da Pena foi reconstruido pelo barão Eschwege, mas D. Fernando presidiu sempre ás

obras e interveiu na escolha de todos os motivos. A janella do Satyro desenhou-a elle mesmo em Thomar, inspirando-se na da sala do capitulo, e n'essa occasião mandou apear á sua custa a parte superior do claustro de Santa Catharina, que encobria essa maravilhosa parte do celebre convento dos freires de Christo.

Sem ambições algumas, nem de governo, nem de preponderancia politica, nem de influencia social; considerando imperfeitos, provisorios, destinados a uma profunda e talvez bem proxima transformação todos os systemas de governo hoje existentes; não vendo nos methodos de governar ao presente senão um puro problema scientifico que só experimentalmente se resolve e em que tudo é relativo a particulares e especiaes condições do meio em que se opera e dos instrumentos de que cada um dispõe para operar; refractario a toda a violencia arvorada em systema, sob qualquer pretexto e com qualquer fim que fôsse; odiando cordialmente a guerra como um resto de selvageria para elle inexplicavel; tendo o paiz por inapto para se governar bem dentro de um livre regimen de discussão como aquelle que tem tido em consecutivos annos de tranquillidade e de paz, mas, julgando-o destinado a ser feliz por ser fundamentalmente generoso, bom, e, no fim de tudo, muito menos tólo do que muita gente cuida,—

D. Fernando considerava-se para com a sua consciencia com direitos a viver tranquillo, ao seu modo e no seu canto.

Perfeitamente educado, não como um principe reinante mas como um rico e illustrado fidalgo hungaro, elle, chegando á velhice, reatava logicamente e harmonicamente a ultima parte da sua vida aos principios e ás tradições da sua mocidade.

Muitos lhe chamavam um egoista; elle era-o de certo dentro da medida em que entra no egoismo a sensualidade da arte; mas parece-me equitativo advertir nos inconvenientes que resultariam de que um homem na situação d'elle se lembrasse de intervir nos negocios dos outros, e passasse a massar o seu proximo com o fundamento humanitario de ter de se lhe dedicar para o fim de dar satisfação aos philosophos.

O *bibelot*, de resto, não era para elle nem o resultado morbido de uma sêcca e esteril mania de colleccionador, nem uma ostentação pascacia de ocioso ricaço; era, como para os Goncourts, a satisfação da fina e delicada necessidade mental de um espirito ávido de profundas e desinteressadas sensações que o ramerrão pacato da vida policiada e burgueza lhe não permite ir procurar fora das quatro paredes que constituem a officina, o laboratorio, a bibliotheca ou o gabinete do homem moderno.

Bastava vê-lo tomar amorosamente entre os dedos uma antiga joia, um esmalte, um marfim, em que a sensibilidade do operario palpitasse n'uma realidade artistica fixada pelo pincel ou pelo buril n'um pedaço de vil materia, para comprehender, na carinhosa ternura com que elle a envolvia, que aos seus olhos existia no *bibelot* mais alguma cousa do que uma singularidade de forma, existia o facto humano. E vinha á lembrança o que Edouard de Goncourt escreve da *bricabracomania* no preambulo da *Maison d'un artiste*. «Este prazer solitario deve o seu desenvolvimento ao vacuo e ao tédio do coração, e, tambem; devemos reconhecê-lo, á tristeza dos dias actuaes, á incerteza dos dias que hão de vir, ao parto mal disposto da sociedade nova, aos cuidados, ás preocupações que impellem o desejo, como na vespera de um diluvio, a procurar o gôso immediato de tudo o que tenta, encanta e seduz; o esquecimento do momento na sociedade artistica. São estas cousas, e incontestavelmente a educação da vista dos homens do seculo XIX, e ainda um sentimento novo, a ternura quasi humana pelas *cousas*, que fazem na hora presente toda a gente colleccionadora.»

Como rei, alguém escreveu que elle foi verdadeiramente o Malherbes do constitucionalismo. Até elle o Y conserva-se na orthographia da palavra rey e na comprehensão d'essa entidade como um resto de

antigo regimen. Á sua chegada a Lisboa falava-se ainda com genuflexão dos ultimos monarchas, o senhor D. João VI e os seus dois filhos, o senhor D. Miguel e o senhor D. Pedro de Bragança. D. Pedro fôra um bravo militar, que — como elle proprio escrevia do cêrco do Porto ao seu amigo, o marquez de Rezende, — nos constitucionalisou á força: *Sois mon frère ou je te tue!* D. Miguel foi um rei-esbirro, assim como o irmão foi um rei-soldado. Acamaradado a dois caceteiros, o José da Policia e o João Sedven, elle tinha este ideal fixo: organizar uma boa sociedade composta exclusivamente de frades e de toureiros, e rachar o resto á bordoadada. D. João VI era um principe com bom genio, feito de lombo de porco e de marmelada, — um ventre sempre cheio, quasi sempre constipado, polvilhado de rapé, e enformado n'uns calções sujos.

Um pouco menos rei que os seus predecessores, rei apenas por afinidade, esta circumstancia tornava-o sympathico, e D. Fernando fez uma impressão nova e benigna. Alto, magro, louro, quasi imberbe, educado como um bom alumno da universidade de Heidelberg pelo seu preceptor o conselheiro Dietz, o novo principe falava correctamente as linguas, cultivava com talento a musica, desenhava, pintava, gravava a agua forte, e fazia do sabão e da roupa branca um consumo quotidiano — dissipação helio-

gabálica sem precedentes na côrte portugueza, onde a senhora D. Carlota Joaquina, de accôrdo com seu augusto esposo, havia estabelecido como regra invariavel a incompatibilidade do banho com a gravidade régia.

Além d'isso, D. Fernando não toureava, não rebentava cavallos, não espancava burguezes, e passava por Mafra e por Odivellas, sem que nas cabeças de porco e nas compotas de marmelo d'aquellas localidades se experimentasse uma diminuição sensivel.

Como general, a sua inhabilidade gloriosa bastaria para lhe merecer o titulo de *Cesar Pacifico*, dado com menos razão pela mãe de Francisco I ao prisioneiro de Pavia. O povo, considerando como defeitos comicos, mas inoffensivos, algumas das qualidades politicas e pessoases do marido da sr.^a D. Maria II, comparou-o pelo seu character anodino e pela sua physionomia imberbe a alguns legumes caseiros, e pôl-o em cantigas, que o heroe era dos primeiros a repetir ao piano com a sua larga bonhomia saxonica.

O sol portuguez aqueceu-lhe o sangue e infiltrou-lhe a pouco e pouco a tempera peninsular. É o melhor caso que se conhece da adaptação de um organismo germanico ao meio meridional. Não havia homem mais portuguez do que D. Fernando.

Essa facilidade de assimilação, a sua inhabilidade

manifesta para fazer manobrar tanto uma intriga como um exercito, o seu bom senso critico e os seus gôstos da arte, fizeram d'elle n'este paiz o modêlo inicial do bom rei constitucional, do rei burguez.

Quando em 1868 lhe foi offerecido o throno de Hispanha, elle recusou-o, preferindo ficar em Portugal a cultivar o seu jardim e a colligir as suas gravuras e as suas majolicas.

O biographo, a que acima me referi, conclue o seu estudo com estas palavras:

Assim como os emissarios gregos, ao penetrarem na tenda de Achilles, o surprehenderam a dedilhar uma lyra, como conta Homero, assim os emissarios da futura revolução, ao penetrarem no palacio das Necessidades, encontrarão provavelmente o habitante d'aquelle velho convento a pintar um prato. Se a Revolução o encarcerar, elle pendurará á janella a sua palêta, como Ricardo Coração-de-Lião pendurou a sua harpa de trovador, e a democracia irá soltal-o, porque se por um lado elle pertence á realeza por ter um sceptro, por outro pertence ao povo por ter um officio. Ser carpinteiro bastou para dar a popularidade immortal a Pedro da Russia, sujeito mais cabeçudo do que é permitido mesmo a uma cabeça coroada. D'elle conta o seu medico, n'um livro postumo recentemente publicado, que para comprehender a theoria da circulação do sangue foi pre-

ciso a esse autócrata mandar abrir vivo um dos seus subditos — para vêr. Ora, o sr. D. Fernando nunca escalou os cidadãos para examinar como elles trabalham por dentro, e é o primeiro dos operarios da fabrica de louça de Sacavem. Rei pintando faiança, elle poderá dizer perante a carta e perante a posteridade, como nas *Georgicas* dizia Virgilio, tratando modestamente das abelhas: *In tenui labor; at tenuis non gloria.*

O testamento de D. Fernando, contendo as disposições mais eloquentemente destinadas a favorecer os interesses da sr.^a condessa de Edla, foi durante um mez o objecto da analyse e da critica mais desabrida e mais rancorosa por parte da maioria da sociedade e da imprensa de Lisboa.

D'esse documento se deprehendia com indignação geral que o testador amara com effeito a pessoa com quem foi casado, que por essa alliança elle collocara na mais alta jerarchia social a que pode aspirar uma mulher, e que Lisboa no emtanto se lembrava sempre de ter visto como cantora no palco do theatro de S. Carlos. Eis ahi o crime que a opinião contemporanea nunca perdoará ao rei D. Fernando.

Ha ainda alguns homens, como elle de temperamento artistico, e como elle por essa predisposição organica um tanto bohemios, quero dizer, refractarios ás praxes estabelecidas pela convenção dos ou-

tros. Esses homens, havendo creado em torno de si, como n'uma especie de clausura intellectual, todo um mundo completo e independente de commoções, de predilecções, de affectos, de prazeres, de máguas e de sacrificios, propriamente pessoas, sem nada de commum com o resto da sociedade, têm naturalmente, pelo pedantismo hypocrita da regularidade burgueza uma dôce indifferença, para com a qual a sociedade é geralmente injusta, confundindo-a com um intuito de provocação ou de desprezo ás opiniões consagradas. Para esta especie de individuos, a mais inviolavel e a mais sagrada de todas as liberdades é a liberdade do sentimento, e nada se lhes figura mais completamente indiscutivel, perante a razão e perante a moral do que o direito que assiste a cada um de amar quem quizer, de casar com quem prefira, e de dispôr do que é seu em proveito de quem muito bem lhe apraza.

A sociedade porém — e a sociedade de Lisboa ainda mais que a de qualquer outra parte — é que não vae para ahi, e julga-se ella mesma destinada, em virtude de não sei que extranha e suprema delegação de poderes, a escolher por sua conta a mulher e o herdeiro de cada um.

A Pena — regougava-se em todas as salas e bria-se em todas as redacções de Lisboa — devia ficar ao Estado, porque no fundo a Pena era do Es-

tado quando D. Fernando a comprou; é um monumento nacional. As louças, as majólicas, os bibelots, os moveis, as gravuras, deviam igualmente ficar ao Estado, e não a essa creatura estrangeira, ex-actriz, pois que todos, ou quasi todos esses objectos foram adquiridos pelo esposo da mui virtuosa rainha a sr.^a D. Maria II, de saudosissima memoria, no espolio dos conventos, dos mosteiros e das casas nobres portuguezas, arruinadas por dividas e dispersas por penhoras. Essas preciosidades artisticas são portuguezas, são nossas, foram-nos extorquidas em compra vil pelo astuto colleccionador das Necessidades!

É forçoso confessar que não ha realmente nada mais rejubilante do que esta dôr cruel que repentinamente invade a sociedade portugueza, ao vêr-se desherdada de monumentos e de obras de arte, a que não sei por que especie de titulo ella se julgava com direito!

Aqui temos agora a querer reivindicar a Pena um paiz que a deixou vender por 600,000 réis n'uma arrematação publica, em que, além de D. Fernando, apenas concorreu o capitão Reis, proprietario da localidade, a quem convinha o velho castello para lhe aproveitar para paredes a alvenaria dos muros! Aqui principia inesperadamente a falar em respeito aos monumentos nacionaes a mesma gente que com a maior indifferença imaginavel deixa aluirem dia a

dia os castellos com que D. João I fortificou a Beira, e cahirem de abandono tão gloriosos monumentos de arte e de historia como outros varios castellos, o de Almourol, o de Guimarães, o da villa da Feira, o de Leiria, o de Obidos!

Reclamam o castello da Pena, que D. Fernando reconstruiu e rodeou de jardins admiraveis n'um terreno inculto e baldio, para irem para lá merendar em burros na estação calmosa, e não se lembraram ainda de pedir uma direcção geral de Bellas Artes e uma inspecção dos monumentos nacionaes, a um governo que ainda o anno passado vendia por réis 300000 a admiravel obra de talha do tecto da sala dos reis nos Jeronymos, um governo que, além dos magros e escorridos vintens que dá para a insensata restauração da Batalha, não dispende um real na guarda de tantas preciosidades artisticas que ainda temos e que só estudam os estrangeiros como Murphy, como Falkenstein, como Robinson, como o conde de Rakzynski.

Não temos, nem bôa nem má, uma historia da arte nacional.

Além do que nos tem sido dicto de Allemanha e de Inglaterra, nada sabemos das nossas antigas eschololas de pintura e de architectura, nem das nossas tão interessantes industrias artisticas, como a dos azulejos e a da vidração polychroma.

Ainda até hoje não fomos capazes de fundar o museu nacional.

E dos quadros que possuímos nas collecções que ninguém visita, nem um catalogo ha compativel com a decencia de publicações de tal ordem.

Vendemos a pêso, por alguns centos de mil réis, pratas esculpidas por Benevenuto Cellini, que se venderam por 40 contos na Inglaterra.

Deixamos ir da feira da Ladra, por 3 libras, um canapé e dois fauteuils Luiz XV, que Rothschild pagou em Paris por 11:000 francos.

A mim proprio me venderam por 207000 réis as cadeiras Luiz XVI da minha casa de jantar, pelas quaes o sr. Soden Smith, do Museu de Londres, me offereceu 60 libras (que eu não quiz) para incluir esses moveis na collecção de Kensington.

O cadeiral do côro do convento de Santa Cruz, em Coimbra, representando em talha dourada os episodios do descobrimento da America, está cahindo apodrecido pela humidade dos muros, e não ha quem lhe acuda.

Na ponte sobre o Lima, que dá o nome á villa de Ponte do Lima, e que era ameçada e entestada por duas torres acastelladas do seculo XIV, cerraram as ameias e deitaram abaixo os castellos.

Na Senhora da Oliveira em Guimarães, edificada, no tempo de D. João I, pelos pedreiros que traba-

lharam no convento da Batalha, taparam a pedra e cal os intercolumnios do claustro e barraram de argamassa os capiteis das columnas.

Eu ficaria aqui tres dias se pretendesse fazer a narrativa, ainda a mais summaria, de todos os desleixos, de todos os desprezos, de todas as ignorancias, de todas as affrontas, de todas as barbaridades de que são objecto as obras de arte por parte da opinião e por parte do Estado.

E é esta gente, são os mais illustres e os mais conspicuos representantes d'essa opinião, que reclamam para o Estado as collecções artisticas de D. Fernando!

Para que?...

Que fez o Estado das collecções que recolheu dos conventos extinctos em 36? Para onde foram as louças, as mobílias e os quadros de Alcobaça e de Marvão? Para onde foi a collecção da Madre de Deus, em Xabregas? Para onde foi todo o museu industrial de Fradesso da Silveira?

Um architecto allemão, meu amigo, o sr. Albrecht Haupt, professor da Eschola Technica Superior do Hannover, e commissionado pelo governo do imperio para estudar em Portugal os monumentos publicos, andou seis dias em Lisboa, de ministerio em ministerio, a procurar saber a quem tinha de se dirigir para que lhe fôsse facilitada a visita aos edifi-

cios encarregado de estudar. Do ministerio dos negocios estrangeiros enviaram-o ao ministerio do reino; do ministerio do reino expediram-o ao ministerio das obras publicas; do ministerio das obras publicas recambiaram-o para o ministerio do reino. Finalmente, como não ha direcção nem inspecção dos monumentos publicos em Portugal, o meu amigo partiu munido de cartas de recommendação do ministerio do reino para os governadores civis dos districtos, para os administradores dos concelhos e para os regedores das parochias. Foi o mais que se lhe pôde arranjar!

Ora, francamente, um paiz em que são por tal forma tratados, nas regiões officiaes, os negocios da arte, cessou inteiramente de ter direito a esperar que alguém lhe legue, como tão frequentemente succede na Allemanha, na Inglaterra, na Belgica e na Hollanda, as suas collecções artisticas.

Depois da sr.^a condessa de Edla, quem mais tem que agradecer as disposições testamentarias de D. Fernando, é a maledicencia de Lisboa, á qual esse principe, sobre cujos altos merecimentos cahiu o mais espêsso véo de esquecimento, deixou materia em que ella se ceve por muito tempo.

Tambem, para que quiz elle ser, como n'outro tempo lhe chamavam, o *rei artista*?...

Pobre artista! pobre rei!

XVI

FONTES PEREIRA DE MELLO

Janeiro 1887.

Para biographar um homem eminente, para determinar a porção de energia que elle representa na constituição e no equilibrio do grupo de factos, de sentimentos e de idéas, sobre que actua por uma especie de influencia planetaria toda a personalidade dominativa, é preciso empregar dois processos, como na analyse experimental: o processo positivo e o processo negativo. Não basta, para conhecer a natureza de um facto, o ter adquirido, por meio da observação directa, a evidencia apparente de uma primeira correlação de causa e effeito; é necessario em seguida, analysando-o, eliminar a causa, até ahí puramente hypothetica, e investigar como se comportam os phenomenos na ausencia do agente a que primeiro os subordinamos. É isto — creio eu —

o que em Claude Bernard se chama a verificação da hypothese.

Na critica social, para seguir este methodo, o unico que conduz á certeza scientifica, teria de estudar o biographo a conformação de uma figura, primeiro pelo relêvo que ella projecta, segundo pela concavidade que produziria retirada da massa a que adhere e a que se encorpora. Ora, a critica não tem o poder de conceber por abstracção, na analyse dos phenomenos sociaes, a modificação exacta que no determinismo d'elles resultaria da eliminação d'este ou d'aquelle agente.

Tal é a razão que faz da morte essa nova e extranha luz, que de repente illumina de um clarão retrospectivo todo o aspecto de uma vida.

Desde que desaparece do mundo, o homem, até ahí julgado unicamente pelo papel que tinha, passa a ser julgado tambem pela falta que faz, e aos olhos do vulgo a figura do que deixou de existir toma desde logo proporções muito mais consideraveis do que se lhe suppunham, pelo simples effeito de visão, que faz parecer o molde maior do que o vulto.

Foi o que ha tres dias succedeu com a imprevisita e quasi subita morte do estadista Antonio Maria Fontes Pereira de Mello. E n'este caso o engrandecimento produzido não foi uma simples illusão de optica.

A pura verdade é que, com a falta de tal homem, abateu o eixo em que se mantinha e girava toda a evolução da politica monarchica em Portugal.

Nunca tivemos realmente sob o systema representativo senão dois partidos politicos: o da carta e o da revolução de setembro. Desde que o cartismo e o setembrismo se fundiram na Regeneração de 1851, a Regeneração ficou só como unico e exclusivo programma de governo.

O utilitarismo foi o principio fundamental da nova ordem de cousas. Todos os demais artigos do codigo regenerador eram puras idéas subalternas e accessorias, de character decorativo.

O paiz estava cançado e estava desilludido; deixara de appellar para as idéas em nome das quaes se arruinara em quichotescas aventuras, sem progresso sensivel de bem-estar; e a sua derradeira aspiração politica poderia resumir-se n'esta formula: «Deixem-me em socêgo e arranjem-se como puderem.» Para corresponder a estes votos a Regeneração deu o governo mais perfeito que ainda houve.

Dirigido ou influenciado pelos dois homens de mais prestigio e de mais auctoridade na sociedade portugueza, tendo por chefe do gabinete o marechal Saldanha e por *poder occulto* Alexandre Herculano, o novo ministerio dispunha de uma força enorme,

inteiramente excepcional. Pela primeira e ultima vez na historia contemporanea, elle submettera a propria acção hypnotisante da corôa sobre o embasbamento das massas, fazendo retirar de Coimbra, derrotado pela opinião, o marido da rainha, e forçando a propria rainha a acclamar n'uma noite de gala no theatro de S. Carlos a revolução triumphante na pessoa gloriosa do duque de Saldanha. Estava emfim apto, como nenhum outro governo, quer antes, quer depois d'elle, para emprehender as reformas mais vastas e mais profundas.

Então se falou pela primeira vez na abolição dos vinculos e da hereditariedade no pariato, e pensou-se em *pôr fora a velhada* como dizia Herculano, para o fim de fazer entrarem no governo, com a gente moça, as idéas novas do romantismo democratico.

Mas Rodrigo da Fonseca, homem pratico, de exterior prosaico e chão, com a sua antiga gravata de espartilho, a sua longa sobrecasaca burgueza, desprovido de bigode, barbeado, penteado e vestido ao uso tradicional dos estadistas da primeira metade do seculo, astuto e sagaz, conhecendo como ninguem todas as hypocrisias da corrupção moderna, sentando que foi n'um dos *fauteuils* dos conselhos da corôa, olhou de soslaio por cima dos oculos para os seus jovens companheiros da puridade governamen-

tal, e, com o fino sorriso que tão poderosamente dominativa tornava a expressão espirituosa da sua bella mascara, dissolveu no ôvo os embryões de toda a idealidade contradictoria com a logica prática do pão pão queijo queijo.

Promulgou-se todavia em dictadura o acto addicional á carta constitucional; alargou-se a área do suffragio, e estabeleceu-se o Tribunal de Contas: dilatação da intriga representativa e da corrupção do votismo por um lado, e por outro lado organização de um pé de castello tranquillo e confortavel, para aposentação dos velhos estadistas dissidentes e resmungões. Creou-se logo depois o ministerio das obras publicas, commercio e industria, portico triumphal destinado a dar ingresso á nova senda dos melhoramentos materiaes, e por baixo do qual teriam de passar em pompa constitucional, engrinaldados de rhetorica e envôltos em relatorios, cobertos de discursos e chapinhados de agua benta, todos os inventos scientificos da moderna civilização europea, o vapor e a electricidade, a locomotiva, o fio telegraphico, o cabo submarino, e todos os novos systemas de docas, de portos de abrigo, de navegação, de alumiamto e balisagem das costas maritimas, etc. E ao receber cada um d'esses melhoramentos, o paiz sentia-se alegre, feliz, e quasi tão orgulhoso como se fôsse elle proprio, ou o seu governo, quem

os tivesse descoberto e pela primeira vez applicado á pratica das relações sociaes.

As successivas formações de companhias, as adjudicações de empreitadas, a circulação de um consideravel augmento de dinheiro novo entre as classes operarias, as repetidas festas inauguraes de estradas, de pontes, de estações de caminhos de ferro, lisonjeavam e distrahiam a burguezia, suggerindo-lhe pretexto para se banquetear tambem por sua propria conta, mobilando salas de apparato, encomendando espelhos e lustres, illuminando, recebendo, lançando convites. A primeira exposição universal de Londres e a subsequente exposição de Paris fizeram viajar pela primeira vez no cento da Europa muita gente rica até então sedentaria, caturra e odienta, além dos janotas expedidos em commissões do Estado, sob illimitados pretextos de utilidade publica, para estudarem toda a especie de cousas, reconhecendo-se para esse fim com o mais triumphante jubilo que se não sabia cousa alguma. Das alegres communicações de trato pessoal com a Inglaterra patusca de lord Palmerston e com a França *chic* do duque de Morny, vieram-nos repentinos e consideraveis desenvolvimentos de elegancia e de moda, novas necessidades de luxo e novos requintes de prazer. Importamos então, juntamente com o artigo de Paris, com a *camelotte* do boulevard, novos syste-

mas financiaes, receitas de syndicatos, de companhias anonymas, de *trucs* de bolsa. Trouxemos algumas *cocottes*; trouxemos camisas bem talhadas e casacas bem feitas; trouxemos as corridas de cavallos e os cavallos inglezes; trouxemos o jogo de fundos para a rua dos Capellistas, e o baccará para o Gremio; trouxemos a opera buffa para a Trindade, e as *toilettes* Benoiton para as nossas familias.

Era com effeito uma *regeneração* completa na politica, nos negocios, nos costumes!

No confinado ar patrio, impregnado de um velho cheiro de sacristia e de quartel, saturado das exhalções do cigarro das guerrilhas, do rapé dos conegos e dos desembargadores, e da agua de vegeto com que nos refrigeramos das contúsões do cabralismo e da patuléa, passou então uma aragem de reverdescencia moderna e juvenil, envôlta n'um alegre ruido de Champagne desrolhado e de can-can impellido por um galope de Offenbach.

A este conjunto de cousas chamava o governo regenerador, com mais ou menos propriedade, a *prosperidade publica*, e dava-se para os effeitos da popularidade e do parlamentarismo — um pouco de mais talvez — o ar victorioso de ter sido elle quem, pelo arrojo da sua iniciativa, creara as circumstancias determinantes de taes factos.

O conde de Avila, mais tarde duque, passando

pelo poder algum tempo depois do primeiro ministério regenerador, deu-me em poucas palavras uma idéa precisa do que é o criterio governativo com relação á parte que elle tem na felicidade geral. Foi no fim de um baile, junto do bufete da ceia, que, achando-se casualmente ao meu lado, elle me disse :

— Ora, o sr. Perdigão (nunca me honrou com outro appellido aquelle venerando vulto !) ha de ter a bondade de me dizer aqui assim, á puridade, o que é que lhe falta para se achar plenamente satisfeito no seio da sociedade a que pertence ? . . .

Eu, que tinha então menos vinte annos do que hoje, bom pé, bom estomago e bom humor, considerando que valsara com um par encantador, que comera uma excellente lagosta á americana, regada com quatro ou cinco copos de Moet Chandeau, que estava sorvendo o mais saboroso gelado de marrasquino, e que iria d'alli para minha casa regalando-me de fumar um charuto na deliciosa frescura da madrugada, inclinei-me com reverencia e declarei categoricamente, que nada faltava n'este mundo á plenitude da minha satisfação.

— Confessa então ? . . . Ora, ainda bem ! Pois deve saber — accrescentou com bonhomia — que outro tanto me succedeu a mim, e succede a todos que no nosso paiz trabalham com intelligencia e com honestidade. . . Eis o que devemos ás instituições liberaes

que a sua penna — em contradicção, permitta-me dizel-o, com as palavras e com as maneiras do sr. Perdigão — tão rispida e tão acerbamente combate.

É evidente, cuido eu, que o espirito ordinariamente tão lucido do duque de Avila laborava em tal ou qual confusão a respeito das relações que prendem de um modo immediato a arte de governar os homens com a arte de dirigir os cotillons e de preparar as lagostas á americana ou as saladas á russa, nas casas particulares. Cito porém a sua maneira de vêr este assumpto, porquê ella é commum a todos os conservadores portuguezes desde 51 para cá.

Ha comtudo na administração regeneradora dois factos culminantes que directamente influiram na opinião do publico, e algum tanto na orientação social. Esses dois factos são a conversão da divida publica, e a prática inteiramente nova dos pagamentos em dia aos empregados e aos pensionistas do Estado. Os pagamentos pontuaes, que ainda hoje se fazem nos dias primitivamente fixados pelo innovador, conciliaram á situação regeneradora as sympathias agradecidas da classe mais importante da nação. A conversão da divida, capitalizando os juros em débito por meio de uma operação engenhosa e complicada, abriu a porta a successivas operações

analogas, habituando o governo a appellar para o crédito, contrahindo empréstimos sobre empréstimos com uma frequencia a que o paiz acabou por se tornar indifferente, bastando-lhe, como apparencia de prosperidade, vêr que os seus agiotas medravam a olhos vistos, que as estradas progrediam, que os pagamentos do thesouro e das secretarias continuavam a achar-se em dia, que as fabricas augmentavam bafejadas pela protecção das pautas, e que sobre tudo isto a rhetorica da representação nacional não cessava jámais de derramar torrentes infindaveis de metaphoras as mais arrojadamente jubilosas e optimistas, bem que, a exemplo do que succedeu ao governo, successivamente se fôsse dividendo tudo, — as camaras municipaes, as juntas geraes, as juntas de parochia e as casas dos particulares.

Os differentes partidos que desde 1851 até hoje se teem revezado no poder com o primitivo partido regenerador, em cousa alguma alteraram os methodos estabelecidos no modo de governar. Não trouxeram um unico principio novo; proseguiram fielmente no mesmo systema de supprimentos, de conversões e de empréstimos, substituindo apenas, em vista de uma justa consideração de equidade, os deputados, os governadores civis, os regedores e os agiotas amigos dos contrarios, pelos deputados, pe-

los governadores civis e pelos agiotas seus proprios amigos.

Para que chegasse a vez, como era de justiça, a todos os diversos grupos de impacencias formadas á roda de cada ministerio, subdividiram-se e multiplicaram-se os pretendentes, vindo, depois uns dos outros, os *historicos*, os *reformistas*, os *avilistas*, os *granjolas*, os *constituintes*, os *progressistas*, além de varios pequenos agrupamentozinhos ephemeros, que deram governos de conciliação e de transição, sem duração bastante para botar nome ou para receber alcunha.

Assim desmembrada pelas divisões e subdivisões das interpretações authenticas a doutrina fundamental da Regeneração, já de si tão exigua e tão inconsistente, diluiu-se e dissolveu-se de todo. Sobreviveu-lhe apenas o nome com que nascera, mas evidentemente, no seio do antigo partido constituido por Saldanha e Rodrigo da Fonseca, dera-se, já por circumstancias organicas, já por circumstancias exteriores, uma transformação absoluta. A *Regeneração* convertera-se desde muito tempo em *Fontismo*. Ha annos que na politica monarchica portugueza não ha de facto senão um unico principio de governo. Esse principio era Antonio Maria Fontes Pereira de Mello. Aquelles que se submettiam a essa auctoridade formavam um partido; os que não se lhe submet-

tiam formavam o partido contrario. E não havia realmente mais partido nenhum, além de esses dois: os *fontistas* para um lado, e os *anafontistas* para o outro.

Quaes são os dotes de estadista que deram a Fontes este incontestavel predominio sobre a politica do seu tempo?

Em um livro apresentado não ha muitos annos á Academia das Sciencias moraes e politicas de Paris, pelo sr. Foncin, professor da faculdade de letras, o moderno homem de Estado é assim definido:

«Quer-se que o estadista possua conhecimentos vastos e solidos, que possa comprehender tudo: agricultura, commercio, marinha, industria, finanças, trabalhos de utilidade geral; que saiba apreciar o importancia de um descobrimento scientifico ou de uma obra de arte, distinguir os talentos, honrar a virtude e o genio. Os principios do direito publico e privado que regulam as relações dos cidadãos entre si e dos cidadãos com o Estado, ou os do Estado com a educação e a religião, devem ser-lhe tão familiares como as particularidades das diversas administrações. É preciso que tenha um programma de reformas conhecido e immediatamente applicavel; e para julgar da oportunidade d'essas reformas convem que tenha estudado o passado, que conheça

o presente, e que saiba lêr no futuro. Que prática dos homens e das cousas, que penetração, que vontade, que poder de trabalho, que habilidade e que rectidão, que ousadia e que prudencia não suppõe o desempenho de um tal papel! E exige-se ainda que o estadista tenha visitado como philosopho, á semelhança de Montesquieu, as nações circumvizinhas; que conheça como diplomata os seus interesses, os seus dissentimentos, as suas ambições secretas; que lhes observe osprehendimentos, que lhes respeite as susceptibilidades, que mantenha proveitosamente as allianças dignas, mas que não hesite um momento em defender contra toda a aggressão injusta os direitos da sua patria. As artes da guerra não podem portanto ser-lhe extranhas, e ainda que não tenha os dotes de um grande general, deve ser tão intrepido como se os tivesse, sem por isso deixar de saber escolher os melhores chefes e de discernir os melhores planos. A todas estas faculdades quer-se que reuna uma integridade absoluta, a justiça, a bondade, o desprezo e até o esquecimento das injurias, o ponto de vista mais largo e mais generoso, e uma especie de instincto das cousas gloriosas. Acrescentemos ainda que nos paizes livres o estadista deve, de mais a mais, saber falar em publico, se não com a eloquencia de Demosthenes ou de Mirabeau, pelo menos com a facilidade, a clareza, o

calor natural de um espirito puro e de um coração sincero. Na Grecia exigir-se-hia tambem que o primeiro magistrado da republica fôsse bello como Alcibiades. As nações modernas, bem que menos artisticas, ligam, todavia, uma legitima importancia á expressão da physionomia, á dignidade das maneiras, á firmeza do gesto, á vivacidade franca e communicativa do olhar e ás entonações vibrantes de uma voz sonora e justa. Apraz vêr em todos estes bellos signaes exteriores a fiel imagem de uma alma.»

Se d'esse retrato devessemos deduzir a medida exacta com que tem de ser afferida a personalidade de todo o homem de Estado, é evidente que Fontes Pereira de Mello, comquanto satisfazendo algumas das condições exigidas, ficaria no todo bastante abaixo do estalão typico. Devemos porém advertir que a bitola estabelecida pelo sr. Foncin se destinava a medir a estatura de Turgot, e que de Turgot para cá baixou bastante o nivel da importancia politica perante o progresso social, sendo assim mais facil aos homens de Estado attingir a altura da sua missão.

Como tão lucidamente observou Augusto Comte, no desenvolvimento ordinario da sociedade o publico presta aos que o guiam uma assistencia espontanea, e a evolução realisa-se sob um impulso geral e unanime. Foi o que succedeu na época de Fontes.

O problema imposto não era como no fim do seculo passado o de renovar a doutrina fundamental, resolvendo a tradição mais inveterada e vencendo por um enorme esforço da vontade e da intelligencia de alguns poucos individuos a resistencia pela inercia da grande massa, inconsciente da elaboração que n'ella se opéra, e hostile pela indifferença que lhe vota á transformação por que a obrigam a passar.

Da politica moderna parece que desapareceu, temporariamente pelo menos, e não sómente em Portugal mas em todas as demais nações da Europa, esse predominio moral das intelligencias superiores na marcha progressiva da felicidade humana.

Escrevendo um dos derradeiros capitulos da historia da antiga França monarchica, Michelet começava assim: «Esta manhã, 1.º de novembro, ás cinco horas, ainda no escuro da noite, uma voz interior me advertiu e me disse: *Quem é hoje digno de falar de Turgot?*»

Os historiadores que no seculo futuro houverem de tratar dos politicos do fim d'este seculo, como Michelet tratou dos do fim do seculo passado, ouvirão talvez advertil-os uma voz bem diversa: *Qual é d'este tempo o Turgot digno de que se fale d'elle?*

De tudo quanto a politica tem intentado, fora do desenvolvimento do programma de 1793, o que é que effectivamente persiste?

Tudo quanto na ordem politica se edificou de novo tem o aspecto de vacillar, de estremecer pelos alicerces, de ir desabar de um momento para o outro na mais tragica das catastrophes.

Expedientes provisorios, tendo por base o accôrdo dos interesses materiaes ou o direito da força, substituem por toda a parte as soluções philosophicas e definitivas, como na questão da Polonia, na questão do Egypto, na questão da Irlanda, na questão da Bulgaria, etc.

O systema representativo sob as monarchias constitucionaes, fahou em toda a linha de applicação pratica: em Portugal, em Hispanha, na Italia, na propria Belgica, na Hollanda, e até na Inglaterra, onde mais estreitamente elle parecia vincular-se nas tradições sociaes e nos costumes civis.

A democracia, representada nas assembléas legislativas pelos eleitos do povo, tem successivamente defendido com enthusiasmo ou atacado com rancor as idéas mais profundamente contradictorias. Na religião ora é catholica ferrenha, ora é antipapista acerba; umas vezes devota e beata, outras vezes simplesmente deista, pantheista, metempsychosista, indifferente, livre pensadora, ou abertamente materialista. Em economia e em politica é simultaneamente, segundo a diversidade das hypotheses, livre cambista, proteccionista, philantropista, mono-

polista, centralisadora e descentralisadora, doutrinaria, oportunista, constitucional, machiavelica, patriótica, cosmopolita, dictatorial, absolutista, anarchica ou socialista. Em philosophia é metaphysica, é sentimentalista, é ideologa, é transcendentalista, e ao mesmo tempo é fatalista, é tambem eclectica, é naturalista, é transformista, e é positivista!

Os chefes do governo arranjam-se habilidosamente como podem no meio d'esta revolta e inextricavel confusão de idéas.

Sendo absolutamente impossivel resolver ou deliberar, sobre o que quer que seja, por accôrdo de principios, delibera-se por accôrdo de interesses pessoas, e são os egoismos que se coordenam para o lucro reciproco, por não haver meio algum de grupar os cerebros por idéas geraes e por convicções communs; n'isto se resume toda a sciencia do parlamentarismo contemporaneo.

Imagine-se que equilibrio, que cohesão, que consistencia pode ter tudo quanto se construa com taes materiaes e sobre taes alicerces! Por isso vemos como toda a obra dos politicos modernos se desagrega molecula por molecula, com uma simplicidade aterradora, ao primeiro embate exterior de uma sublevação, de uma revolta, de um golpe de Estado, ou de um golpe de Bolsa. Alguns anarchistas que berrem, algumas espadas que se desembainhem, ou

alguns milhões que se deslocem, e toda a configuração politica da Europa, tal como os estadistas dos ultimos tempos a delinearão, se transformará de um momento para o outro.

Um dos factos aparentemente mais consistentes, de uma solidez mais poderosamente garantida na politica moderna, é o da unificação do imperio germanico. E todavia o que estamos presenciando é que o poderoso principe de Bismarck, chegando ao ultimo quartel da vida, coroado com os louros de todos os triumphos e de todas as victorias, sente vacillar debaixo dos pés a portentosa jangada que construiu, e a si mesmo pergunta, n'um calafrio supremo cuja convulsão se communica a todo o mundo, se com os dias da sua existencia não estão contados os da sua obra, porque a herva não quer reverdecer nas terras calcadas victoriosamente pelo lendario cavallo do novo Attila, e das provincias conquistadas á França se está dizendo que onde a mão tudesca semeia o branco *Wergeiss-meinnicht* rebenta do solo a papoula rubra.

Quanto sangue derramado, quantas lagrimas vertidas! quanto dinheiro, quanto tempo e quanto trabalho roubado ao progresso e á felicidade humana, unicamente para demonstrar, talvez ao cabo de experiencias bem longe ainda do seu termo, que ha um natural equilibrio ethnico contra o qual se deba-

terão debalde todos os artificios da força para o agrupamento das nacionalidades europeas!

Não me parece pois que seja um acto de justiça exigir da capacidade de Fontes Pereira de Mello mais seguras e incontestaveis provas que a qualquer outro chefe politico do seu tempo, quer em Portugal quer na Europa.

O que verdadeiramente constitue a superioridade na direcção da politica moderna é o poder de commando. Esta rara faculdade nenhum outro homem na sociedade portugueza a possuia hoje em tão alto grau como aquelle que a morte acaba de arrebatá-lo.

N'elle se reuniam todas as condições que no trato dos homens captivam o respeito da auctoridade applicada e da disciplina imposta.

Era de temperamento nervoso, voluntario, summamente energico, com uma estatura altiva de soldado distincto e bem creado.

Servira em campanha como ajudante de ordens do marechal Saldanha, vira o fogo na batalha de Torres Vedras, e guardara no porte marcial da cabeça e na expressão do olhar uma lembrança da attitude firme e resoluta, que na presença do perigo convem á coragem e ao brio.

Não era bacharel.

A simples circumstancia de não ter cursado a

universidade o punha ao abrigo de innumeradas familiaridades depressivas. Ninguém o tratava por tu, nem lhe batia no hombro sem cerimonia. Dos bachareis formados em direito, que em cada legislatura constituem a maioria dos jovens deputados, nenhum fôra com elle ceiar ás Camêlas, nem jogar nas batotas de Coimbra. Os defeitos, as fraquezas ou os ridiculos da sua mocidade, ficaram d'esse modo a coberto das allusões hostis dos camaradas. D'ahi talvez a comprehensão que elle tinha da inacessibilidade como elemento de respeito.

O habil cuidado que punha em não deixar ultrapassar a quantos tratavam com elle uma certa linha de distancia, não feria susceptibilidade alguma, porque era a applicação de uma regra invariavel e absoluta.

Conta-se que, n'um dia de assignatura no paço da Ajuda, Fontes, presidente do conselho de ministros, tendo chegado um pouco depois dos outros membros do ministerio, interrompera uma intima sessão de leitura feita por el rei. O sr. D. Luiz, propondo-se talvez continuar, explicou ao chefe do gabinete que estava lendo aos seus amigos a traducção portugueza de uma scena de Shakspeare. Fontes, que não desejava ser posto em pé de egualdade com os demais ouvintes, não possuindo elementos para distinguir-se d'elles pela superioridade litteraria n'um

conciliabulo de critica, deslocou immediatamente a situação dizendo com respeitosa ironia:

— Eu pensava que el-rei não lia aos seus ministros senão a carta constitucional.

Um benevolo sorriso fechou o incidente, e a continuação da leitura de Shakspeare ficou para quando no paço tornasse a estar ausente do conselho de ministros o seu presidente.

Esta anecdota caracteriza bem os expedientes tomados por Fontes em contingencias analogas.

O proprio soberano, por quem tinha a dedicação mais fiel e mais profunda, não era com elle mais familiar do que qualquer outro individuo. A sua finura de palaciano revelava-se principalmente no singular bom gôsto com que sabia servir sem lisonjear. A cortezia nunca n'elle implicou com a altivez. Sabia perfeitamente como deante de um principe um homem se pode inclinar sem se diminuir. Ao contrario de bastantes outros *parvenus* do poder executivo, que em contacto com a realza se rebaixam pela submissão rasteira, sem nunca terem o aspecto de curvar-se pela civilidade jerarchica, elle conhecia a arte de ser constantemente cortez, sem nunca ser submisso, e no seu trato com a familia real, entre democratas aparentemente muito mais garantidos pelos seus precedentes de opposição rispida e brutal ás concessões palacianas, elle tinha o ar de

ser o portador de uma espinha de aço entre espinhas de sêbo.

A sua erudição era extremamente limitada. A sua bibliotheca constava quasi exclusivamente de romances francezes, que lia durante o verão na *villegiatura* de Cintra; mas, excepcionalmente intelligente, dotado de grande perspicacia e de grande poder de assimilação mental, comprehendia á primeira vista o problema mais complexo e mais confuso, e tratava as questões no parlamento como os jornalistas de officio as tratam na imprensa: com vinte e quatro horas de estudo. A sua prodigiosa facilidade de improvisação preenchia no decorrer dos debates as lacunas da applicação prévia; e tinha sempre a dicção correctá, systemática, extremamente clara, articulada com voz sonora e firme, de uma entonação categorica e imperativa.

Nenhum outro personagem politico deu mais largo assumpto ás invectivas da imprensa, á satyra e á caricatura. Fez-se um jornal satyrico sob o seu nome *O Antonio Maria*. Teve successivas alcunhas no jornalismo: o *D. Magnifico*, o *Caro*, o *Cavalleiro da triste figura*, o *Rei Antonio*, o *Rei sol e dó*, o *das velhas*, o *do cavaquinho*, etc. Fizeram-se lhe retratos sob todas as invocações e nas mais comicas e variadas attitudes; dedicaram-se-lhe xacaras, fados, polkas, barcarolas e romances de cavallaria. Foi mil

vezes tratado em verso chulo e em prosa humorística, em revistas de anno, em scenas comicas, em cavalhadas de entrudo, em almanachs, em caraças, em caixas de phosphoros e em biscoitos.

Representou por muitos annos a personificação de toda a politica portugueza, e como tal foi o alvo directo de quasi todos os estudos e de quasi todas as criticas a que essa politica deu origem.

A sua figura tornou-se cyclica, e como tal teve a sua litteratura correspondente e a sua arte correlativa.

Uma circumstancia o tornava particularmente antipathico aos artistas: a sua falta de senso estethico, a sua indifferença absoluta por todas as manifestações do talento nacional, alheias á eloquencia tribunica e á oratoria parlamentar. Nunca visitou, por curiosidade pessoal, uma exposição de bellas-artes; nunca entrou no *atelier* de um pintor; nunca teve uma palavra de sympathia para o talento de um poeta ou para o trabalho de um homem de letras. D'ahi, talvez, uma consciente ou inconsciente retribuição de desprêzo, de que o futuro encontrará frequentes vestigios na obra litteraria do nosso tempo.

Era inteiramente refractario ao resentimento da diatribe e da propria injuria.

Dizia-se que lhe não era indifferente agradar ou desagradar ás mulheres; como todos os oradores de

raça, era um sensual; e nos salões, que lhe aprazia frequentar pontualmente, nunca abancava ao *whist*, nem se colligava aos grupos desempareirados dos cavaqueadores caturras. Entre os hombros decotados e os leques em palpação é que tinha de o procurar quem quizesse dar com elle n'um baile ou n'um concerto. Não seria esta predilecção delicada pela convivencia feminina o que tão indifferente o tornava á lisonja ou á maledicencia dos homens? Não é esta dôce e preciosa longanimidade uma qualidade commum a quasi todos os *hommes-à-femmes*?... Como quer que seja, a verdade é que a sua natureza desconhecia inteiramente o rancor, e antes de ter que perdoar a injuria, tinha-a esquecido.

Assim como não tinha despeitos nem animosidades que durassem mais que o espaço de um discurso, assim tambem não tinha inveja a quem quer que fôsse.

Os seus gostos de elegancia e os seus orgulhos de homem do mundo tornavam-o incompativel, nas relações politicas como nas relações particulares, com toda a especie de baixeza. A improbidade produziria no seu character sympathicamente quichotesco uma repulsão analoga á de uma nodoa no laço da sua gravata branca. Era fundamentalmente, organicamente honesto.

Ninguem foi para com os seus adversarios mais

incondicionalmente generoso; ninguem foi para com os seus amigos mais dedicado e mais reconhecido.

Das condições excepcionalmente favoraveis da sua entrada na vida publica, da sua breve mas incisiva educação militar, do seu profundo espirito de disciplina tão raro em nossos dias, da promptidão repentina da sua intelligencia, e das suas altas qualidades de character e de coração, proveiu a auctoridade extraordinaria que Fontes exerceu como chefe politico, pela aptidão para o commando.

Substituir este homem por outro homem, como trata de fazer o actual partido regenerador, é uma cousa impossivel. Não se tempera assim, de um dia para outro, a força disciplinadora e dominativa de uma vontade pessoal. Pelo conjunto das suas qualidades e dos seus defeitos, constituindo um incomparavel valor individual, Fontes Pereira de Mello chegou a substituir, pelo principio da sua propria auctoridade, todos os demais principios que serviam de nucleo á cohesão de um partido.

Pela morte de tal homem, o partido que pretende sobreviver-lhe terá hoje que emprehender um trabalho mais complexo que o de collocar outro no logar que elle deixou para muito tempo devoluto. Esse trabalho deverá consistir — penso eu — em reconstituir todo o corpo de idéas de que Fontes foi primitivamente o depositario e de que por ultimo era a

personificação. Um homem substituiu um programma — eis ahi a vida de Fontes. Refazer o programma é evidentemente o unico modo de substituir esse homem.

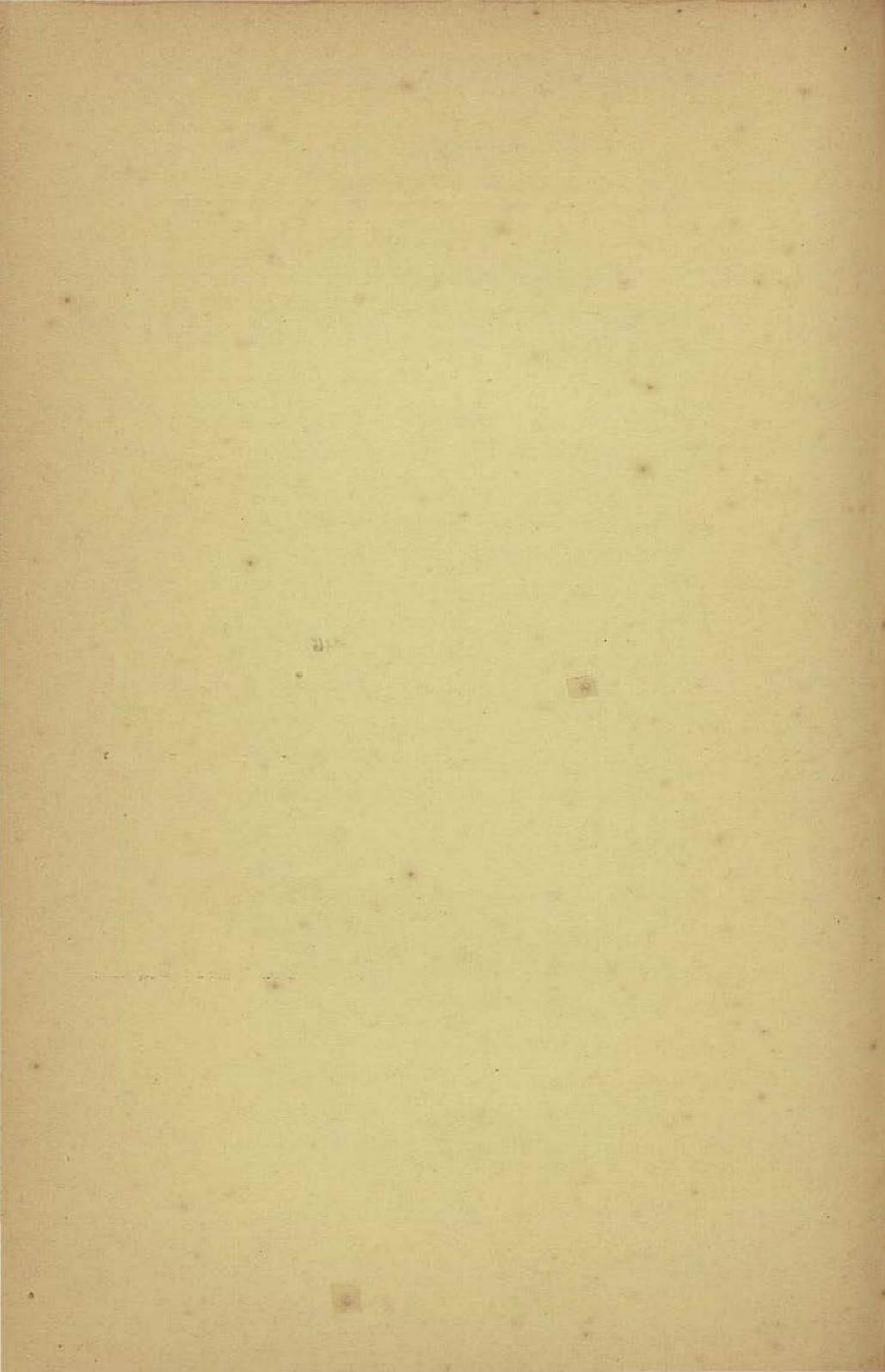
Tão feliz na maneira de acabar como na de viver, Fontes Pereira de Mello teve a melhor morte que para si mesmo elle poderia decretar, se a fixação do seu fim houvesse entrado nos seus planos de governo.

Ausente do poder, mas perto de reassumil-o, no momento em que a oscillação constante da sympathy popular, entre os que estão de cima e os que estão de baixo, inclinava para o seu lado o pendulo da affeição e da confiança geral, elle desaparece repentinamente em plena força, sem as miseraveis humilhações de uma arrastada decrepitude ou de uma longa enfermidade, na posse completa da sua energia physica e intellectual, ao voltar de um jantar diplomatico, acabando de despir uma toilette de baile, fresco ainda do seu ultimo banho, com a barba feita, com o bigode perfumado. Conversou — quasi poderiamos dizer *parlamentou* — até o ultimo momento; e o seu derradeiro suspiro exhalou-o n'um beijo de reconhecida ternura, meigamente deposto na mão de uma creança.

A sua carinhosa familia acabava de cerrar lhe os olhos, quando o sr. D. Luiz e a sr.^a D. Maria Pia,

chegando para o visitar, se ajoelharam, dominados pela surpresa da mais profunda commoção, junto do cadaver do seu fiel e dedicado amigo. As lagrimas então choradas por uma rainha aos pés d'este homem de sangue plebeu, unicamente ennobrecido pelo valor pessoal, são o maior e o mais solemne tributo de reconhecimento e de vassallagem, que a burguezia portugueza jámais recebeu dos legitimos representantes das antigas castas privilegiadas.

Na dôr sincera com que por toda a parte echoou a noticia da sua morte, na pompa do seu funeral, tão concorrido como o seria a manifestação patriótica de um lucto publico, na enternecida sympathia de que o amortalhou, na saudade sincera com que o viu desaparecer da terra, a burguezia soube — o que é raro — mostrar-se agradecida.



XVII

JOSÉ DE ALENCAR E AUGUSTO SOROMENHO

Janeiro 1878.

No breve espaço dos ultimos quinze dias a humanidade pagou á morte um pesado tributo. Escrevemos no meio de tumulos gloriosos e amados. Deixaram de existir, em França Raspail e Courbet; na Italia Victor Manuel; no Brazil José de Alencar; em Portugal Augusto Soromenho.

Raspail, entre todos esses o maior, deixa na terra um immenso vacuo impreenchivel. Desappareceu com elle uma das mais poderosas forças sociaes do mundo moderno, a porção mais fecunda e mais gloriosa da grande alma do povo.

Ninguem como elle amou a humanidade e ninguem empregou tão vastas e tão profundas faculdades no culto do seu amor. Foi o maior contribuinte

dos descobrimentos scientificos d'este seculo. Creou a chimica organica, e pode-se dizer que creou tambem a physiologia botanica e a anatomia microscopica. Fundou a hygiene em bases novas, não como uma dependencia da medicina, mas como um desdobramento da sciencia social. Foi elle o que definiu pela primeira vez em fundamentos positivos o dogma do suffragio universal. Foi ainda elle o primeiro que proclamou no Hotel de Ville a republica de 48.

Este eximio cultor, accrescentador e reformador de todas as sciencias physicas, de todas as sciencias biologicas e de todas as sciencias sociaes, astrónomo, chimico, physiologista, medico, archeologo, economista, era além d'isso um delicado e valente escriptor. O seu genio profundo actuou efficaçmente no desenvolvimento do estudo dos astros, das plantas, dos animaes, do homem, e bem assim na reforma de todas as instituições politicas e sociaes, na reforma administrativa, na reforma judiciaria, na reforma penitenciaria e na reforma penal. O seu altivo character de soberano plebeu tornou-o sempre irreconciliavel com todo o favor, com todo o auxilio, com toda a collaboração official. Recusou todas as distincções honorificas, todos os cargos publicos, todos os diplomas scientificos ou litterarios. As suas observações astronomicas, os seus trabalhos de chi-

mica, as suas applicações do microscopio ao estudo das cellulas e dos tecidos fizeram-se n'uma agua-furtada humilde dos bairros baratos de Paris, com os instrumentos mais rudimentares, no isolamento austero da independencia e do sacrificio.

Esse intrepido filho do povo tinha a fibra de Galileu, de Giordano Bruno e de Bernardo Palissy.

A academia franceza, commovida com uma tão exemplar grandeza de alma, resolveu conferir-lhe em 1833 o premio Montyon, declarando-lhe pela bôcca do grande Geoffroy-Saint-Hilaire que ella o considerava como sendo o homem que mais serviços tinha prestado á sciencia e á humanidade.

Guizot, então ministro da instrucção publica, interveiu na resolução da academia prohibindo que *o premio da virtude cahisse no cofre da rebellião*.¹ O chefe do partido conservador francez não podia esquecer que fôra esse mesmo sabio obscuro e despremiado o que no anno anterior, em plena Restauração, ousara fulminar a votação da lista civil com a phrase memoravel paga por elle com 500 francos

¹ Guizot, que recusou um premio a Raspail, recusou tambem uma cadeira no magisterio a Auguste Comte. O illustre historiador teve a desgraça de firmar com o seu nome a responsabilidade d'esses dois crimes, inconscientes, da politica nefasta que elle dirigia.

de multa e 15 mezes de cadeia: «Deveria ser enterado vivo debaixo das ruinas das Tulherias todo o cidadão que ousasse pedir á França 14 milhões para viver.»

É que Raspail, a intelligencia sempre apta para organisar, foi igualmente o braço constantemente prompto para resistir.

Portentosa existencia, que ficará na historia entre as mais bellas e mais extraordinarias legendas do genio do homem! Destinado por seu pae á carreira ecclesiastica, foi educado n'um seminario, começou por ser um theologo. Era porém de tal modo intenso e explosivo o seu amor de verdade e de progresso que, principiando por ensinar theologia aos dezanove annos, acabou por alcançar a gloria immarcescível de ser condemnado aos oitenta, — aos oitenta annos de idade! — por abuso da liberdade de pensamento!

O poder espiritual do mundo moderno era representado em França por uma trindade sacrosanta:— Victor Hugo, a força do sentimento; Raspail, a força do trabalho; Littré, a força da philosophia.

D'esses tres anciãos o primeiro que desceu ao tumulto é o que mais fecundo exemplo nos podia legar, porque as virtudes que o assignalaram são d'aquellas que dependem mais da vontade que do entendimento. Esse exemplo de uma actividade sem-

pre entusiasta, juvenil e ardente, em nenhuma outra parte é mais precioso do que na sociedade portugueza, onde as idéas radicaes, que são as sentinellas avançadas da civilisação, tão raramente encontram servidores desinteressados que as mantemham; onde a mocidade mais vivaz e mais intelligente está defendendo no parlamento e no jornalismo as opiniões mais retrógradas; onde finalmente o futuro não tem partido.

Possa a memoria do sublime Raspail alentar a perseverança e a firmeza no coração d'aquelles que, longe de todas as correntes officiaes se sacrificam heroicamente pelo estudo desprotegido, pelo trabalho talvez calumniado, talvez perseguido, ao amor e ao aperfeiçoamento dos seus semelhantes!

Que todos os que são moços e fortes se inclinem sobre esta campa onde repousa um triumpho, e reflectam que é na pedra tumular de Raspail que deverão aguçar o fio das suas espadas todos aquelles que combatem pela consciencia e pela verdade!

Courbet foi um conspirador da esthetica, um rebelde ao despotismo de um ideal que elle tinha condemnado solidariamente com as velhas instituições sociaes de que fazia parte. A sua vida foi consagrada a derrocar pela pintura a inspiração da antiga arte, assim como derrocou pelo uso do poder

executivo a columna da praça Vendôme. Louvavel empenho, porque Courbet considerava essa inspiração uma fonte envenenada para o trabalho artistico, assim como considerava essa columna um symbolo ultrajante para a dignidade humana.

A demolição da columna, que toda a imprensa europea estygmatisou com palavras tão resentidas e acerbas, não poderá deixar de ser um dia olhada pela critica desapaixonada como a consequencia logica e fatal dos principios de justiça social constantemente professados pelo immortal artista.

Courbet foi condemnado a pagar a reconstituição da columna. Breve porém soará a hora em que o nosso espirito deixe de considerar puerilmente que se deve ser

*Fier d'être français
Quand on regarde la colonne !*

Paris, a cidade eterna da arte, a grande martyr, a grande pacificadora, comprehenderá em pouco tempo que é uma injuria ao seu bello destino na obra da conciliação humana a ostentação orgulhosa de um monumento que o distico diz ser: *levantado á gloria do grande exercito por Napoleão o Grande!!*

Paris, que vae na proxima exposição celebrar den-

tro do regimen republicano a grande festa universal da industria e da paz, Paris cujo municipio acaba de votar 546 contos de réis para os seus estabelecimentos publicos de instrucção primaria no anno corrente, Paris que ainda ultimamente consagrou cêrca de 5 mil contos á reorganisação dos seus lyceus, não poderá manter em pé por muitos annos mais, em uma das suas praças publicas, um symbolo que contradiz todas as suas aspirações philosophicas e humanitarias, celebrando uma das maiores nodoas da civilisação: o triumpho cannibalesco do militarismo sobre os direitos do homem, a sujeição da França aos caprichos de um despota em cuja frente as justias da historia estamparam já o ferrete da ignominia.

A legenda napoleonica esvaiu-se inteiramente das consciencias, e bastou um sopro de Michelet para apagar para todo sempre nas tradições marciaes da geração actual o sol de Austerlitz.

Coubert morreu antes de poder ser reembolsado da importancia da multa a que o condemnaram como iconoclasta. Mas a posteridade o desaggravará, ratificando a sua obra, demolindo pela segunda vez a columna Vendôme e pondo no lugar d'ella, em vez do genio das batalhas que lhe serve de remate, o genio da arte representado na estatua do grande pintor, que na maneira de conceber e de executar a

obra do espirito fundou a eschola que será uma das glorias d'este seculo, e na maneira de usar do governo em que teve parte commetteu apenas o erro sempre fatal em politica de antecipar na pratica dos seus actos a opinião do seu tempo.

Victor Manuel foi um homem forte por excellencia. Tinha o pulso athletico de Godofredo de Bulhões. Poderia como elle decepar de um só golpe de espada a cabeça de um boi ou o tronco de um reaccionario ; commandou como elle uma cruzada, — a cruzada de Novara até Roma ; como elle chegou á terra promettida ; morreu moço como elle, como todos os heroes que, tendo realisado na terra uma grande missão, se sentem de repente invadidos na alma pela tristeza immensa dos saciados. Teve a virtude symptomatica dos fortes — a colossal bondade. Ninguem abriu bôccas mais fundas nas espadas dos seus adversarios ; ninguem calcou a terra com sapatos mais fortes, mais intrepididos e mais bem ferrados, atraz dos tyrannos e dos cabritos, atraz das raposas e dos padres. Ninguem trepou com pulmões mais rijos ás altas cumeadas dos Appeninos e da liberdade. Ninguem sorriu com mais encanto e com mais prestigio á fadiga, ao perigo, ás mulheres e á morte. Era evidentemente um forte. E como a força é o maior de todos os attractivos humanos, ninguem

conciliou como elle em torno de si tão contradictorias sympathias e tão heterogeneas affeições: foi o amigo do Papa e de Garibaldi, de Bismarck e de Gambetta.

Feliz homem!

A morte de José de Alencar, o auctor do *Guarany* e de *Luciola*, representa uma das maiores perdas para a litteratura brazileira, tão notavel nos ultimos tempos pela cooperação dos seus poetas e dos seus pensadores.

Na sociedade do Brazil, que o principio da escravidão desviou por tantos annos tenebrosos do seu destino e do seu desenvolvimento natural, a organização moderna do trabalho livre é ao mesmo tempo a criação de um novo elemento social — o povo.

José de Alencar, romancista, poeta, jornalista, tribuno, influenciando poderosamente o seu tempo pela penna e pela palavra, era a imagem synthetica d'esse poder que se chama a Plebe, que procede da lama, e decide da sorte dos imperios.

Elle, que alcançara um dos mais luminosos logares entre os homens mais celebres e mais prestigiosos do seu tempo, sahira do exgôtto da cidade, procedera da roda dos expostos.

Esse engeitado era a personalisação mais gloriosa da soberania do trabalho, affirmando elle mesmo o

seu direito, desembainhando no throno da arte a sua larga espada de justiça, vestindo a tunica e a dalmatica azul, calçando as esporas de ouro nos cothurnos bordados de lizes, e fazendo-se ungir e sagrar pelas multidões como os antigos eleitos do Senhor. E era a elle, como a todo o artista victorioso e triumphante, que se deveria dizer como Samuel ao rei Saul: «Deus te elegeu para reinar sobre a sua herança e para livrar os povos das mãos dos seus inimigos.»

Augusto Soromenho foi o mais infeliz dos trabalhadores. A dôce consolação de cumprir um destino, consolação compensadora de tantas amarguras e de tantos sacrificios, não foi concedida na terra áquella natureza essencialmente desgraçada.

Tinha um incomparavel poder de applicação e de estudo, e ninguem possuia em Portugal uma provisão mais copiosa de noções e de factos. Foi o collaborador de Alexandre Herculano nas investigações da historia nacional, foi o seu melhor discipulo e o seu unico successor. Ninguem melhor do que elle conhecia as fontes e as correntes historicas dos nossos costumes e das nossas tradições. Era archeologo, diplomatico, jurista, bibliographo. Não havia inscripção truncada na epigraphia nem texto ambiguo nos codices que resistisse aos processos da sua sa-

gacidade portentosa. A sua memoria phenomenal dava-lhe a omnipresença de quanto tinha lido no recolhimento de vinte annos de estudo fervoroso e incessante. Era um tomo de erudição vastissima, assombrosa, que ninguem consultava debalde em qualquer ponto da historia dos costumes, do direito, da politica, do governo, da economia, da arte, da litteratura ou da lingua.

Faltava-lhe porém no seu vasto e poderoso cerebro a faculdade da generalisação. Não sabia tirar dos factos as leis de que elles são a funcção. Não sabia correlacionar. Não tinha o poder creativo. Por esse motivo a isolação suffocava a efficiencia da sua actividade. Era um instrumento, cujo machinismo precioso parava sem a impulsão de energias concomitantes e confluentes. Mas a sociabilidade litteraria a que elle estava condemnado a submetter-se para ser uma força na civilisação, repugnava ao seu temperamento de uma susceptibilidade intransigentemente melindrosa, aggravada por uma falsa educação.

Essa capacidade tão prodigiosa de contensão, de investigação, de exame, de absorpção de idéas, estava na sua natureza alliada a um temperamento caprichoso e feminil. Extremamente lymphatico, tendo sido epileptico na infancia, não poderia fatalmente deixar de ser o que era: um sentimentalista. A sen-

timentalidade foi o cachopo de todos os naufragios da sua inquieta e attribulada existencia.

A indifferença perante o conflicto é uma nobre virtude. Raros a possuem. O que succede com as naturezas vulgares é que a nossa resolução boa, conscientemente reflectida, reforçada na mais legitima compenetração do dever, da dignidade, da honra, desmaia na perspectiva do escandalo que vae provocar entre amigos, entre companheiros, entre camaradas, e nós precisamos de reagir sobre nós mesmos com toda a força da nossa coragem para nos determinarmos a effectuar pela nossa iniciativa a explosão da crise irreconciliavel que presentimos latente, palpitante, dependente da palavra decisiva que por um dever de consciencia profundo e sagrado vamos lançar ao coração d'aquelles que nos rodeiam. Pois bem; essa virtude, tão rara, tão viril, de desmanchar implacavelmente prazeres para implantar controversias, essa virtude, dizemos, possuia-a Soromenho no estado de uma exaggeração pathologica. O conflicto na convivencia social não sómente lhe não repugnava mas attrahia-o — como succede ás mulheres nervosas.

Consideravam-o geralmente uma vibora. Elle era apenas uma creança. As suas violencias mais asperas procediam todas logicamente da sua sensibilidade doentiamente delicada. Ninguem teve a injuria

mais prompta pela mesma razão de que ninguem teve igualmente a compaixão mais facil. Ninguem preferiu improperios mais pungentes, mas tambem ninguem chorou lagrimas mais enternecidas. Os que o viram aggressivo e verberante nas sessões da Academia, nos conselhos do Lyceu Nacional e do Curso Superior de Lettras, não conheceram senão metade d'essa physionomia tão caracteristicamente meridional nos traços moraes como nas formas physicas.

Era preciso ouvil-o na intimidade da sua bibliotheca, no terceiro andar obscuro e modesto, conhecido de toda a mocidade estudiosa, terceiro andar a que tantas vezes subiram para fumar o cigarro democratico da camaradagem litteraria Lord Talbot, Lord Stanley, Gayangos, o conde de Brandebourg e tantos outros estrangeiros e viajantes illustres, para os quaes aquella humilde casa de litterato, tão hospitaleira e tão pobre, tinha attractivos que não podiam proporcionar ás exigencias dos philosophos e dos principes, os mais brilhantes salões de Lisboa. Era preciso ouvil-o ahi dissipar em bonhomia e em sensibilidade todo o nervosismo do seu coração com a mesma prodigalidade com que nas assembléas officiaes acabara de dispender as violencias do seu cerebro imperfeitamente orientado.

Quando alludia á sua encantadora aldeia natal nas

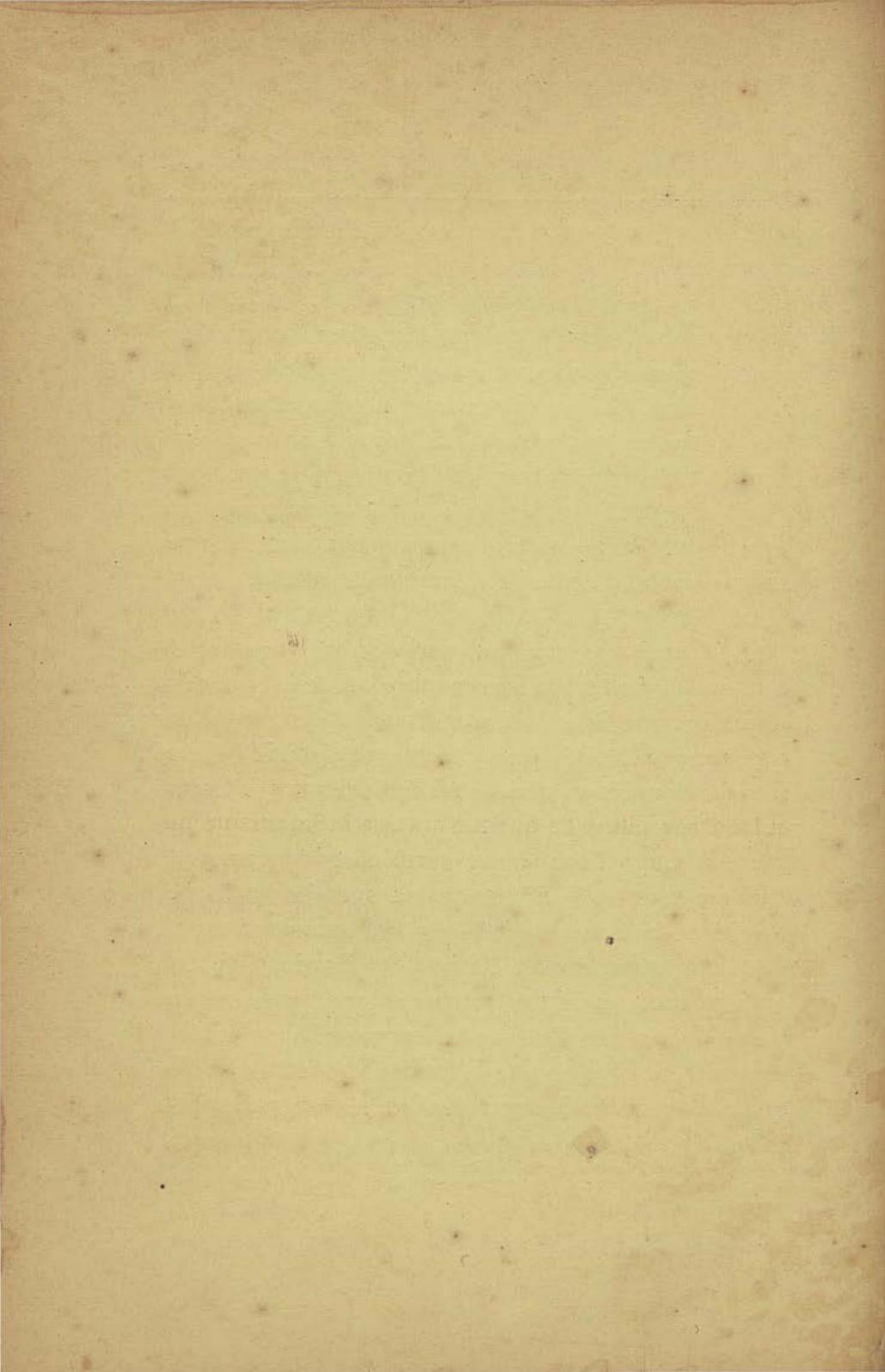
margens do Ave, perto de Villa do Conde, ás dôces paizagens do Minho onde elle viajara alegremente a pé nos dias azues da sua mocidade; quando repetia o estribilho de uma saudosa cantiga, os versos melancolicos de uma lenda ou de um romance popular; quando narrava a volta de uma *esfolhada* nocturna, sob o luar, ouvindo o gottejar da agua no fundo da deveza e o canto dos rouxinoes atravez da espessura negra dos pomares; quando descrevia as madrugadas da caça ás perdizes no monte de S. Felix, ou as outras madrugadas mais alegres ainda das romarias minhotas, em que os clarinetes amanhecem antes dos melros, fazendo dansar pelos caminhos as bellas raparigas louras; quando finalmente se referia aos companheiros, aos amigos, que deixara dispersos na vida, os seus olhos de arabe, negros, rasgados, contemplativos, marejavam-se-lhe de lagrimas, e a sua voz cheia, incisiva e dominante, nunca tremia nem se velava no maximo arrebatamento da colera, embargava-se-lhe em soluços, estrangulada pela saudade ao recordar um companheiro da infancia, um bom sitio amado, uma velha canção querida.

Banido da Academia, banido da Torre do Tombo, os dois unicos campos em que se podia exercer com proveito e com honra da patria a actividade da sua intelligencia, Augusto Soromenho foi enterrado

vivo, e vivo foi sepultado n'este medonho tumulo — o desprêzo.

Nos seus ultimos tempos trabalhava ainda. Trabalhou até o seu ultimo dia. Ha cêrca de um anno padecia uma dôr esternalgica, symptomatica do aneurisma. Esta dôr lancinante, que o privava do movimento, forçando-o a parar de repente na rua, obrigou-o a interromper antes de hontem de madrugada a leitura que estava fazendo desde a meia noite na sua bibliotheca. Acudiu-lhe a sua familia, chamou-se á pressa um medico. Inutilmente. Elle estava morto.

Seria mais que omisso, seria infame, que tendo conhecido Augusto Soromenho desde a infancia, o que escreve estas linhas deixasse de acrescentar que a reputação tão frequentemente discutida d'esse trabalhador desventurado foi sempre pura e immaculada aos olhos de quem o tratara intimamente durante o longo decurso de perto de trinta annos. O que faz este depoimento deseja para honra da humanidade que os Curcios e os Plutarcos encarregados de celebrar a vida e feitos dos Scipiões illustres e dos Catões celebres achem sempre nos seus heroes tantas qualidades desinteressadas e nobres para serem cobertas de rethorica, quantas aquellas que em Augusto Soromenho foram deturpadas pela maledicencia.



XVIII

O BISPO DE VIZEU

Fevereiro 1882.

O bispo de Vizeu, Antonio Alves Martins, de cuja morte acabo de ler a noticia nos jornaes d'esta manhã, tinha ácêrca das diatribes da imprensa uma opinião perfeitamente nitida. Ha dez annos que elle m'a expoz em circumstancias bastante originaes

Eu estava trabalhando ao canto da janella, em um gabinete da Academia Real das Sciencias, quando a porta se abriu, e o bispo entrou, acompanhado de Augusto Soromenho.

O gabinete em que eu me achava fôra a aula de moral do convento de Jesus, no tempo em que o bispo de Vizeu o habitara como religioso da ordem terceira de S. Francisco. O prelado, vestido de calção curto e meias encarnadas, uma longa sobreca-

saca, amplo chapéu de galão verde e a cruz episcopal pendente do pescoço e meio escondida na abotoadura do collete, explicava com grandes traços da sua grossa bengala de canna da India a antiga disposição da sala.

— Aqui assim ficava o estrado do professor; a bancada era d'aquelle lado...

N'isto descobriu-me no meu canto. Soromenho apresentou-me. Ao ouvir o meu nome, o bispo fechou um pouco mais, para vêr melhor, o seu olho de palpebras abolsadas, pequeno, carregado e inquisitivo. Ao mesmo tempo um sorriso jovialmente ingenuo, com que elle sabia attenuar a rispidez da sua catadura, espiritualisava-lhe a expressão da bocca, um pouco grossa, mas energicamente fendida, sensual, e ironica.

— O senhor, então — perguntou-me elle — é quem escreve para o Porto as tundas tremendas que de lá me cascam, e que eu leio todas as manhãs ao levantar da cama?

Eu era a esse tempo correspondente de um jornal portuense; o bispo fazia parte do ministerio, onde tinha a pasta do reino, e as *tundas* que elle lia em cada manhã escrevia-as effectivamente eu em cada tarde.

— Pois dou-lhe os parabens por essas tosas, que são boas — proseguiu elle.

E, em seguida, affavelmente, pondo a mão no meu hombro, cumprimentou-me pela grossura das espaduas de que Deus me fez mercê, e accrescentou:

— O homem, para escrever na folhas, quer-se de hombros largos, como para rachar lenha. Na controversia do jornalismo em que ha tanta má fé, tanta miseria e tanta porcaria envolvida no conflicto das opiniões oppostas, o melhor jôgo é ainda assim o jôgo de varrer. . . Por mais violencias que haja, os bons principios salvam-se sempre. Os caracteres tambem. Ao passo que, na confusão da refrega, ha sempre algumas lambadas felizes que deixam arrombados, para algum tempo pelo menos, meia duzia de malandros, que para ahi andam a empecer e a emporcalhar tudo.

Essas palavras, que reproduzo tão fielmente quanto a minha memoria o permite, caracterisam bem a personalidade do bispo de Vizeu.

A sua politica era um pouco como as suas opiniões: profundamente honesta e desinteressada no fundo, rispida, por fora, — de casca grossa, como vulgarmente se diz.

O bispo de Vizeu era um batalhador, um soldado tingido de padre por fora. O seu temperamento destinava-o a ser um d'esses bispos feudaes da edade média, de capacete na cabeça, o arnez afivelado por

cima da purpura ecclesiastica, tendo n'uma das mãos um baculo de pastor e na outra uma espada de guerra. No meio da mesquinha intriga constitucional do nosso tempo, contra a qual reagia sem a saber subjugar, elle tinha o aspecto de um anachronismo, a que o folhetim facilmente podia dar uma expressão comica.

Mas nenhuma das satiras e nenhuma das diatribes de que elle foi objecto na sua longa carreira de jornalista e de homem de Estado, abalaram jámais a sua reputação de inviolavel honestidade, e foi sempre com uma profunda confiança de regeneração nos costumes publicos que o povo o viu entrar por varias vezes nos conselhos da corôa.

Na intimidade era impossivel conhecel-o sem o amar. As suas qualidades dominantes eram a força, o espirito de justiça e a bondade. Batendo-se enthu-siasticamente pela causa da liberdade, foi pelos seus principios revolucionarios riscado da universidade em 1828 e condemnado á morte pelo governo de D. Miguel em 1834. Por occasião das festas do centenario de S. Pedro, a que fôra assistir em Roma em 1867, elle protestou solemnemente contra a inscripção fraudulenta do seu nome entre as assignaturas de um documento em que o Pontifice era saudado como *infallivel* e como *rei de Roma*. Obrigando a curia, por intermedio do ministro portuguez, a dar-

lhe satisfação cabal d'este facto e a eliminar o seu nome do documento alludido, o bispo de Vizeu deu ao catholicismo um dos mais brillhantes exemplos de independencia mental registados nos annaes da Igreja depois dos ultimos concilios d'este seculo.

Quando vinha a Lisboa tomar assento na camara dos pares, hospedava-se no terceiro andar de uma modesta casa de hospedes, onde occupava um pequeno quarto de estudante. Só forçado pela etiqueta entrava de longe a longe n'uma carruagem. Habitualmente andava a pé. A pé ia para a camara ou para o Terreiro do Paço, a pé fazia visitas, e a pé passeava no jardim da Patriarchal Queimada, com as mãos nos bolsos, e um charuto nos beiços, depois de jantar com o seu amigo Ribeiro da Cunha.

Foi n'um d'esses passeios, n'um domingo de tarde, que elle se encontrou com um barbeiro em cuja loja comprara na vespera um assentador de navallas. O barbeiro, que passeava com as suas filhas, apresentou a s. ex.^a duas graciosas creanças, de oito a dez annos, vestidas de seda azul e côr de rosa. Feitas as apresentações, o bispo, continuando a passear, e enfiando o braço no do barbeiro, disse-lhe:

— Mestre, a que é que V.^{mcc} destina essas duas innocentes, que ahi vão adeante?

— Saiba V. Ex.^a — respondeu o barbeiro, — que a

gente ao que as destina é a ganharem honradamente alguma cousa pelo seu trabalho e a poderem vir a ser mulheres dignas de maridos honrados.

— Que diabo de trabalho quer que ellas façam, replicou-lhe então o bispo, e que maridos quer que ellas encontrem, dentro da classe em que nasceram, quando desde esta idade ellas se acham habituadas a andar vestidas de seda?!... Não ha official de officio nenhum que se arrisque a semelhante encargo, nem ha trabalho algum de mulher honesta que o sustente. A melhor prenda e o melhor encanto que um pae pode dar á felicidade de sua filha é o sentimento da desambição e da modestia. Mestre, olhe o que eu lhe digo... V.^{mcê} o que está é a crear as pequenas para virem a ser duas typas...

E pouco depois, ao despedir-se das raparigas, disse-lhes:

— Adeus, santinhas! Deus as abençõe e as crie para boa sorte. Digam lá á mãesinha que lhes não torne mais a fazer vestidos de seda. Que lhes junte esse dinheirinho para comprar uma machina de costura com que as meninas façam d'esses vestidos ás outras. Para si façam-os de chita. Andem lá, vão com Nossa Senhora... Isto é para ajuda dos seus alfinetes...

E ao mesmo tempo que lhes dava o seu anel a

beijar, mettia ás escondidas uma moedinha de ouro na mão de cada uma.

Era em extravagancias d'essas que elle esbanjava os bens da sua mitra.

Uma vez, descendo a rua do Alecrim, offereceu duas bengaladas a um rapaz que o importunava demasiadamente para o obrigar a comprar-lhe uma cautela da loteria; e como o rapaz lhe retorquisse que não podia fazer de outro modo, porque era essa a sua vida, e elle estava alli roto e descalço, o bispo disse-lhe:

— Ah! se é um fato que queres, podias então ter-m'o dicto logo. Anda d'ahi.

Em seguida, levando o cauteleiro a S. Paulo, fel-o vestir dos pés até a cabeça em casa de um algibebe, deu-lhe uns sapatos e duas camisas, e despediu-o com esta observação: — Agora que estás vestido e calçado por algum tempo, acho que poderás deixar de me empecer no meu caminho quando me encontrares na rua. Deves-te lembrar de que, se tu tens a tua vida que ganhar, eu tenho tambem que ganhar a minha.

O bispo de Vizeu Antonio Alves Martins tinha 74 annos de idade. Morreu victima de uma pneumonia dupla, que a faculdade de Vizeu tratou pela sangria, segundo a antiga therapeutica desusada hoje em Lisboa.

No testamento, em que elle deixa a suas irmãs os poucos bens que possuia, ha uma disposição caracteristicamente sympathica:— O testador recomenda que se vendam os moveis da sua casa de Fontello, cujo producto sobrarã para pagar o que elle deva independentemente da cobrança do que devem a elle.

Segundo o ponto de vista especial em que nos collocarmos para julgar as suas idéas e os seus actos, o finado bispo de Vizeu poderá ser discutido perante a critica como sacerdote, como escriptor e como ministro constitucional. Perante a humanidade, porém, ninguem contestará os direitos que elle tem ao nosso respeito e á nossa estima pela sua memoria, porque elle foi na especie um dos mais completos e perfectos typos do homem são, forte, honrado e bom.

Os diversos srs. bispos successivamente convidados a dizer a missa celebrada por alma do bispo de Vizeu, recusaram-se, segundo consta, a officiar com tal intenção, fazendo parede para esse fim. Se o sr. bispo de Bragança, de todos o mais debil e o mais doente, se não houvesse prestado á ultima hora, não haveria prelado para encommendar a Deus a alma do fallecido chefe da egreja viziense.

Suas excellencias reverendissimas não quereriam

por meio de tal acto comprometter-se com a curia Romana, em cujo alto conceito o bispo de Vizeu era tido por um dissidente e por um rebelde desde que perante a legação portugueza em Roma elle ou-sara protestar, indirectamente mas com uma energia que tomou as proporções de um escandalo, contra a infallibilidade papal de Pio IX.

Effectivamente o bispo de Vizeu Antonio Alves Martins era demasiadamente bom, demasiadamente justo e demasiadamente honrado para poder ser considerado pela classe a que pertencia como um perfeito padre.

A sua bella cabeça energica e ironica, á semelhança da de Luthero ou de Rabelais, era grande de mais para que se lhe podesse ajustar com uma precisão completamente orthodoxa uma d'essas mitras talhadas pela medida commum dos microcephallos do servilismo.

Os srs. prelados que não quizeram rezar por elle andaram sábiamente, porque o ultimo dos bispos de Vizeu foi no mundo alguma cousa diversa do que se chama um confrade de suas excellencias; foi aquillo a que nós outros no seculo chamamos — um homem.

Com um profundo espirito de justiça e de verdade, com solidos rins de luctador, com fortes braços cabelludos de athleta trazmontano, impetuoso e ale-

gre, entusiasta e compadecido, elle nascera para mais do que andar de sege e de batina rôxa por este mundo, a digerir hostias, e a dar a beijar o cachucho.

Teve um temperamento humano e não um temperamento de sacristia. Soube amar e soube ter odio. Soube consolar e soube tambem resistir. Soube sacrificar-se pelas suas idéas, luctando e batendo-se por ellas sempre que isso foi preciso, já com uma penna na mão, já com uma escopeta ao hombro.

Se a bemventurança não é uma compadrice indigna, em que os padres empregam os seus afilhados lá em cima assim como o sr. Hintze Ribeiro emprega os seus parentes cá em baixo, Antonio Alves Martins não precisa de empenhos de bispos para lá entrar.

Para o descanso eterno de uma alma basta a consciencia de uma convicção.

XIX

GUILHERME DE AZEVEDO

Abril 1882.

A sociedade dos jornalistas e escriptores publicos contava hontem ás tres horas da tarde tresentos e quarenta e oito associados. Uma grande parte d'estes tresentos e quarenta e oito cavalheiros não recreiam talvez superiormente o publico com as suas producções, mas recreiam-se decerto a si mesmos, e é quanto basta. São os divertidos das letras.

D'essa totalidade dos escriptores de Lisboa exceptuam-se alguns que, se um dia se reunirem á parte, poderão formar entre si — não diremos uma nova corporação, porque não chegam para isso — mas uma *poule* ao bilhar. Não passam de uns seis ou oito, que vivem nas letras como n'uma clausura, para os quaes a escripta é uma religião, que fazem da perfeição um culto, uma preocupação exclusiva, o

interesse superior da existencia, o destino da vida. São os atormentados.

Guilherme de Azevedo pertencia a esse pequeno grupo de infelizes, encarregados pelo seu temperamento e pela sua sorte de cultivarem pela applicação de todo o seu ser, pelo sacrificio de toda a sua vida, nos contactos hostis da multidão grosseira, o delicado fructo da arte, o dôce balsamo de todas as consolações do espirito, a immaculada flôr da alegria.

Durante dez annos consecutivos elle fez sorrir Lisboa todas as semanas, quasi todos os dias, arrancando de cada facto da nossa existencia de paiz decadente, mandrião, aborrecido e enfasiado, o comentario comico, espirituoso e vivaz, que silvava no ar como uma flecha luminosa, fazendo saltar do alvo ferido a bella nota rutilante de uma bandeira ao vento.

No meio do cantochão arrotado pela semsaboria patria n'uma sociedade flatulenta e funebre, elle entoava á bôcca da scena o risonho *couplet* malicioso, desenrugando a catadura bossal da galeria, como um leve tempo de valsa apontado por um violino para começar o baile.

Todos aquelles que conhecem um pouco o officio de escrever sabem que enorme esforço, absorvente

e desfibrante, precisa de empregar um escriptor sobre todos os artificios da linguagem, sobre todos os meios de estylo, sobre todos os poderes da palavra, para conseguir este effeito: — fazer rir em cada dia uma pouca de tinta posta sobre um pouco de papel. Que somma de trabalho technico exercido infatigavelmente na mais difficil e na mais rebelde de todas as artes! E, depois, que abandono heroico de si mesmo, que abnegação, que esquecimento sublime das proprias amarguras, dos desalentos, das tristezas pessoases!

Hoje que a litteratura deixou de ser um passatempo academico para se converter n'uma das grandes molas do movimento social, todo o escriptor que aspira a ser lido tem de trabalhar para esse fim oito ou dez horas por dia. O chronista, o romancista, o folhetinista moderno é um condemnado á prisão celular por toda a vida, é um monge, um beneditino, tão rigorosamente preso ao claustro pelos deveres da arte como o seria pelos votos da religião.

Guilherme de Azevedo trabalhava sempre, constantemente, ininterrompidamente. Tinha habitos errantes. A immobildade do corpo paralytava-lhe a actividade cerebral. Para produzir, para crear, para ter a visão e para trazer depois a imagem desde os limbos da primeira concepção até a realidade artis-

tica, precisava de sahir á rua, de olhar para as lojas, de percorrer os jardins publicos, de se sentar nos cafés, de entrar nos theatros. Mas não era para elle que os grupos dos *ratés* discutiam arte ou discutiam politica ás mesas do botequim ou do restaurante; não era para elle que a prima-donna em voga gorgeava a romanza em applauso; não era para elle que o tenor se convertia em Lindoro, arrojando a capa, sacudindo os aneis da guedelha, avançando o pé afiambrado em setim, e erguendo aos céos o seu olhar de imbecil; não era para elle que bailava o baile, que symphoninava a orchestra; não era para elle que o sol luzia no céu e que as cotovias cantavam nos jardins entre as flôres dos lilazes. Porque para esse forçado da escripta de cada dia todas as cousas do mundo eram apenas perceptíveis n'este ponto de vista exclusivo:—serem ou não serem assumpto de artigo.

E desde que elle achava o assumpto, principiava logo, mentalmente, a elaborar o artigo, fechado em si mesmo, recluso no seu *veston* como nas profundidades de um carcere, alheio a quanto se passasse em torno d'elle, respondendo por monosyllabos abstractos aos que o interrogavam, até que, de repente, de onde quer que estivesse, desaparecia n'uma viravolta para ir escrever de fugida, a um

canto, sobre o primeiro papel que lhe apparecesse, o artigo feito de memoria.

Nenhum outro escriptor portuguez teve ainda como Guilherme de Azevedo o talento do miniaturismo, a faculdade privilegiada de tratar os mais largos assumptos n'um pequenissimo *croquis*, de reduzir o objecto de quatro columnas a quatro linhas, a uma fórmula, a uma simples legenda, ás vezes a uma unica palavra. Poucos como elle sabem dominar a phrase, submettendo-a inteiramente, e ajustando-a a todas as expressões de que é susceptivel a linha sob os caprichos do lapis mais imaginoso e mais rico.

Os leitores do *Antonio Maria*, da *Gazeta de Noticias*, do *Diario da Manhã*, a quem Guilherme de Azevedo deu tantas obras primas de graça, de bom senso, de bonhomia e de jovialidade, soffrem uma perda irreparavel com a morte d'elle.

Tendo partido para Paris ha dois annos como correspondente da *Gazeta de Noticias*, Guilherme de Azevedo não voltará mais.

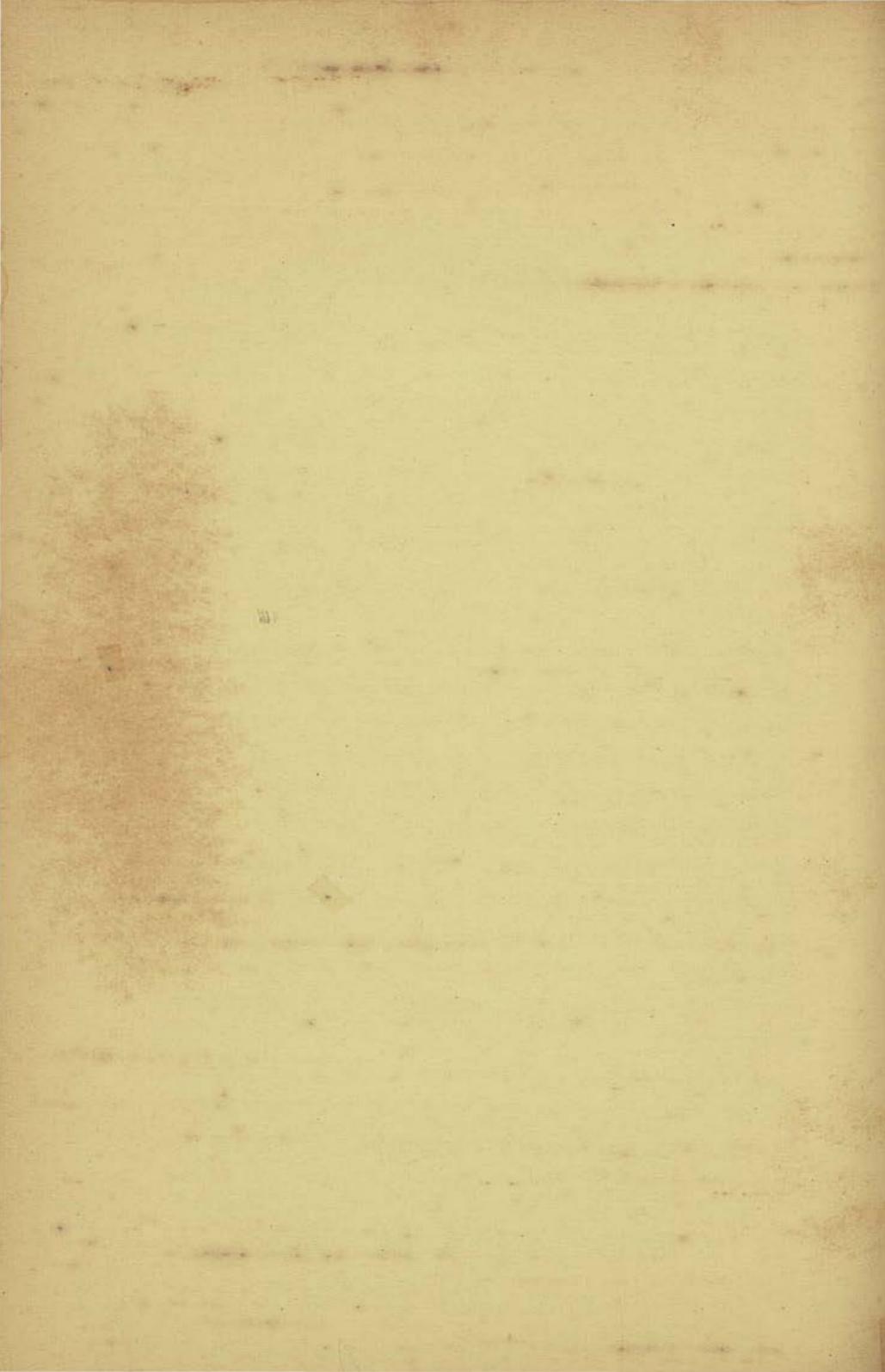
A morte surprehendeu-o em plena força da idade e do talento no meio d'esse Paris que elle tanto amava, na estação em que mais custa a morrer, na primavera, quando toda a natureza revive e a arte parece reviver com a natureza. É o tempo em que se abrem as exposições de pintura e de aguarella; os

paizagistas partem para Fontainebleau calçados em grossos sapatos ferrados, com os cavalletes ás costas afivelados por cima das mochilas; as rabecas começam a afinar para os concertos dos Campos Elyseos e para os bailes campestres do Vesinet; as primeiras *pâquerettes* estrellam de flôres brancas o *turf* de Longchamps; reverdecem as acacias no Bois de Boulogne, onde os gamos atravessam de um pulo as avenidas, estremunhados pelas amazonas madrugadoras que galopam na frescura da manhã embalsamada da floresta; vasos de resedas embrulhados nos seus cartuchos de papel sobresâem dos festões dos jornaes e das revistas nos kiosques do boulevard; e alegres cabazes, em que a toalha branca descobre o gargalo da garrafa lacrada de verde, partem em cada domingo pelos comboios de recreio ou pelos vaporzinhos do Sena para se abrirem ao jantar sobre a herva de Vincennes, de Bougival e de Montmorency.

Foi esta festa que Guilherme de Azevedo atravessou pela derradeira vez no dia 8 de abril, sahindo da Maison Dubois, onde fallecera, para ser levado por alguns amigos piedosos para o pobre cemiterio de Saint-Ouen, onde vae começar a vicejar para elle a boa flôr dos tumulos chamada o esquecimento.

Não voltará mais. O Chiado não tornará a vê-lo passar ás quatro horas da tarde. No jornalismo por-

tuguez não tornará a voejar, ridente e alada, a ironia do seu fino estylo. E no Valle de Santarem, pelas férias, não tornará a atravessar os campos aquelle que ahi escreveu os bellos versos da «Alma Nova» *na fragrancia dos trevos e das flôres selvagens.*



XX

GARRETT

Fevereiro 1882.

Gomes de Amorim publicou ha poucos dias o primeiro volume da biographia de Almeida Garrett, comprehendendo a vida do poeta até a volta da emigração, depois da entrada do exercito do duque da Terceira em Lisboa.

É o periodo da mocidade de Garrett, se é licito especialisar esta phase da vida na idade de um homem que, como elle, foi moço até morrer, aos sessenta e tres annos.

Acabo de lêr esse livro, de um só folego, e sinto-me ainda palpitante da commoção que elle me deixou.

O methodo por que está concebido e executado o trabalho de critica não é talvez o mais scientifico, não é sobretudo o mais moderno, no sentido que tem

esta palavra depois das obras de Sainte-Beuve, de Taine, de Zola, de Jules Lemaitre e dos irmãos Goncourt. A influencia do escriptor biographado sobre a sociedade do seu tempo e a acção do meio social sobre a orientação mental e sobre a obra do grande artista, não me parece — n'esta primeira parte pelo menos das memorias biographicas de Gomes de Amorim — determinada de um modo assaz nítido e convincente.

O estylo, apesar da clareza e da vernaculidade sonora da linguagem, carece tambem algum tanto de força impulsiva, de vigor de tom, de intensidade dramatica. Sente-se que o auctor, por um esforço de systema, procurou intencionalmente depurar a sua narrativa das violencias da sua commoção. Isto dá mais auctoridade á palavra do critico, mas prejudica e diminue consideravelmente a obra do artista. Muitos verão um primor de execução no frio escrupulo e na intenção de impersonalidade em que eu vejo um defeito.

Pela minha parte — e n'isto enuncio apenas uma preferencia de character pessoal, uma sympathia de temperamento — prefiro a livre expressão esthetica a todas as conveniencias dogmaticas, e, não somente nas obras dos poetas, mas nas obras dos historiadores e dos criticos, não é nunca o discursador, mas sim o artista, o que me convence, o que me domi-

na, o que leva consigo a minha alma atravez de um facto, de um sentimento ou de uma theoriã.

Fora da pura sciencia, nos dominios da litteratura, eu sou francamente pelos nervosos, pelos insofridos, pelos apaixonados.

O tempo presente não está — me parece — para as dissertações pacatas. O estylo narrativo, o descriptivo e o didactico teem os seus dias contados. Não ha hoje senão um estylo unico — o estylo humano.

Os nossos processos de inquirição e de analyse, as nossas curiosidades doentias, as nossas impaciencias nevrálgicas, o nosso espirito de controversia e de lucta, a profunda agitação do mundo moderno perturbando e revolucionando tudo no equilibrio social na religião, na politica, na economia, no direito, na moral, tem descoberto aos nossos olhos tantas miserias novas, tantos infortunios anteriormente desconhecidos; o duro problema humano apresenta-se-nos em cada dia tanto mais temeroso e tanto mais difficil de resolver; estamos vendo derramar por elle tanto sangue borbulhante e tantas lagrimas ardentes; que realmente não temos tempo, nem temos disposição de espirito para acompanhar, durante trezentas ou quatrocentas paginas, um ou outro senhor que, para passar as suas noites suavemente, se entretem a phrasear sobre qualquer assumpto tirado á sorte no meio dos seus expositores, com um dicio-

nario de synonymos ao lado, os joelhos commodamente embrulhados nas pelles de uma *chancelière* e as orelhas consoladas no aconchego de um barretinho de seda.

Não. Tu que empunhas uma penna, quem quer que sejas, se a tua paixão te não dilacera, se não choras, e se tambem não ris, se não sabes commu- nicar-me alguma cousa da tua impaciencia, da tua inquietação, do teu enthusiasmo ou da tua ironia, do teu grande amor, do teu grande odio, ou do teu grande desprezo; tu, em taes condições, não serás para mim senão um caturra mais ou menos habili- doso, serás um estimavel, um discreto, um bom ho- mem; mas não serás nunca um escriptor que eu leia sem te bater com o meu nariz em cima — de somno.

O sr. Gomes de Amorim não é propriamente o artista que eu poderia citar como o especimen mais perfeito do meu ideal. Mas um relevante mereci- mento o assignala e o caracteriza poderosamente aos meus olhos: a grande elevação com que elle viu e considerou o seu assumpto.

Tendo de biographar um dos maiores poetas d'es- te seculo, um dos grandes representantes do senti- mento e do lyrismo contemporaneo, elle, o mais apaixonado dos admiradores, o mais dedicado ami- go do biographado, não escolheu o aspecto mais es- pecial e mais propicio para o fazer pousar e o pôr

em quadro. Não viu mais particularmente o poeta, o romancista, o critico, o politico, o philosopho, o polemista, ou o dandy. Viu o homem na totalidade da sua expressão, e expôl-o tal como o viu, em plena luz, de frente e em corpo inteiro. Não recuou deante de pormenor algum, por mais irreverente que elle pudesse parecer para a memoria do biographado. Gomes de Amorim comprehendeu admiravelmente que Garrett, pela gloria do seu nome, pertence á humanidade, e seria um crime, seria um roubo feito á historia da poesia, á historia do genio e á historia do homem deturpar no minimo ponto a linha da sua figura immortal, por meio das attenuações impostas por um falso pudor de familia, ou por um acanhado e mesquinho respeito burguez de junta de parochia ou de gremio commercial.

Aquelle que dotou a poesia d'este seculo com obras de cujo sentimento profundo se não encontra exemplo senão em Byron e em Alfred de Musset; aquelle que, no termo da vida mais agitada por commoções de toda a ordem, pelas difficuldades pecuniarias, pelo exilio, pela guerra civil, pelas luctas parlamentares e politicas, — encontrou ainda no seu coração bastante seiva e bastante calor para escrever aos sessenta annos de idade esse livro unico intitulado *As folhas cahidas*, é um documento humano, é um caso physiologico demasiadamente precio-

so para que seja licito occultar-se-nos a menor das circumstancias que o caracterizam e o definem.

Da grande massa de factos que Gomes de Amorim, pacientemente, religiosamente, colligiu na sua obra, Garrett sobressae vivo na sua forte e picante figura romantica.

Destinavam-o para padre. Aos quinze annos deram-lhe prima-tonsura. Elle vestiu a batina, achou que ella lhe ficava bem, entrou n'uma igreja na ilha Graciosa, pediu licença aos mesarios para subir ao pulpito n'um dia de festa, e prégou ás mulheres que enchiam o templo e admiravam extaticas o eloquente sacerdote imberbe e romanesco, que falava das cousas de Deus com a graça de um pagem namorado vestindo o lucto de uma paixão desgraçada por alguma bella princeza. O tio do poeta, João Carlos Leitão, que a esse tempo era provedor nas ilhas dos Açores, quando soube do triumpho oratorio do sobrinho mandou-lhe entrouxar a bagagem e seguir para a metropole pelo primeiro navio.

— Vae prégar sermões ao teu pae e á tua mãe, e mais a quem tiver obrigação de te aturar, que a mim é que tu m'os não tornas a prégar. Não és tu que has de ser padre nunca... És muito atrevido para isso! Os teus paes que te aguentem!

Aos vinte e dois annos, representando-se em Lisboa por uma companhia de amadores a tragedia in-

titulada *Catão*, elle, que tinha na peça o papel de Bruto, vê pela primeira vez n'um camarote a joven menina D. Luiza Midosi, cuja belleza de adolescente, porque ella contava apenas quinze annos, o impressionou vivamente. Ao vir ao proscenio recitar o prologo, é, dirigindo se directamente para ella, com quem até ahí não falara nunca, que elle declama aquelles delicados versos:

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Afago da existencia e encanto d'ella,
Oh! perdôa se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas.
Não esqueceste, não...

A menina que era objecto d'esta singular distincção, escrevia mais tarde em referencia a essa noite: *Nous étions très gênées voyant tout le monde regarder notre loge. C'est là que Garrett a fait ma connaissance...*

Poucos dias depois Garrett solicitava a mão dessa menina, que foi sua mulher. Decorrido pouco tempo, no dia 7 de junho de 1823, elle, que serviria como democrata convicto e fervoroso os principios da revolução de 20, é forçado a emigrar para a Inglaterra depois de reconstituído o absolutismo pelo celebre golpe de estado, burlesco e tragico, de Villa Franca.

Garrett expatriava se sósinho. Nem os seus recursos pecuniarios lhe permittiam então viajar com familia, nem a sua esposa, graciosa creaturinha inexperienced e futil, como joven burgueza amimada e estreitinha que era, podia ter a grandeza da alma precisa para se sacrificar voluntariamente e orgulhosamente, com um poeta pobre e com um revolucionario exaltado, ás durezas inhospitas do exilio.

No delicioso e inimitavel livro das *Viagens na minha terra*, Garrett refere-se evidentemente aos primeiros tempos que passou na Inglaterra ao narrar os factos que põe na carta de Carlos a Joanninha. É com effeito essa carta uma autobiographia levemente delineada n'uma ficção de romance? Gomes de Amorim nol-o dirá decerto no segundo tomo da sua obra.

A carta de Carlos diz assim:

«Eu vivi poucos mezes na Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. O acaso, o destino—a minha estrella, porque eu ainda creio nas estrellas, e em pouco mais d'este mundo creio já—levou-me ao lar de uma familia elegante, rica de tudo o que pode dar distincção n'este mundo.

«Extranhei aquelles habitos de alta civilisação, que me agradaram comtudo; moldei-me facilmente por elles, affiz-me a vegetar docemente na branda atmospherica artificial d'aquella estufa, sem perder a minha

natureza de planta estrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo de alma e de character eu não era aquillo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra cousa. Eu detesto a mentira; voluntariamente nunca o fiz; e todavia tenho levado a vida a mentir.

«Menti pois, e agradei, porque mentia. Santo Deus! para que sahiria a verdade da tua bôcca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?»

«Havia tres meninas n'aquella familia. Dizer que eram as tres graças, é uma vulgaridade cançada, e tão banal que não dá idéa de cousa alguma. Tres anjos seriam; tres anjos posso dizer com mais propriedade. E quando em nossos longos passeios solitarios, por aquelles campos sempre verdes, por aquellas collinas coroadas de arvoredos, tapeçadas de relva macia, os seus vestidos brancos, singelos, simples, trajados sem arte, fluctuavam com a briza da tarde... e os longos anneis dos seus cabellos — os de uma eram louros, os de outra castanhos, não ha nome para a indefinida côr dos da terceira — quando esses longos anneis descahiam da sua ondada espiral com o orvalho humido do crepusculo — e que a essa hora vaga e mysteriosa eu as contemplava todas tres com adoração e recolhimento devoto da alma — sinceramente exclamava: «São tres anjos celestes que é forçoso adorar!»

Ellas queriam-lhe com *sympathia* carinhosa, com uma inclinação terna. Elle amava-as a todas tres.

«Os mais difficeis e delicados apices da perfeição da sua tão caprichosa e expressiva lingua, as bellezas mais sentidas dos seus auctores queridos, o espirito, o tom difficil de sua sociedade tão desdenhosa e fastienta, mas tão completa e tão calculada para sublimar a vida e a desmaterialisar — isso tudo e um indefinivel sentimento do gentil que só com um natural tacto se adquire, é verdade, mas que não se alcança com elle só — isso tudo o apprendi alli, das suaves licções que recebia a cada instante. Se valho alguma cousa, tudo valho por ellas; se tenho merecido alguma consideração no mundo, toda lh'a devo.

«Vês que confesso a divida; verás como a paguei.»

E depois, em paginas admiraveis, as mais subtís e as mais delicadamente picantes que a vida inglesa e o aspecto das regiões do norte ainda inspiraram a um estylista, Garrett, isto é, *Carlos* faz-nos a physiologia da *flirtation*; conta-nos como esse entretenimento de espirito britannico actua no temperamento de um pobre meridional, e como foi que elle, insensivelmente, inconscientemente, do modo mais innocente e mais irresponsavel do mundo, se veiu a achar entre os sorrisos espirituosos e candidos das tres miisses, entre a luz celestial dos seus

olhos profundos e innocentes, na situação brutal de um toiro hispanhol condemnado á morte pelo alcaide, vendo luzir na praça, em cêrco á roda d'elle, as grandes manchas sanguineas das capas que o chamam, e a ponta da espada em que vae morrer.

Desde a época a que se refere a carta de Carlos a Joanninha, o destino de Garrett está fixado para todo sempre. Apoderou-se d'elle a grande nevrose d'este seculo, a qual poz em braza o sangue de umas poucas de gerações, e cuja trajectoria atravez da humanidade ficará marcada para sempre pelas constellações ardentes que deixou a arte na poesia de nossa idade.

Ha oitenta annos que a imaginação humana, levada pelos grandes genios da poesia moderna, representada pelo romance, pelo poema, pela opera, pelo drama, pela pintura, circumda por todós os lados este problema febril e mordente, que ha pouco ainda se chamava o *amor*, e que apenas agora, por uma leve attenuação resfriada, principia a chamar-se a *selecção da especie*.

O primeiro e o mais manso dos convulsionarios d'essa epidemia foi Goethe, veiu depois lord Byron e Chateaubriand, Spronceda e Manzoni, Verdi e Gounod, Henri Heine e Gérard de Nerval, Lamartine e Hugo, Chopin e Leopold Robert, e finalmente George Sand e Musset, tão immortalmente allia-

dos na historia moral do seu tempo como Paolo e Francesca de Rimini, como Daphnis e Chloé.

De nós outros, os que orçamos hoje pelos quarenta annos de idade, qual foi — e esse que se levante para lançar a primeira pedra á insensata legislação — qual foi o que pela sua imaginação e pelo seu espirito não viveu por algum tempo na intimidade d'esses allucinados que um sorriso de mulher arrebatou atravez de todos os heroismos e de todas as baixezas, de todos os enthusiasmos e de todas as miserias de que é susceptivel o coração humano? Quem é que, em maior ou menor grau de intensidade e de frequencia, não ardeu d'essa febre, não se embriagou d'essa embriaguez, não desfalleceu d'esse desalento, não se revigorou d'esse poderoso impulso? Quem é que não tem formado de todos esses elementos dispersos da paixão alheia um fundo de sentimentos, de opiniões e de pontos de vista constitutivos de uma grande parte da sua natureza moral, da sua personalidade, do seu ser?

A proposito d'esses artistas, assim como a respeito dos grandes factos da criminalidade e do heroismo dos nossos tempos, nós habituamo-nos a perguntar: — Onde está a mulher?

Na obra de Garrett a mulher apparece em toda a parte. A mulher é para elle a imagem objectiva do seu culto fervoroso de artista pela eterna belleza

universal. É a essa expressão do grande *Deus ignoto* que elle sacrifica e subordina todos os actos da sua existencia, não só como poeta e como escriptor, mas como philosopho e como politico, porque todas as demais phases da sua actividade intellectual e moral são puramente episodicas. No fundo, elle não é mais, não pode ser nem quer ser outra cousa senão um artista. D'ahi a suprema bondade generosa, cavalheiresca e futil da sua natureza.

Ridiculo lhe chamaram pela quantidade dos pequenos defeitos que elle cultivava e que eram, bem simplesmente, o reverso das suas qualidades encantadoras.

Escondia a idade; falsificava as datas das suas composições para encurtar o numero dos annos que lhe attribuiam; usava chinó para encobrir uma deformidade da cabeça, resultante de uma queda; os seus colletes de ramagens á moda romantica de 1830 eram a furia dos burguezes; os estojos dos seus cosmeticos, da sua perfumaria, dos seus utensilios de *toilette*, e os pequenos cofres perfumados das suas cartas de amor e dos despojos opimos das suas victorias de *boudoir*, constituíam a parte mais ponderosa no material rolante da sua existencia. Escrevia em algumas horas da noite todo o plano do Frei Luiz de Souza e todo o primeiro acto d'essa grande obra prima, e gastava uma manhã inteira a barbear-

se, a perfumar-se, a pôr a camisa de seda, a metter os pés nas *pantoufles* e a enrolar-se no roupão de velludo, com que tinha de passar de um quarto para outro, para ir lêr o manuscrito na casa da Ajuda a Alexandre Herculano.

A influencia d'esta grande personalidade essencialmente artistica, foi enorme sobre a sociedade portugueza desde 1820 até 1840. O tempo decorrido, a perspectiva interposta deixa-nos bem apreciar a decisiva acção de tal homem sobre a mentalidade do seu tempo.

Portugal sahia apenas dos dominios esmagadores de um regimen despotico e clerical. Vinha embrutecido e estúpido. Os primeiros clarões da liberdade feriam-lhe a vista e deslumbravam-o dolorosamente. Vinha de rezar a via-sacra pelos claustros das egrejas, vinha de acompanhar os autos de fé e as procissões de penitencia, vestido de farricôco, arrastando grilhões tenebrosos e mastigando ossos de defuncto.

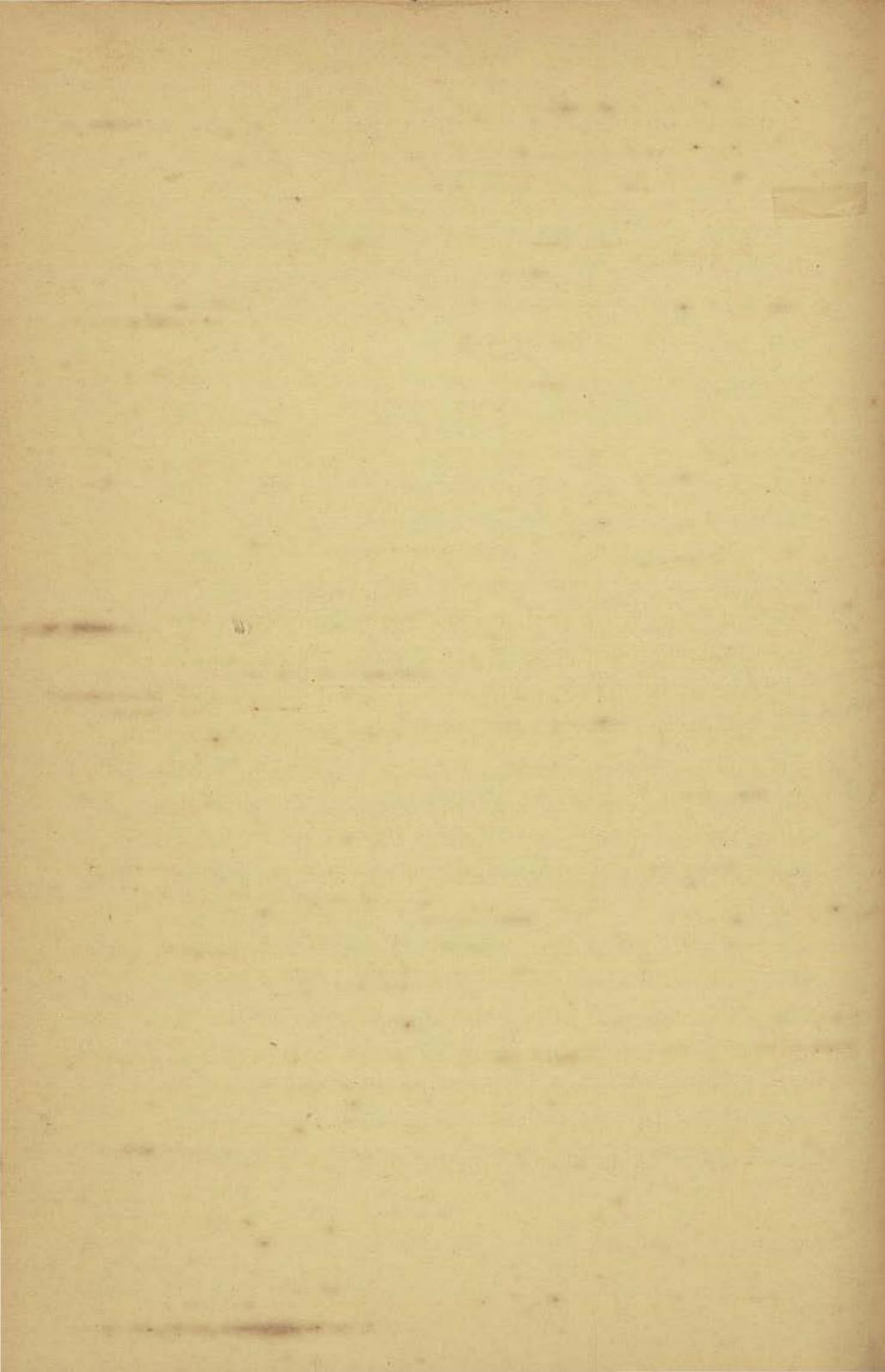
Desde Camões para cá, a arte não tornara a achar uma só nota alegre, viva, penetrante, humana. Os poetas são beatos lacrimosos ou biltres debochados e sujos. Uma profunda corrupção, immunda e hypocrita, de confessionario e de alcôva de freira, revolte os costumes da côrte e da nobreza atolados na gula fradesca das geropigas e das marmeladas de Odivellas. O povo tem medo de tudo, e reza ; tem

medo do rei, tem medo dos corregedores, tem medo dos capitães-móres, tem medo das bruxas e tem medo do diabo. A mulher pertence a tres categorias: a freira, a besta de carga, e a emissaria do demonio, encarregada por elle de tentar as almas, segundo os processos explicados pelos Santos Padres. Em 1830, duzentos annos de tristeza, de cobardia, de traição, de crapula, pesam ainda sobre as nossas almas. O cheiro da polvora, que se principia a sentir, attenua apenas, mas não destroe o cheiro do bafio de sacristia que se nos pregou á pelle.

É no meio d'essa sociedade, desbravada apenas da servidão catholico monarchica, devota ainda, mal humorada e casmurra, que Garrett apparece, mensageiro do novo espirito europeu.

Foi elle que, de chapéo, branco, calças de quadradinhos, gravata encarnada, monoculo no olho, um charuto nos beiços e uma chibata em punho, vergastou as orelhas do Velho Mundo Portuguez e o obrigou a abrir a primeira garrafa de Champagne.

Nós não eramos todos senão uns pobres velhotes; uns ginjas, uns chéchés. Foi elle o primeiro que, por meio dos seus livros, nos deitou nos copos e nos fez beber o vinho da mocidade. E foi depois de reconfortados por esse generoso licor de poesia, que nós apprendemos a estimar a belleza, a amar a liberdade, a comprehender as artes e a querer o progresso.



XXI

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Setembro 1882.

Os jornaes de Lisboa trazem-me a inesperada noticia de haver fallecido hontem em Cintra o meu velho amigo Antonio Rodrigues Sampaio.

Chamo-lhe meu amigo, não para me vangloriar de um titulo que tive a honra de merecer-lhe durante vinte e cinco annos, mas para lhes dar desde já um traço caracteristico d'essa figura que pertence á historia.

Principiei a conhecer Sampaio no meio da bohemia jornalística, tendo eu cêrca de vinte annos e elle cêrca de cincoenta. Só elle sabia o segredo de annullar a distancia que uma differença de mais de trinta annos de idade estabelece entre dois homens reunidos pelo acaso n'uma sociedade e n'uma classe em que, pela renovação constante dos principios,

das idéas e dos interesses, parece que uma geração só pode florescer sobre as ruínas da geração que a precedeu.

Sampaio, porém, e é essa a característica de um verdadeiro e privilegiado temperamento de jornalista, era essencialmente o homem do momento em que se achava. O trabalho quotidiano de escriptor tinha-lhe mantido na penna uma seiva eterna de mocidade, uma espuma de fresca alegria, transmittida de cada dia passado ao dia que se seguia. Esta sequencia nunca interrompida eliminava da sua obra, assim como da sua vida, a intervenção melancolica do passado. Trabalhando constantemente dir-se-hia que no fundo do seu tinteiro, que jámais deixou enxugar, se conservara sempre um resto da primeira tinta ridente com que ha quarenta annos elle começou a escrever.

Além de que, pela bondade, pela saude, pela pobreza, pelo espirito de desinteresse e de abnegação absoluta, esse patriarcha e esse mestre parecia sempre um noviço, um estudante imprevidente e prodigo.

No tempo em que principiei a conviver com elle Sampaio não era ainda conselheiro do Tribunal de Contas. Vivia de um pequeno ordenado, 40#000 réis por mez como redactor principal da *Revolução de Setembro*, e do subsidio de deputado.

Viuvo desde 1844, tornara-se o protector e o segundo pae de toda a familia do primeiro marido de sua mulher, o capitão João de Amorim.

Uma senhora que elle amara e que era religiosa no convento de Corpus Christi, em Villa Nova de Gaya, veiu um dia para Lisboa procurar em casa de Sampaio o amparo da amizade sobrevivente a uma antiga e terna ligação. Sampaio estendeu-lhe a mão com a mais nobre e tocante generosidade, e, sem se preoccupar um momento com o que o publico poderia dizer do character das *suas relações com a freira*, recebeu a sua velha amiga desamparada, mandou collocar uma cadeira de braços defronte da d'elle á pequena mesa da casa de jantar, e, desde então até o dia em que ella lhe expirou nos braços, foi constantemente para ella o amigo mais carinhoso, o irmão mais dedicado.

Os parentês pobres d'esta senhora mereceram-lhe a mesma protecção que sempre deu aos parentes de sua mulher.

D'ahi as accusações viperinas, as allusões envenenadas, que os jornalistas seus adversarios não cessaram nunca de fazer á devassidão dos seus costumes e ao cynismo da sua vida domestica.

A sua casa pobrissima foi sempre o albergue de todos aquelles que appellaram para a sua bondade inexgottavel e para a sua generosidade sem limites,

E de todos os que amparou e lhe sobreviveram elle fez cidadãos dignos e mulheres honradas, dedicando-se-lhes completamente com sacrificios enormes de trabalho e de dinheiro, elle para comsigo mesmo um simples, quasi um estoico, que não fumava, que não bebia, duravam-lhe as sobrecasacas quatro annos, e não comia de ordinario senão sôpa de couves e carne cozida.

Para desarmar completamente a maledicencia de que foi alvo até o ultimo dia da sua vida, para entrar para sempre na categoria inviolavel dos homens serios, elle não teria tido mais trabalho que o de ser honradamente indifferente e correctamente egoista, consagrando unicamente a si o que liberalizou com os outros, fechando a sua casa para abrir unicamente o seu salão, tomando o conforto de uma carruagem em vez de tomar o encargo de uma immensa familia de adopção, canalizando discretamente as exigencias da sensualidade no segredo do vicio pacato, como todo o bom conselheiro morigerado e bemquisto.

Elle porém sorriu sempre com uma indifferença magnanima e com uma imperturbabilidade heroica a todas as calumnias desembestadas sobre a historia do seu coração, preferindo a má fama de irregular e de bohemio á consagração de uma respeitabilidade que houvesse de pagar com o sacrificio da consciencia.

Nunca em minha vida conheci homem mais justo, mais fundamentalmente honrado, mais simples, mais bravo e mais bom.

Filho de uns lavradores pobrissimos de S. Bartholomeu do Mar, no concelho de Espozende, attribulado na infancia, educado para a vida ecclesiastica, chegando a receber *prima tonsura* no arcebispaado de Braga, prégando sermões e ensinando latim para ganhar os meios de subsistir aos vinte annos de idade, preso como conspirador aos vinte e dois, tendo feito como soldado voluntario dos batalhões de D. Maria II toda a campanha da liberdade, perseguido de novo em 1844, redigindo então e publicando clandestinamente a *Revolução de Setembro*, preso outra vez em 1846, homiziando-se depois e redigindo o *Espectro* do fundo do seu esconderijo, Sampaio parecia, pelo seu aspecto, não guardar das profundas agitações da sua vida, mais que uma pachorrenta sensação de descanso na convicção do dever cumprido.

A sua figura agigantada e athletica tinha a ondulação bonacheirona de um burguez satisfeito; a sua physionomia consideravelmente energica, de feições cheias e poderosas, revia uma benevolencia profunda, accentuada por um bigode militar e por um corte de barba caracteristico, em moda no militarismo romantico em 1830,

Tinham-lhe feito uma reputação de glutão, tão justificada como a sua reputação de cynico. Assim como Dumas pae, accusado do mesmo defeito, Sampaio tinha uma sobriedade de caravana. Tão somente, de longe a longe, jantando com os seus amigos, se aprazia em fazer honra ao banquete, ostentando a solidez diamantina do seu estomago e a força do seu garfo.

O seu cerebro, como o de Balzac, era inacessivel á intoxicação alcoolica. Não bebia de ordinario senão muito pouco vinho com agua, mas era capaz de ingerir quatro ou cinco garrafas dos licores mais capitosos sem que d'ahi lhe resultasse a mais ligeira perturbação mental.

Um dia, tendo-nos convidado para jantar em sua casa o nosso commum amigo Custodio José Vieira, notámos ao chegar á mesa que estavam cheios a trasbordar os seis ou oito copos que cada conviva tinha junto do seu talher. Sampaio disse: — «Vejo que somos chamados a provar os liquidos antes de nos servirem os solidos. . . .»

E, exgottando successivamente todos os copos que tinha ao seu lado, indicou ao creado que lhe servia o prato da sôpa: — Prefiro do vinho que estava n'este mais pequeno.»

O nosso amigo e comprovinciano deu-nos um d'esses portentosos e monumentaes jantares de bô-

da minhota, destinados a não terminar senão depois de terem cessado de existir aquelles a quem são consagrados.

Eram onze horas, tinha acabado de desfilar o asado representado por um perú, um leitão, um cabrito, e um pato, e iam os achar-nos a braços com os pudins e o arroz doce, quando a cozinheira de Custodio José Vieira penetrou desolada na sala de jantar para nos dizer com lagrimas na voz que tinha esquecido servir opportunamente o savel grelhado, precisamente a especialidade culinaria em que ella mais se desvanecia de primar.

A grande maioria dos convivas achava-se inutilizada para consumir o que quer que fôsse desde o terceiro ou quarto guisado. Sampaio, condoído do sincero desgosto da governante do nosso amigo, disse-lhe que mandasse servir o peixe; e, apontando para mim, accrescentou:

— Se esse homem que ahí está tem o brio que se lhe suppõe, come-se-lhe o savel todo, e está salva a patria. Se elle se recusar, cá estou eu para amparar a situação.

A essa palavra de Sampaio o conselheiro Gomes Lage, que assistia a esse festim pantagruelico, primeiro como tímido conviva, depois como simples espectador especulativo e platonico, teve medo de rebentar pelos olhos e velou a face com uma ponta do

guardanapo. Sampaio comeu meio savel, auxiliado por mim. Foi essa a unica vez em que pude realizar o vivo desejo que sempre tive de lhe ser prestavel.

A velha creada de Custodio José Vieira chorava a um canto da casa silenciosas lagrimas de ternura e de gratidão sobre o nosso abençoado appetite e sobre as suas roupinhas classicas de lavradeira da Maia.

Depois de jantar, á meia noite, emquanto o resto dos convivas ia a bater á porta das boticas a pedir soda, o redactor da *Revolução de Setembro* ia para o escriptorio da Calçada do Combro revêr tres columnas de composição com a mesma lucidez de espirito que teria em jejum.

Falava pausadamente, n'um ligeiro tom de melopêa grave e *spianatta*, precedendo de um gesto indicativo, com a ponta do dedo, o vocabulo que nem sempre lhe occorria com presteza, mas pelo qual elle esperava pacientemente, como o principe de Bismarck, que em analogas conjuncturas se entretem a fazer girar um lapis entre os dedos sobre o parapeito da tribuna, com o ar de quem diz ao auditorio que se pode retirar se tem pressa. Este ar pacato e simplorio, frequentemente trespassado da mais percucente ironia, conservava o sempre, nas circumstancias mais graves e mais perigosas, assim como nas mais descuidadas e mais alegres da vida.

Uma vez, sendo procurado pelo presidente da comissão installadora da sociedade protectora dos animaes, o qual ia pedir-lhe licença para inscrever o seu nome entre os socios fundadores respondeu-lhe:

— Pois sim, inscreva-me lá. . .

E depois do competente gesto para a frente, de dedo extendido, accrescentou:

— . . . entre os protegidos.

Um dia, sendo ministro, recebeu na minha presença a visita de uma senhora que ia pedir-lhe protecção para empregar um filho, ao seu escriptorio na rua de S. Bento, onde elle recebia indistinctamente e sem intervenção de formalidade alguma toda a gente que o procurava. Não tinha á porta suisso nem guarda-portão, nem escudeiro na sala de espera. A escada estava sempre franca e todas as portas abertas. Os que desejavam falar-lhe introduziam-se a si mesmos até irem ter ao quarto em que elle trabalhava. Para descansar, de quando em quando, passava do escriptorio ao pequeno salão contiguo, manejava um baralho de cartas, fazia uma *paciencia*, e voltava á tarefa interrompida.

A senhora a que me refiro sentou-se n'uma cadeira que elle lhe offereceu ao seu lado, levantou o véo e fez a historia do filho. Elle tinha vinte annos, era forte, saudavel, boa figura, muito bom rapaz, com as melhores relações na sociedade, e não podera to-

davia, apesar de tudo isso, ter ganhado um vintem até esse dia!

— É pouco! — ponderou conscienciosamente Sampaio. — E que sabe elle fazer?

— Elle, verdadeiramente, sr. conselheiro, não sabe fazer cousa nenhuma... por falta de pratica.

— Bem! n'esse caso ensinar-se-lhe-ha a fazer alguma cousa. Para que tem elle geito?

— Para trabalho persistente, de officio ou de escriptorio devo dizer a v. ex.^a que elle não tem propensão. A sua tendencia é mais para algum serviço ligeiro, pouco apensionado, em que não esteja preso, algum pequeno emprego em que se entretenha a andar de uma parte para a outra...

— N'essas disposições, minha senhora, entendo que só poderemos fazel-o almocreve.

A pobre supplicante de um emprego para o seu filho comprehendeu perfeitamente quanto n'essa phrase havia de lastimavel para a mandriice d'elle, e desatando a chorar exclamou:

— É um desgraçado de quem se deve ter pena.

— Eu — objectou Sampaio — tenho mais pena da mãe, que me parece uma boa mulher, digna de um filho mais trabalhador e mais honrado. Emquanto a elle, com essa tendencia para passear, espalhará melhor. Como tem tempo e geito para isso, ha de se distrahir por todos nós, emquanto que a senho-

ra terá de passar a sua vida a chorar por si e por elle.

E pondo-lhe a mão no hombro, carinhosamente, reconduziu-a até á escada, dando-lhe conselhos em voz baixa, até que eu a ouvi despedir-se d'elle dizendo-lhe :

— Muito obrigado, sr. Sampaio, muito obrigado! eu lá lh'o direi!

De outra vez vi-o chegar á sala de espera do ministerio do reino, onde o aguardavam umas dez ou doze pessoas. Elle percorreu com a vista a reunião, e reconhecendo entre os solicitantes da entrevista um funcionario que os jornaes opposicionistas d'essa manhã accusavam calumniosamente de um desfalque no cofre que se lhe achava adjudicado, disse-lhe festivalmente :

— Ora viva! lá li nas folhas que se fez uma pandega de seis contos de réis com os dinheiros publicos que lhe estavam confiados. Devia ao menos convidar-me, como diz na Trindade o rei Bobeche! Se vem para rapartir o bôlo, pode entrar com o sacco lá para dentro.

E os supplicantes da provincia que estavam na sala olhavam arregalados e attonitos para sua excellencia, acreditando talvez na cynica parceria do ministro com os delapidadores do Estado.

Entrando no palacio das côrtes no dia immediato

áquelle em que um joven deputado de opposição ao governo de que elle fazia parte lhe verberara as mais terriveis accusações, e vendo que esse mesmo deputado o cumprimentava de longe, dizendo-lhe: — Adeus, Sampaio! — fez-lhe com a mão um aceno amigavel e respondeu-lhe sorrindo por cima dos circumstantes:

— Olá! bons dias, calumniador!

Um joven titular, cujo pae fôra gravemente offendido em sua honra por um artigo da *Revolução de Setembro*, foi procurar Sampaio ao escriptorio do jornal, e em termos breves mas terminantes exigiu-lhe a retractação formal do que affirmara na vespera. Sampaio offereceu-lhe uma cadeira e um copo de agua, e com a sua mansidão habitual respondeu-lhe placidamente:

— A exigencia do meu joven e denodado amigo é perfeitamente justificada e digna do meu respeito; sómente eu não posso satisfazel-a de um modo cabal. Está completamente fora dos meus habitos de jornalista o retractar me, e emquanto ao arrependimento do que escrevo guardo-o para os casos em que erro, e não para este em que escrevi puramente a vérdade demonstrada e patente, não tendo sobre esse ponto a dizer senão que *quod scripsi, scripsi*. Se, por um nobre sentimento de solidariedade filial, o meu amigo entende que deve proceder em

desagrayo da honra offendida de seu pae, — e não serei eu que o desaconselhe de fazel-o, — quatro caminhos, exactamente como ao general Boum, se lhe offerecem para me combater : Primeiro, escrever um artigo de contestação, para o que tem aqui papel e penna, e que eu lhe publicarei no jornal de amanhã; segundo, chamar-me aos tribunaes, onde eu comparecerei para ser descomposto pelo rabula escolhido para esse effeito; terceiro, tomar um desforço pelas armas e ter a bondade de me mandar as suas testemunhas e as suas condições, que eu acceitarei fielmente; quarto, enfim, espancar-me em sitio publico da cidade, — o que é talvez o meio mais sympathico para a opinião, porque o publico gosta sempre de vêr levar para o tabaco os escriptores violentos e aggressivos como eu.

O titular retorquiou :

— Opto por esse ultimo expediente, que me parece com effeito o melhor. Vou esperal-o na rua. Até logo.

— Dez minutos apenas para concluir o artigo que aqui estou fazendo, e sou todo do meu nobre amigo! Até já.

Effectivamente, momentos depois, Sampaio passava para a composição a ultima tira do seu manuscripto em grande letra sobre papel almasso, e descia á rua simplesmente e vagarosamente, completa-

mente desarmado, de mãos a abanar ao longo das abas da sua grande sobrecasaca. O visconde de *** adeantou se energicamente para elle apenas o avistou, e com uma canna grossa da Índia, de castão de chumbo, jogou-lhe á cabeça uma bengalada. Sampaio desviou o golpe com um braço, e em seguida, erguendo rapidamente pela cintura o seu aggressor, arrojou-o desmaiado por cima do balcão para o fundo de uma loja aberta á beira da rua.

— Ah! assim — disse cautelosamente — não impede o transito publico e pode restabelecer-se com commodidade.

E ao dono da loja explicou :

— Olhe que não é um malfeitor, é um bom rapaz. Trate-o bem ; e, se quando voltar a si, elle perguntar por mim, mandem-me chamar alli á *Revolução*, que eu cá virei abaixo outra vez.

Não consta porém que por aquelles sitios e por aquelles annos mais proximos alguem houvesse tornado a mandar chamar o Sampaio á *Revolução*.

Todas as manhãs, apenas accordava, Sampaio tocava a campainha, e dizia ao creado :

— Faze o favor de me trazer os venenos.

Era n'esses termos que elle se referia aos periodicos de cada dia. Lia-os integralmente, desde a primeira linha até a ultima, começando sempre por

aquelles que o aggreliam e terminando pelos que lhe eram dedicados.

Quando os jornaes publicavam charadas, adivinhava as, a uma por uma, escrupulosamente, antes de passar adeante; seguia todos os folhetins; em seguida marcava a lapis os artigos que offerciam materia de curiosidade, de controversia, de discussão ou de ataque, e guardava-os systematicamente colligidos nas prateleiras de uma *étagère* que tinha collocada em frente da secretária.

Era a esse formidavel e precioso repositorio de muitos annos que elle frequentemente recorria, para esbofetear os seus adversarios com as incoherencias e as contradicções em que elles incorriam.

Um dia, ao regressar de uma viagem á Italia, encontrou a *étagère* vasia. Um creado, demasiadamente zeloso, havia resolvido limpar o escriptorio, vendendo a peso, por diversas tendas, todos os jornaes velhos que encontrou.

Sampaio, ao ter noticia d'esta verdadeira catastrophe, disse apenas ao creado:

— Os meus inimigos que te agradeçam! Déste-me cabo de vinte annos de peçonha.

Cita-se como um prodigio de benignidade o perdão de Buffon á cadella que lhe dilacerara o manuscrito de um de seus livros; acho mais heroica a complacencia de Sampaio com o homem que lhe

dispersou o archivo dos periodicos que constituiam o seu grande arsenal de guerra.

De resto, as relações d'elle com as pessoas que o serviam tinham sempre um caracter de benevolencia e de confraternidade perfeitamente especial.

O meu amigo conde de Rezende encarregou-me um dia de ter de Sampaio informações de um creado que o servira durante alguns annos. Sampaio disse-me :

— Eu achava-o bom, sobretudo economico e arranjado. Ganhava 30000 réis por mez, e ao fim de um anno já me emprestava ás 10 e ás 20 libras, com um juro accommodado, quando eu precisava de dinheiro. E nunca dei por que me roubasse nada. As minhas camisas mesmo, que elle costumava habitualmente vestir, tornava sempre a guardal-as na minha gaveta. Ultimamente, quando a minha enteada veiu do Porto é que o despediram, por dizerem que elle punha as cousas no rol por seis vezes o seu preço, mas não sei com certeza se era elle que roubava, ou ellas que se equivocavam nas contas.

Foi a proposito d'esse creado que a governanta do conde de Rezende formulou mais tarde a phrase monumental que Eça de Queiroz citava como uma das grandes maximas da sabedoria do seculo: — *É muito bom ser ladrão, mas tanto não.*

Com o exercicio de um outro creado, chamado

Francisco, coincidiu o desaparecimento gradual de todas as garrafas de vinho que Sampaio tinha recebido em presente dos seus muitos amigos, durante vinte annos. Este phenomeno ficou por muito tempo envolto nas densas trevas do mysterio. Foi só depois de se ter retirado da carreira esse creado, estabelecendo-se na cidade com uma loja de vinhos, que Sampaio exclamou um dia ao chegar a casa:

— Ora graças a Deus que já se sabe onde está o vinho que me desapareceu! Está á venda na loja do Francisco.

Ninguem se deixava explorar com impassibilidade mais olympica. Ás vezes descompunha terrivelmente os impostores a quem dava alguma cousa de esmola ou de emprestimo; mas nunca lhes recusava o dinheiro que tivesse no bolso. São innumeraveis os individuos a quem prestou serviços d'essa natureza.

Um dia, sendo ministro do reino, encontrou-se, ao aprear da carruagem, no Terreiro do Paço, com um individuo, que lhe entregou 8⁷000 réis, dizendo-lhe:

— É a restituição da quantia que V. Ex.^a me emprestou uma noite, ha quatorze annos, na *Revolução de Setembro*, onde, apesar de o não conhecer, eu lhe fui pedir que me valesse, na vespera do dia em que parti para o Brazil, de onde hoje regresso.

E Sampaio abraçou n'um grande jubilo de reconhecimento esse cavalheiro, que elle via então pela segunda vez na sua vida, dizendo-lhe no meio de palmadas affectuosas nas costas:

— Obrigado, muito obrigado, grande amigo! não imagina o arranjo que me fazem agora estes *cum quibus!*

Essa referencia *ao arranjo* que lhe fazia o reembolso de oito mil réis não era da parte de Sampaio uma fórmula rhetorica para encarecer o agradecimento. Era a pura e litteral expressão da verdade sobre o estado ordinario das suas finanças. Porque esse trabalhador infatigavel, que escreveu o seu ultimo artigo na semana anterior áquella em que morreu, por cujas mãos passaram os capitaes com que se fizeram umas poucas de revoluções; que teve á sua disposição todos os cargos rendosos e todos os lucros de operações de bolsa que pudesse appetecer; que durante as férias ia trabalhar para o Tribunal de Contas, por ter pena de que lá estivessem sóz os continuos; não conseguiu nunca fazer coalhar cincoenta libras ao canto de uma gaveta.

Por mais de uma vez o conde das Antas, que fizera com elle a guerra da Patuléa, lhe mandou, a titulo de emprestimo, não solicitado, a importância da renda das casas, de que o conde sabia que elle não poderia dispor sobre o lucro do seu trabalho,

sendo absolutamente incapaz de adquirir por outro modo o dinheiro que lhe faltasse.

Como todos os conspiradores que por muitos mezes consecutivos viveram acamaradados com outros no carcere ou no homizio, Sampaio gostava dos jogos de parar; mas, inteiramente incompativel com as lucrativas especulações da tavolagem como modo de vida, nunca ao panno verde o attrahiu outra coisa mais que a commoção do acaso perante o dinheiro impávidamente perdido n'uma noitada ao bacarat, ao monte ou á roleta.

O medico Nelaton, que o tratou em Paris de uma doença de bexiga e lhe fez a operação da lithotricia, tendo conhecido, na convivencia de tres semanas com o seu doente, quaes as fontes de receita de que Sampaio dispunha, respondeu, quando elle lhe perguntou quanto devia:

— Você não me deve nada, porque, pelo que tenho podido averiguar, Você, no fim de contas, não tem dinheiro nenhum. Vá-se embora, e, quando lá na sua terra lhe retribuïrem melhor o seu grande merito, mande-me então uma duzia de garrafas de vinho do Porto, em lembrança da satisfação e da honra que eu tive em o conhecer.

A proposito do procedimento d'este medico, não posso deixar de referir em breve parenthese, que, consultando eu mesmo em Paris o dr. Calvo, este

me disse no fim da consulta, que eu lhe devia de 15 a 30 francos, segundo as minhas posses. Abrindo o meu *porte-monnaie*, e procurando estabelecer razões em que me fundava para pagar o minimo, comecei um discurso dizendo:

— Sendo jornalista no meu paiz. . .

Mas a estas primeiras palavras o sr. Calvo apressou-se a interromper-me, dizendo:

— Oh! n'esse caso são 3 francos.

Se elle me tivesse dado tempo de lhe dizer que era Portugal o paiz em que eu jornalrava, em vez de me pedir 3 francos, é provavel que o sr. Calvo tivesse procurado metter-me na mão uma peça de cem *sous*.

Se estas linhas tiverem a fortuna de chegar um dia aos olhos da faculdade franceza, que os illustres clinicos que a compõem recebam d'este modo por mim, pelo meu glorioso amigo, e em geral pela litteratura portugueza em tratamento em Paris, a expressão de sentimentos agradecidos.

Em Roma, o cardeal Antonelli convidou o redactor da *Revolução* para um jantar de etiqueta, em companhia dos principaes membros da côrte de Pio IX e da diplomacia estrangeira. Sampaio explicou que, viajando em segunda classe como um paizagista principiante, ou como um apprendiz de archeologo, não tinha uniforme nem tinha casaca para se render a um tão obsequioso e obrigativo convite. Mas o cardeal

insistiu em o ter a jantar, ainda que vestido de viagem, e assim é que Sampaio foi recebido no palacio Antonelli, um dos mais faustosos do mundo, abotoado dentro de um grande casaco de baetão alvadio, — igual a um que teve Alexandre Herculano e a outro que teve o poeta Faustino Xavier de Novaes, o qual fôra o descobridor da fazenda, em pechincha, n'um mercador em liquidação na rua dos Fanqueiros. Como unica joia de *toilette*, o escriptor portuguez levava apenas no bolso uma preciosa edição diamante das satiras de Horacio, que elle costumava ir lêr ás tardes no Capitolio.

E' cedo de mais para que eu possa publicar as razões que levaram Sampaio a essa romagem á sede do catholicismo. Estão vivas as pessoas cujos nomes inviolaveis se acham ligados á historia d'esse facto, e eu não estou, pela idade em que me acho, destinado a sobreviver-lhes, afim de a poder contar um dia.

E, de mais, não haverá já n'estas linhas indiscrições excessivas sobre a vida intima de um homem que eu sinceramente amei? Por mim, entendo que não; mas temo que os outros não comprehendam pela mesma forma a minha maneira de honrar uma memoria, que me é sagrada.

Trata se de um character de homem, o mais attraente, o mais sympathico, o mais humano que eu

tenho conhecido. Para que me havia de pôr a fazer phrases sobre a minha propria commoção, a qual de resto eu não conseguiria jámais, pelos effeitos rhetoricos, transmittir a quem me lêsse? Em vez de lhes expôr por meio de divagações psychologicas, o effeito que elle me produziu, eu prefiro simplesmente *mostral-o*, sem reservas, sem restricções, tal qual o vi, no meio da rua ou no seu quarto, em passeio, em viagem, ao trabalho, ao jôgo, á mesa. Porque foi assim exactamente, e não immovel, apumado, engravatado e penteado para o caso, dentro da moldura da legenda, do sermão apologetico, do elogio academico, ou da commemoração necrologica, que eu o conheci, adoravel camarada dos dias mais descuidados e mais alegres da minha vida de escriptor e de rapaz.

Interrompi este artigo para ir a Lisboa assistir ao enterro d'esse amigo.

Vi o seu longo esquife de mogno polido sobre a eça alterosa de velludo, no meio das grandes pompas de um funeral de apparatus. No côro a orchestra acompanhava a missa de *requiem* a grande instrumental. Um tenor de cartello, que ganhou bem ganho o dinheiro que lhe deram para isso, garganteou com os trilos mais difficultosos o latim do *offertorio* ou do que quer que é.

Em volta do ataúde estavam os archeiros da casa

real um pouco aborrecidos, posto que resignados segundo me pareceu, coçando as orelhas ou mettendo os dedos no nariz.

Por detraz dos archeiros, duas filas parallelas de porta-machados dormitavam solemnes, debruçados sobre os aventaes de camurça, dentro das luvas de canhão e das barbas do grande uniforme.

Ao longo do tempo empunhavam tochas os altos funcionarios da nação, os representantes do rei e da rainha, as deputações das duas casas do parlamento, o ministerio, os membros do conselho de Estado, do supremo tribunal de justiça e do tribunal de contas, os generaes do exercito, os officiaes da real armada, a camara municipal, etc.

Um coche da casa real, a tres parelhas de mulas, conduziu o feretro da porta da igreja até a porta do cemiterio.

Da eça ao coche e da porta do cemiterio ao tumulo, os archeiros seguravam as azas do caixão. Personagens condecorados desde as claviculas até o baixo-ventre pegaram ás borlas.

Os regimentos da guarnição de Lisboa faziam a guarda de honra. Familias particulares, curiosas de bons enterros, e compostas de mulheres feias, intersachando-se na multidão dos uniformes e das casas pretas, punham na imponencia official do acto o bandalhismo das *toilettes* pelintras e dos narizes

mettediços, enquanto padres de sobrepeliz, pachydermicos e carrancudos, com as mãos encruzadas nos abdomens, ululavam o cantochão dos responsos em roncões cavernosos e tympanicos.

Dizia-se que um d'esses clerigos exigira da familia do morto 1307000 réis para acompanhar o cadaver desde Cintra até Lisboa; e accrescentava-se que o sr. Fontes Pereira de Mello tivera de pagar essa quantia para que o defuncto, fallecido no gremio da egreja catholica, apostolica romana, não fôsse trazido como um cão da parochia d'aquelle sacerdote para a freguezia do domicilio do morto.

Aproveito este ensejo para declarar, como derradeira expressão da minha vontade sobre este ponto, que, se houver de morrer fora da freguezia em que tenham de enterrar-me, é precisamente *como um cão* que eu desejo que me conduzam. Não quero sobrecarregar a geração que me sobreviva com o encargo penoso de pagar por um só padre o preço por que se compra uma parelha de machos. Dois muarres sósinhos puxam mais, trazem-me mais depressa, e talvez que se possam tirar por menos.

E assim foi que se celebrou a consagração funebre de Antonio Rodrigues Sampaio, conselheiro, ministro de Estado honorario, ex-presidente do conselho de ministros, conselheiro do tribunal de contas, deputado da nação, par do reino, catholico apostolico

romano, monarchista liberal e conservador, amigo da dynastia reinante e defensor das instituições vigentes.

Resta-me ainda, por minha parte, o acabar de apresentar-lhes o artista, o homem de letras, o bohemio, o revolucionario, o irregular, de quem eu fui o discipulo reverente e o amigo dedicado.

Não! A eloquencia official, de gualdrapa luctuosa e de pennacho preto na cabeçada funeraria, pode fazer quantas cortezias quizer no cerimonial com que transporta o nome de Antonio Rodrigues Sampaio do logar que elle teve no mundo para aquelle que lhe compete na historia. A verdade é que os grandes e immortaes titulos d'este finado illustre á gratidão e á saudade dos seus concidadãos, são os que lhe assistem como dissidente, não como collaborador da obra politica em que tomou parte.

É como atrevido demolidor, vagabundo e solitario, que elle é grande. Como força dirigente da sociedade, rendida mollemente á ineptia mansa dos partidos politicos que ha trinta annos nos governam, a acção de Sampaio perde-se diluida na banalidade geral que a absorveu, e cessa de marcar vestigio na obra intellectual do seu tempo.

Os seus pequenos adversarios na intriga do parlamentarismo comprehendiam bem onde estava a parte viva da sua poderosa influencia e foi constan-

141

temente pela obra do seu passado como escriptor em revolta que elles procuraram demolil-o.

Quando pela primeira vez elle se apresentou ás camaras como ministro dos negocios do reino as accusações que de toda a opposição cahiram sobre a sua cabeça tinham por base os violentos ataques que elle dirigira como jornalista ao principio da auctoridade despotica, ao impudor do favoritismo, á corrupção do suffragio, ás trapaças do parlamentarismo, ás cumplicidades da realeza nos erros e nos crimes dos dictadores, a todas as restricções em fim impostas, pela lei vigente, pelo poder constituido, pelo governo abastardado, a todas as liberdades que são o thesouro inviolavel do povo, a garantia da dignidade civil, o penhor do progresso social, — a liberdade de pensar, a liberdade de amar, a liberdade de escrever e de imprimir, a liberdade de votar, a liberdade de querer.

As allusões ás doutrinas subversivas do *Espectro* repetiam se com insistencia a cada discurso dos deputados opposicionistas. Sampaio, inteiramente impassivel, ouviu calado durante duas ou tres semanas quanto lhe quizeram dizer sobre esse ponto; até que um dia, pedindo a palavra, proferiu o seguinte discurso conciso e memoravel:

«Sr. presidente, ha bastantes dias que sou n'esta casa objecto de reiteradas accusações fundadas em

artigos que escrevi no *Espectro*. Ao que tenho podido vêr, entre os individuos que falam d'esse periodico não ha um só que o conheça.»

E, em seguida, tomando da algibeira uma chave e abrindo a carteira, tirou um volume encadernado, que mostrou, accrescentando:

— «Aqui está o bicho! Vou mandal-o para a mesa. Se, depois de o ter examinado, a camara entender que ha alguma especie de incompatibilidade entre as idéas que ahi se acham expostas e a minha presença nos conselhos da corôa, eu retiro-me, porque prefiro a honra de ter escripto esse livro á gloria de estar sentado n'esta cadeira.»

N'estas breves palavras está resumida toda a opinião de Sampaio a respeito de si mesmo, e essa opinião é verdadeira.

Artista do mais raro e mais extraordinario vigor, Sampaio era pela profunda doçura da sua indole um submisso á vontade dos seus camaradas e dos seus amigos. No governo elle insistiu sempre em considerar-se um subalterno, assim como na sciencia Littré não quiz nunca passar de um discipulo.

Manietado pelas ligações da amizade, pelas solidariedades do governo e pela disciplina partidaria, elle foi sempre como politico mais um instrumento passivo da collectividade do que um agente iniciador do progresso, contentando-se em manter na or-

dem administrativa e na direcção dos negocios a maxima porção de liberdade e de justiça compativel com as instituições que se achava encarregado de servir.

Para poder governar no seu ponto de visto pessoal, essencialmente democratico, faltava-lhe a dose precisa de charlatanismo com que se deslumbram as massas, o espirito de bravata, a fraude e a mentira com que se conciliam e se fazem manobrar as ambições dos corrilhos, o manejo superior da intriga, e, finalmente, a emphase do commando.

A sua natureza intellectual, de escriptor e de artista, era demasiadamente fina e demasiadamente delicada para se poder submeter sem uma repugnancia invencivel ás hypocrisias grosseiras e aos sacrificios de espirito e de bom gôsto adstrictos á profissão de governante.

Só os pequenos escriptores é que dão em geral os grandes estadistas. São os *ratés* da arte que constituem os eleitos da politica. Os escriptores de raça, ainda os que mais decisiva influencia exercem sobre as idéas politicas do seu tempo, como Diderot, como Michelet, como A. Comte, como Proudhon, como Littré, nunca governam fora da esphera puramente especulativa da philosophia e da arte. Sampaio obedeceu a essa regra geral, porque n'elle a propensão litteraria, assim como em Garrett, dominava tudo o mais.

Como jornalista Sampaio tem sido frequentemente comparado a Emilio Girardin. Este paralelo não me parece justo. Girardin tinha no mais subido grau o talento de fazer um jornal politico, assim como Villemessant tinha o de organizar um jornal litterario. Girardin era um *bacleur* de empresas jornalisticas, tinha uma grande sagacidade critica, e um extraordinario poder de argumentação; era um rábula de genio. Sampaio era mais propriamente um homem de letras, e entre os jornalistas francezes aquelle que mais se parece com elle, nos meios de excução, é Luiz Veuillot.

O redactor da *Revolução de Setembro* era um litterato de primeira ordem. Tinha a religião da forma, um consideravel poder de estylo e uma lingua cuidadosamente trabalhada, correctissima, de uma grande nitidez de detalhe e do mais genuino sabor vernaculo.

A critica litteraria portugueza, occupando-se pouco do estudo das formas artisticas fora das circumscripções do drama, do romance e do poema, tem deixado demasiadamente no escuro os merecimentos de Sampaio como cultor das letras nacionaes. Só por esse descaso da critica e pela profunda ignorancia das cousas litterarias caracteristica do mundo politico onde Sampaio era mais particularmente lido, se explica que o seu nome não figure na celebridade

ao lado dos eminentes escriptores da sua geração, Garrett, Herculano e Castilho, os quaes escreveram cousas mais interessantes no ponto de vista da alta psychologia, mas não litterariamente mais bem feitas do que os simples artigos de fundo de Sampaio na *Revolução de Setembro*.

Muitos d'esses artigos são verdadeiramente monumentaes, e ficarão como modêlos do genero na historia da litteratura portugueza. O espirito litterario de Sampaio era inteiramente peninsular e portuguez de lei como a lingua que escrevia. Não tinha a graça delicada e subtil, a ironia franceza, nem o *humour* germanico. Nos seus processos de diatribe olhava de alto com uma sobranceria de athleta para o seu adversario, e cahia sobre elle em linha recta. Umaz vezes despia-o de um arranco, punha-lhe o ferrete em braza em cima da pelle, e deixava fumegar a carne mordida e tisonada, por espaço de duas columnas. Outras vezes levantava o ao ar pelas orelhas, especava-o em dois solidos argumentos, e descarnava-lhe as nadegas a golpes de plebeismos verberantes intermeados de alegres estribilhos de farça e de ritornellos de opera buffa. Era uma cousa phantastica e terrivel, apalhaçada e tragica, profundamente viva e commovente, verdadeira obra de arte emfim. N'outras occasiões assumia o tom grave e prophetico da justiça, e sabia pôr na voz o rugir da

revolução, o echo da ira popular assomando ao longe ameaçadora e armada.

O seu admiravel poder de execução tornava o seu estylo mais forte do que a sua indignação. O exercicio da escripta desempeçonhava-o. De todo o seu rancor fazia tinta, e jámais houve odio que lhe subisse do bico da penna para dentro. Esse terrivel artista de execuções capitaes tinha a alma candida e crystallina de uma virgem inviolavel. Depois do seu artigo feito, de toda a colera derramada na pagina, de toda a furia posta no papel, restava apenas n'elle um coração compadecido de mulher terna, determinado a todos os perdões de offensa recebida, e um braço de Hercules prompto para todas as consequencias da affronta feita.

No dia em que Sant'Anna de Vasconcellos, adversario perigosissimo e do valor mais comprovado, o provocou a um duello de morte, as testemunhas de Sampaio encarregadas de o acompanhar ao terreno foram encontral-o, de madrugada, sentado á mesa, de guardanapo amarrado ao pescoço, em frente de uma enorme chavena de café com leite e de um prato de pão com manteiga. Apparentemente era a tranquillidade mesma, mas quando os seus amigos o interrogaram ácerca das suas disposições de espirito, mostrou-se um pouco preocupado.

— Como vou hoje disparar uma pistola pela pri-

meira vez na minha vida, — disse elle — estou a reccar uma cousa: é que mato o Sant'Anna.

A sua impassibilidade absoluta perante o perigo, reunida á sua musculatura athletica, dava-lhe no terreno a quinze passos do fogo, a firmeza inabalavel de um marmore, e foi quasi miraculosamente que Sant'Anna salvou a vida d'esse encontro.

Na ultima phase da sua carreira, como politico conservador, como personagem official e dirigente, Sampaio foi muitas vezes accusado de subserviencia e de servilismo palaciano. Nenhuma suspeita mais infundada que esta. Elle accetava as convivencias de paço como uma das fatalidades da posição em que se achava collocado pelas exigencias politicas do partido a que se alliára e que julgou dever defender até ao seu ultimo dia por um sentimento de fidelidade que o seu character exaggerava até a superstição.

Enfileirou-se docilmente na bicha dos aulicos, e foi pela primeira vez ao beija-mão, exactamente como teria ido para a revolução e para as barricadas: porque assim o tinham resolvido os seus camaradas e os seus amigos.

De resto, os prestigios da cõrte nunca o deslumbraram, e ninguem os julgou nunca nem com mais imparcialidade, nem com mais elevação.

—A doutrina liberal—dizia-me elle um dia—é perfeitamente conciliavel com as formulas de uma

monarchia representativa; os democratas é que em geral não resistem, desgraçadamente, aos contactos da realeza. A aproximação dos thronos embrandece a altivez.

A esse tempo achava-se em Lisboa, como ministro plenipotenciario e representante de uma poderosa republica, um diplomata que era precisamente o espinhaço mais dobradiço e o mais mesureiro de todos os que concorriam com a nobreza e com o corpo diplomatico ás recepções da côrte. Referindo-se a esse personagem, Sampaio contava:

— Emquanto se espera pela familia real na sala do throno, aquelle diabo enche-me de inveja! Enviado da mais poderosa talvez de todas as potencias que ahi se fazem representar, esse amigo regala-se de ser superior. Sem cruces ao pescoço, sem galão nas calças, sem fita ao tiracolo, de simples casaca de casimira lisa, com um chapéo de pasta debaixo do braço, parece o unico dono da casa no meio dos creados de libré que elle tivesse mandado vestir para lhe servirem á mesa. Nunca a *albarda das bolotas* me pesa tanto como quando olho vexado para a simplicidade deliciosa e sarcastica d'aquelle invejavel plebeu.

Logo porém que a familia real apparecia, o diplomata a que me refiro tomava o aspecto de um cortezão de cêra, que uma repentina elevação de

temperatura começasse a dobrar e a derreter. Nunca mais desfitava os olhos do rei e da rainha para aquiescer pressuroso a todas as diferentes expressões que tomassem os reaes semblantes, sorrindo de um sorriso babôso e espriado até ás orelhas se os principes se mostravam sorridentes, fazendo bico e tornando se compungido e lacrimoso se os principes pareciam tristosos. Á cantata dos osculos, na scena das mesuras, o dorso do ministro democrata parecia o mais elastico de toda a assistencia, tomando as ondulações compungentes de um humilde dromedario posto de pé sobre as patas trazeiras.

Sampaio ponderava-o contristadamente, e acabava por confessar que o throno era um escolho para o aprumo da dignidade plebeia. E, alludindo ao personagem a que me refiro, Sampaio, que gostava muito de citar Offenbach, dizia:

— Tivesse elle na sua terra um Bobeche no logar da republica que tem, e havia de se vêr, em vez do cidadão que é, o bello principe Oscar que elle dava!

Cito este factó, não obstante o seu character particular, quasi confidencial, porque elle resume perfeitamente toda a philosophia politica de que a obra de Sampaio é o productó.

No estado de dissolução em que se acha em Portugal o regimen parlamentar, os homens de espirito não têm senão dois papeis que escolher na scena

politica: ou o desfrute pelo cynismo raciocinado, ou o protesto pela abstenção convicta. Sampaio foi dos poucos verdadeiramente superiores que tomaram a serio a sua posição official; porque, como politico, elle acreditava na influencia fecunda que a simples liberdade pode exercer no progresso; e ninguem mais do que elle servia a liberdade, mantendo a na maxima plenitude que dentro da esphera da administração vigente ella podia attingir. Como escriptor eminente, elle sabia elevar a questão mais mesquinha á nobre categoria de um interesse litterario, convertendo para seu uso na controversia jornalistica as miseras intrigas revôltas do constitucionalismo em nitidas obras de arte puras e resplandecentes.

Não faltarão pares do reino, nem ministros de Estado, nem conselheiros do tribunal de contas que substituam Sampaio, e debaixo de cujo influxo a ratificação das leis, os negocios administrativos, e a sanção da contabilidade publica continuem a correr tão mal como até aqui. É na ordem propriamente intellectual, na ordem transcendente da litteratura e da arte, que a morte de Sampaio deixa um enorme vácuo na sociedade portugueza, porque com elle desaparece a força nobilitadora de um grande talento litterario, a honestidade de uma convicção, e o exemplo vivo do desinteresse mais per-

feito, da abnegação mais absoluta, e da mais generosa e alegre bondade a que pode chegar um caracter.

Emquanto Antonio Rodrigues Sampaio foi vivo, não pude nunca testemunhar publicamente a admiração que os seus merecimentos me inspiravam. Dada a influencia que elle jámais cessou de ter, quer como governo, quer como opposição, na distribuição dos galardões officiaes, a galeria confundiria facilmente as minhas opiniões de critico com as minhas ambições de candidato a empregado publico. É esta a primeira oportunidade que se me offerece de dizer a respeito d'elle tudo o que sinto como escriptor, sem receio de que se cuide que por esse facto elle tenha de me fazer despachar para alguma parte como escrevente.

XXII

ORTEGO E ANDRÉ GILL

Outubro 1881.

Semana aziaga, semana funesta á ironia, aquella que acaba de passar! Dois dos primeiros mestres da satira moderna — o caricaturista André Gill, em França, e o caricaturista Ortego, em Hispanha, caem, um depois do outro, no intervallo de poucos dias, fulminados pela catastrophe. Gill está doido. Ortego morreu. Estas duas gargalhadas emmudecidas fazem um silencio tragico.

Ortego morreu de miseria. Gill endoideceu de desanimo e de tristeza. E, não obstante, esses dois artistas tiveram na arte um importante papel, cuja influencia social ficará na historia do nosso tempo.

Não eram simples *virtuosi* do desenho, executando nas revistas illustradas cavatinas a dois lapis para recreio da burguezia enfastiada. Nas mãos d'el-

les a caricatura tornou-se um instrumento de combate, assumindo na controversia politica a importancia de um dos mais poderosos elementos da propaganda jornalística.

A funcção social da caricatura nas democracias modernas é a destruição das idolatrias, tão perigosas para a liberdade.

Michelet demonstra admiravelmente na historia das origens dos Bonapartes, que o advento do despotismo napoleónico subsequente á revolução franceza tem por explicação que a França perdera sob o dominio do Terror a faculdade do riso. O segundo imperio comprehendeu-o bem, fazendo sempre entrar nos elementos da sua politica litteraria a corrupção da risada, a adhesão venal da chacota.

Hoje em dia, apesar de toda a enorme popularidade de Gambetta entre as classes mais ricas e mais poderosas da França, uma dictadura gambettina seria insustentavel. As farças da critica, as mordeduras inclementes da satira têm tornado Gambetta demasiado irrisorio para que elle possa jámais vir a ser um tyranno. A caricatura apoderou-se d'elle a tempo opportuno, e deu-lhe no nariz os piparotes precisos para destruir na sua effigie a curva imponente de um perfil cesareo.

André Gill e Ortego, tornando a caricatura politica e atacando directamente pela *charge* as grandes

personalidades dominantes, foram os primeiros a comprehender e a firmar pelo seu exemplo a missão democratica da satira pelo desenho humeristico.

A espiituosa irreverencia do lapis de Ortego e de Gill contribuiram tanto como meio seculo de propaganda philosophica para destruir no espirito do povo em França e em Hispanha a tradicional veneração fetichista da legenda monarchica n'aquelles dois paizes.

A obra demolidora do Ortego está registada nas paginas de *La Menestra*, de *La Creatura* e de *Gil Blas*; a de Gil na *Lune*, na *Petite Lune*, na *Lune Rousse* e na *Parodie*. N'estas paginas, muitas das quaes estão esquecidas hoje, mas cuja impressão ficou como um vinco indelevel no sentimento publico, se pode estudar a acção do riso na queda dos thronos de Izabel e de Luiz Napoleão, na abdicação de Amadeu, e na derrota parlamentar de Mac-Mahon no conflicto de 16 de maio.

A loucura de Gill entra na série da epidemia mental de que tantos escriptores e tantos artistas têm sido ultimamente victimas em França. Baudelaire, Charles Bataille, Guyot Montpeyroux, Coedès, acabaram, como Gill, pela demencia ou pela paralysisa cerebral.

Quando eu considero o trabalho enorme da intelligencia moderna, o que me assombra mais não é

que augmente tanto em cada anno o numero dos loucos: é que haja ainda alguma gente com juizo.

Porque é verdadeiramente inconcebivel que um pobre cerebro humano, feito pela natureza, como o figado, como o coração e como o estomago, unicamente para satisfazer as necessidades da vida animal, possa resistir aos tratos sobrehumanos a que o submettem a nossa educação e a nossa vida intellectual.

Presentemente as nossas necessidades de espirito obrigam a saber um pouco tudo. E o caso é que se sabe. Ao sahir da Eschola Polytechnica ou da Eschola de Medicina, um rapaz de vinte a vinte e cinco annos tem hoje mais idéas na cabeça do que tinha ao cabo de sua vida o mesmo Cousin, o *grande Cousin*, como se dizia em 1845.

A massa enorme dos conhecimentos de toda a especie exigidos para a lucta cerebral na concorrência moderna adquire-se anarchicamente, tumultuariamente, mas incessantemente, por mergulhos successivos em que o ar falta, mergulhos picados de cabeça a baixo para dentro de todos os problemas. Não ha tempo para ler as grandes obras pausadas, tranquillias, de uma convivência tão saudavel para a hygiene do espirito. O velho rato de bibliotheca, enfronhado por mezes consecutivos nas grandes paginas amarelladas e mofentas de um pacificador in-fo-

lio, esse antigo leitor persistente e pacato, aconchegadinho á tarefa, sentado á mesa sob um capote de cabeções cruzado nos joelhos, com as orelhas atabafadas no barretinho de seda, os pés no alcofão, acantoadado no vão confortavel da janella, onde uma boa môsca gorda e azul, zumbe voejando e dando turras nos vidros, — esse feliz typo invejavel, do academico, do grammatico, do theologo, do sabio antigo, está-se tornando cada vez mais raro.

Os livros volumosos consultam-se apenas em passagens determinadas, folheados á pressa. Lê-se de pé, rapidamente, procurando absorver com frenesi em grandes boccados, como nos restaurantes dos caminhos de ferro, ao bufete, a tempo fixo, nos dez minutos de paragem que dá a trem, para almoçar.

Lêem-se as revistas, todas as revistas possiveis, de philosophia, de litteratura, de historia, de politica. Lêem-se as monographias breves, precisas, sem divagações, sem preambulos, atacando directamente o facto e golpeando o rente e círceo. Lêem-se as condensações de todas as doutrinas, de todos os systems, os resumos de todas as theorias, os *comptes-rendus* de todas as hypotheses, os manuaes de algibeira de todas as sciencias e de todas as artes.

Precisamos de conhecer ao mesmo tempo tudo: os phenomenos do systema nervoso e os phenomenos da terra, da atmospheria e do mar; os factos

cosmicos e os factos sociaes: a evolução da materia e a evolução do espirito; como circula a seiva, como circula o sangue, e como circulam as idéas; como se fazem os imperios e como se fazem as obreias e os phosphoros.

Depois, não nos basta estudar na leitura; queremos vêr. Temos a febre de todas as curiosidades, boas e más, válidas e morbidas; uma avidez insaciavel de espectaculos novos, de novas commoções pelos aspectos da paizagem, pelas suggestões da sciencia e da arte, pelas vibrações dos nervos, nas viagens, nos museus, nos laboratorios, nas fabricas, nas enfermarias dos hospitaes e nos gabinetes reservados dos cafés.

Os artistas deixaram de ser sustentados pelos Meenas, e já não trabalham por encommenda dos principes, como nos grandes seculos chamados aureos. A obra de arte cessou pois de ser erudita, culta, convencional, aristocratica. Feita para o povo e paga pelo povo, é preciso principalmente que ella seja humana e viva, forte e vibrante, que ella actue, como uma simples força da natureza, sobre o primeiro sujeito que appareça, que o segure, que o comova, que o penetre. Para isto, um enorme esforço de exame, de analyse, de inquirição da natureza, de concepção e de factura, esforço poupado á arte antiga, que tinha apenas por fim servir os ideaes aca-

demicos e lisonjear o gôsto apurado dos espiritos finos e das naturezas delicadas e subtis.

Os que escrevem não fazem já, como n'outro tempo, um nobre exercicio da palavra engenhosamente marchetada, de forma que produza o mosaico chamado eloquencia.

A cousa denominada litteratura, com os seus tres generos, o grave, o jocoso e o ameno, desapareceu d'entre as obras do espirito, para dar logar a novos productos de sciencia applicada, de sociologia concreta, de estudos anatomicos dos temperamentos, dos caracteres, das paixões, dos estados de espirito.

Os romances de hoje são verdadeiras monographias psychologicas, são problemas de determinismo, em que o ponto, tratado do vivo, tem de ser miudamente e plenamente esclarecido com todos os dados que se lhe referem. Para recolher esses dados, com a mesma precisão scientifica com que se recolhem os elementos de um diagnostico, precisasse de uma tenacidade de observação, de um esforço de coordenação e de logica, cujo exercicio extenua e esfalfa o obreiro, ainda antes de entrar no trabalho da escripta.

Escrever, escrever principalmente o romance, é a mais árdua operação de arte. O estylo é o mais perfeito, e por isso mesmo o mais difficil de todos os instrumentos destinados a reduzir o pensamento a

um signal abstracto. A pintura, a esculptura, a musica, são muito menos complicadas.

O antigo vocabulario é deficientissimo para a notação da psychologia e da impressionabilidade moderna. O seculo XIX, que é o seculo dos excitados, o seculo dos nevralgicos, para cujas irritabilidades desconhecidas de nossos paes uma nova therapeutica teve de inventar as applicações da morphina, do bromureto de potassium, do chloral e do opio, não pode ter a mesma lingua dos seculos apathicos.

Já alguém pretendeu demonstrar pelas paizagens da *Illiada* e da *Odissea*, que a retina dos gregos do cyclo homerico era inaccessivel á vibração de certas côres, sómente perceptíveis ao olho mais perfeito do homem moderno. O que não é para a evolução da vista mais talvez do que uma hypothese interessante, é uma verdade definitiva na historia das commoções moraes.

A escala dos sentimentos do homem moderno é incomparavelmente mais vasta que a do homem antigo, podendo-se dizer da nossa geração que pela susceptibilidade das faculdades affectivas e intellectuales ella está para as gerações que a precederam n'um estado nervoso de hyperstesia chronica.

A estreiteza numerica do vocabulario obriga a supprir com a mais trabalhosa combinação das palavras a falta dos termos. Para que a expressão da

phrase dê a imagem approximativa da commoção do artista, não basta que ella tenha uma significação, é preciso que se consiga dar-lhe uma determinada forma, um movimento, uma sonoridade especial, e que ella entre no cerebro por todos os conductos periphericos, pela sensação do tacto, do ouvido, da visão e do olfacto.

Sabe-se como o trabalho da escripta devora os estylistas.

Os que viram de perto o grande Balzac dizem que a cabeça lhe inchava quando escrevia, e que a allucinação da visão dramatica o envolvia como n'uma resonancia pathologica, que elle trazia no cerebro para as relações praticas da vida.

De Amicis descreve-nos no seu ultimo livro o estado medonhamente abatido em que foi encontrar Zola, depois de um anno de trabalho. No espaço de doze mezes de concentração e de gestação litteraria, elle tinha envelhecido tanto como em dez annos de vida exterior. Zola sahia do trabalho como do fundo de uma penitenciaria, — pallido, macerado, abstrahido, magro, barrigudo. Um martyr!

O pobre Julio de Goncourt morreu esmagado nos centros nervosos pela fadiga intellectual.

Daudet diz hoje em uma carta ao *Figaro*, que a confecção de *Numa Roumestan*, livro radiante da mais alegre ironia, o deixara n'uma tão profunda

prostração de tristeza, que lhe seria impossivel escrever em seguida outra obra da mesma indole.

O meu companheiro e grande amigo Eça de Queiroz escreve os seus admiraveis livros, de uma limpidez tão crystallina e de um processo tão rigorosamente methodico, no meio de verdadeiras crises de todo o seu systema nervoso, n'uma agitação sibyllina, gesticulando, bracejando, passeando no quarto, falando só, chupando cigarros que não accende, e accendendo cigarros que não fuma. Consome tanta força escrevendo um capitulo, como se dêsse muros successivos sobre um dynamometro pelo mesmo espaço de tempo. Á uma ou duas horas da noite, quando despega da escripta e sae para a rua, a face descarnada, de uma pallidez glacial, denotando uma nutrição compromettida, elle traz uma expressão physionomica de somnambulo e uma fome de lobo hibernado.

Os que jornalizam, os que são obrigados periodicamente á producção do artigo em que o assumpto do dia, qualquer que elle seja — arte, poesia, industria, religião, philosophia, moda, intriga — tem de ser tratado e discutido em vinte e quatro horas, esses têm uma tarefa ainda mais desfibrante, ainda mais dissolvente que a dos romancistas.

O artigo a fazer ha de concorrer com mais vinte, deante de um leitor que tem apenas tempo para lêr

d'esses vinte metade de um. Para obter a preferencia do publico no concurso brutal do jornalismo contemporaneo, é preciso dispôr da força magnetica da fascinação, determinada por um grande conjunto de poderes em movimento.

É preciso, primeiro que tudo, ter razão, porque o publico odeia os facciosos e despreza-os. É preciso, depois, ter graça, porque o publico quer rir, e para que se dê por satisfeito exige o imprevisito da extravagancia e ao mesmo tempo a sequencia da logica. Convém pois ter uma philosophia e saber imitar as vozes de alguns animaes; estar habilitado a fazer um systema do universo e a cantar de gallo; trazer comsigo um methodo scientifico, e, podendo ser, trazer tambem um rabo; percorrer todas as varias provincias do saber humano, mas percorrel-as com as pernas para o ar, andando nas mãos, dando opiniões e dando guinchos, sabio e arlequim, sacerdote e polichinello.

No conflicto quotidiano das idéas o jornalista é obrigado a achar a verdade para escrever, e a voltar-a pelo lado do paradoxo para ser lido. Ninguem lê os jornalistas sem espirito, e os espirituosos são, como diz Zola, os forçados da alegria. Nada ha que mais profundamente entristeça do que essa preocupação constante de parecer alegre. Nada mais lugubre, no fundo, do que a situação do homem obri-

gado por officio a rir um dia sim outro não, desde as oito horas da manhã até ao meio dia, em tres tiras de manuscripto a meia libra cada tira. Até que vem uma vez em que a corda dada ao cerebro para produzir a *blague* dura um pouco mais que o tempo calculado para a escrever, e os medicos consultados prescrevem a *douche* de agua gelada para acalmar o enfermo em que a *verve* remittente tornou o caracter constante.

Em Portugal — devo dizel-o em abono da firmeza mental da confraria a que pertença — os perigos das enfermidades mentaes são menos frequentes do que se poderia prognosticar pelas fatalidades do trabalho litterario.

Os nossos escriptores em geral escrevem mais por dilettantismo do que por temperamento e como profissão. A ambição do fausto e das grandezas, que desorientou Gill, solicita-os de um modo consoladoramente moderado á cultura das lettras.

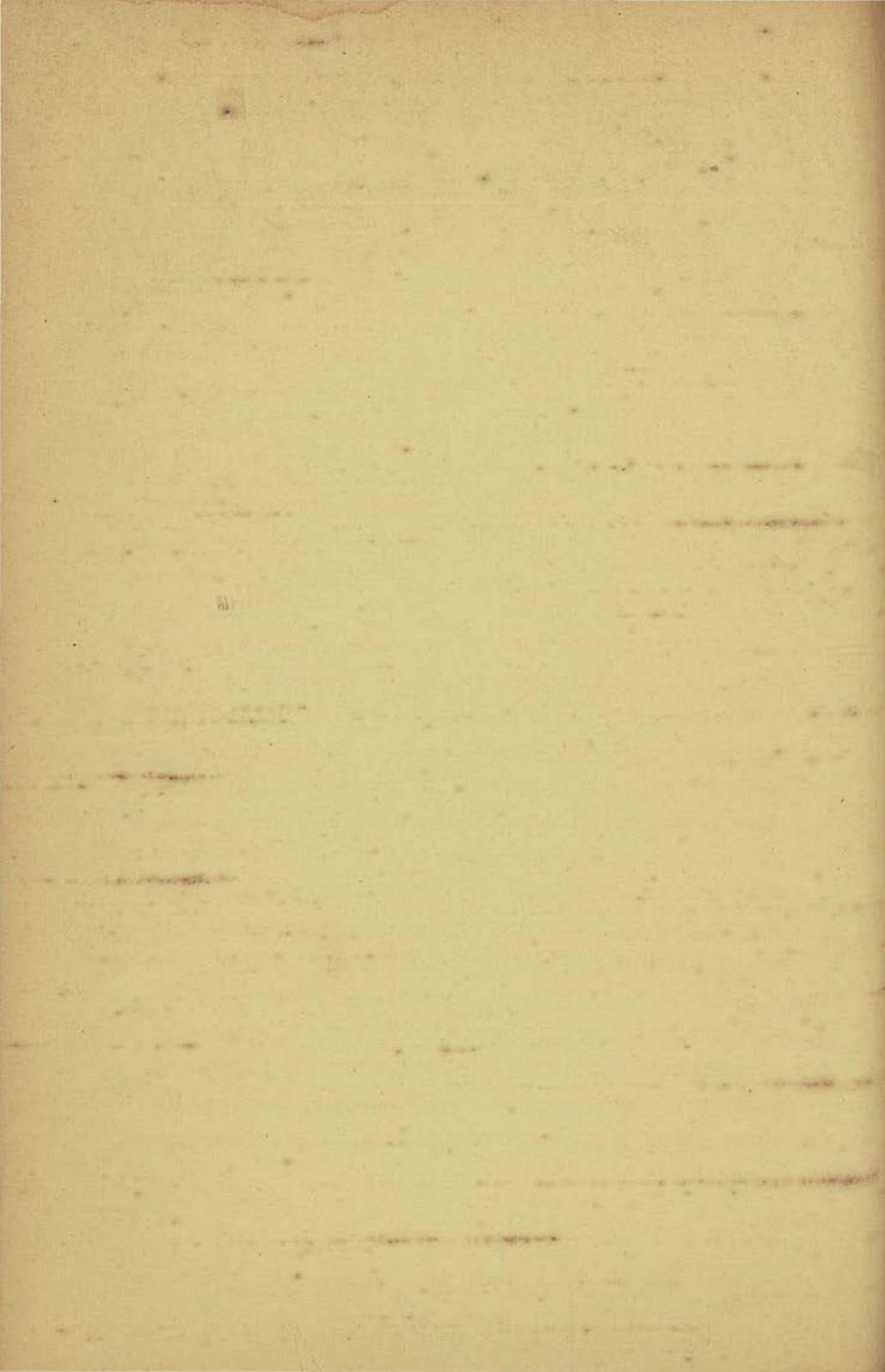
Os dez milhões de Girardin, os seis milhões de Villemessant, as bellas fortunas pecuniarias de Sardou, de Dumas, de Zola, o rico museu de arte dos Goncourts, os 5:000 francos por artigo dados pelo *New York Herald* a Rochefort, a mobilia artistica, o *coupé* de inverno, a victoria de verão, o castello nas montanhas e o *cottage* á beira mar, que são o apanagio de todo o escriptor conhecido, como re-

muneração do seu trabalho em Paris, sensibilisamos apenas como scenas de magica em mundos fabulosos e phantasticos.

O escriptor portuguez não vem á imprensa por interesse; vem por desenfado e por *chic*, na idade em que um certo desregramento da imaginação fica bem ao filho-familia inexperiente e ousado. É um tributo da mocidade, que cada um paga ao primeiro jornal que lhe fica em caminho, e em que se esvasia a bôlha de materia imprimivel que todo o mancebo dado ás amenidades da leitura acaba por crear.

Quando ao cabo de um certo espaço de tempo a bôlha não tem mais aguadilha que deitar, o escriptor desaparece, mas não porque tivesse dado em doido. No que elle dá, por via de regra, á força de irritabilidade cerebral, é em amanuense.

Cedant arma togæ. O aço das pennas cede á alpaca das mangas. E é assim que deve ser.



XXIII

O PENTIEIRO DA RUA DO ALMADA

1882.

Costumam fabricar os pentieiros lisbonenses um engenhoso instrumento composto de uma pequena mão entre-aberta, feita ordinariamente de marfim e collocada na extremidade de uma haste de madeira com cêrca de dois palmos de comprimento. Destina-se este instrumento ao uso das pessoas que desejem coçar as costas a si mesmas. Tive um dia o projecto de obsequiar uma pessoa estrangeira da minha amizade com um d'esses curiosos productos da imaginação applicada ás artes industriaes, e dirigi-me á casa de um pentieiro ao Pote das Almas.

Era uma lojinha pequena, de uma só porta, extremamente immunda e tendo o cheiro local d'aquella cousa que a cabeça dos bois fornece como materia prima á industria dos pentes

Ao fundo do antro achava-se sentado a um pequeno balcão um homem velho, magro, bilioso, de expresssão suina, armado de uns terriveis oculos de latão envenenados pelo azebre, e coberto com um grande bonnet de viseira, de uma forma rancorosa e brava. Inclinei-me deante d'este individuo e perguntei-lhe delicadamente, com a brandura acariciadora de quem deseja comprar barato, se elle queria ter a bondade de me vender uma *çoçadeira*.

— A que chama o senhor *çoçadeira*?— perguntou-me o ancião com uma voz dura e com um olhar obliquo em que transparecia todo o seu desprezo por uma pessoa que não sabe exprimir-se.

Descrevi-lhe o instrumento que desejava, acompanhando-me de todos os gestos que pudessem supprir a impropriedade das minhas expressões.

— É uma cousa assim... (tentava eu representar pondo a minha propria mão em garra perante o azebre dos seus oculos)... Pegada a uma outra cousa assim, pouco mais ou menos... (e media-lhe metade da minha bengala)... objecto destinado a raspar, se assim ousou exprimir-me, as comichões manifestadas sobre a região lombar de cada um.

— Isso são *mãozinhas*, senhor! Não são *çoçadeiras*! — disse o pentieiro com justa severidade. E, es-carrando com um pigarro auctoritario, abriu vagarosamente uma gaveta, tirou da gaveta uma velha

caixa de cartão, da caixa de cartão tirou uma *mãozinha*, que desembrulhou de um papel de seda, e me apresentou, dizendo :

— Ahi tem o que pede. Custa-lhe um quartinho.

— É de marfim? . . . perguntei examinando a *mãozinha*.

— Se é de marfim? . . . exclamou o pentieiro exaltando-se. O senhor ainda me pergunta se é de marfim? ! . . .

— Sim, tomo a liberdade de perguntar, no caso de não haver n'isto indiscreção, se é de marfim a *mãozinha*! . . .

Esperei a resposta.

O pentieiro abriu a bôcca e tomou um grande hausto de ar, como se a minha pergunta lhe tivesse dado um principio de suffocação. Em seguida começou a soprar como se quizesse encher um folle invisível antes de me dizer de que era feita a *mãozinha*. Depois mastigou em sêcco, abrindo e fechando a bôcca successivamente. Finalmente bradou :

— Parece impossivel!

E depois de ter desabotoado e tornado a abotoar com a sua mão ossuda e denegrada uma quízena côr de passa que trazia vestida, repetiu n'uma exaltação crescente e em voz cada vez mais aspera e mais exclamativa :

— Parece impossivel!

— Se sou indiscreto... — dizia-lhe eu procurando serenal-o —... Se ha por acaso um segredo de fabricação ligado á materia prima de que foi extrahida a mãozinha... Se ha outro qualquer motivo secreto... Se ha razões de familia...

— Qual familia, nem qual carapuça!. . Olhe para a fazenda! Olhe para a fazenda, se quer comprar!

Eu olhei attentamente, e este signal de deferencia pareceu apazigual-o um pouco.

— Ora muito bem! Diremos então agora que é de marfim, ou não o diremos?

Mal eu tinha concluido e já elle soprava outra vez, mas com mais força. Tornou tambem a mastigar em sêcco, mas d'esta vez com uma visagem acerba, como se tivesse na bôcca uma substancia capaz de azedar a cidade inteira se a cuspiisse para a rua. Depois do que, caminhou para mim, pegou na mãozinha pela haste, pol-a á luz, em grande evidencia, e, fazendo um esforço para se reprimir, rangeu estas palavras:

— Sempre estimaria que me dissesse de que diabo de cousa queria o senhor que se fizesse esta peça?... Queria que fôsse feita de osso talvez... Queria de osso uma peça d'estas!...

— Peço perdão... Eu não tenho especie alguma de desejo preconcebido sobre este assumpto. A unica cousa que perguntava...

— E a dar-lhe com a pergunta!

— ... era unicamente se a mãozinha é feita de marfim, ou se não é.

— Sabe que mais?!...

E como ao dizer isso elle parecia procurar enfurecido o que quer que fôsse, eu acudi:

— Estou-o molestando, bem vejo... Eu retiro-me prescindindo de adquirir um objecto cuja origem o senhor tão renitentemente envolve n'um mysterio impenetravel.

— Quer a mãozinha pelo quartinho, ou não quer?

— ululou o pentieiro com os dentes cerrados.

— Não! não a quero enquanto não souber se ella é de marfim ou se não é. O pudor inibe-me de sujeitar as minhas comichões das costas ou as comichões das costas das pessoas da minha amizade a serem coçadas pela mãozinha de um tenebroso enigma.

E sahindo para a rua ao mesmo tempo que o pentieiro voltava com a mãozinha na mão para o fundo da loja, pude ouvi-lo consagrar-me esta phrase singela mas expressiva:

— Raios te partam!

Um amigo a quem narrei o succedido tentou esforços supremos para obrigar o pentieiro á revelação que elle me escondera, ameaçando-o de lhe arrancar a secreta verdade sobre a fabricação d'esse

objecto de luxo desenfreado e de lascivia torpe por todos os meios de que dispõe a justiça e a therapeutica: pelos açoites de corda, pelas tenazes de ferro em braza, pelos causticos sobre o figado, e pelas purgas de jalapa. E a face iracunda do pentieiro empallidecera até se lhe tornar da côr do cabelo, isto é — verde!

As visitas successivas do meu amigo e de varios amigos do meu amigo seguiram-se as visitas de todos os moços de recados que se encontraram ás esquinas das ruas adjacentes. Mais de cem pessoas foram consecutivamente á loja do pentieiro perguntar-lhe de que era feita a mãozinha. Elle acabou por desaparecer do logar do costume, ao fundo da casa; e os ultimos gallegos que se lhe expediram só do meio da rua consentiam em perguntar-lhe de que eram as mãozinhas, porque o tinham descoberto emboscado a um lado da porta, sinistro e medonho, com uma tranca de ferro suspensa sobre a entrada do estabelecimento. Foi com essa tranca que elle esteve para matar um sujeito que ia desprevenidamente comprar-lhe um pente.

Passados dois annos sobre as scenas tão amargas quanto veridicas que acabo de descrever, leio agora nos jornaes que morreu nas condições mais romancescas um pentieiro do Pote das Almas. Foi olhar

para a sua loja fechada. É a do mesmo que recusa-
ra dizer-me se era de marfim a mãozinha.

A historia d'esse homem explica a antipathia profunda que o seu mau humor me inspirara. Morreu sordidamente em uma pequena casa que habitava n'um bairro barato em companhia de uma mulher, que era ao mesmo tempo a sua creada, a sua enfermeira e a sua familia. Deixou em testamento cêrca de 20:000~~7~~000 em dinheiro, que se lhe encontraram enterrados na sua antiga loja, parte em libras, parte em peças de oito mil réis, parte em moedas de prata de diversos valores. O seu unico prazer, a sua unica aspiração, o seu unico destino foi encartuchar dinheiro e escondel-o em saccos, em cestos, em caçarolas velhas. Nunca a vida lhe sorriu por outros aspectos. Nunca viajou, nunca leu, nunca examinou um quadro, nunca escutou um trecho de musica, nunca respirou o perfume de uma flôr. Comprehende-se o seu azedume e o seu odio á humanidade.

Elle estava banido de todos os prazeres conferidos ao espirito e ao coração da outra gente: viver, vêr viver os outros, contribuir com o seu contingente para espalhar em torno de si, na sua esphera de acção, alguma esperança, alguma bondade, algum amor, alguma alegria.

Não era para elle que cantavam os passaros, que

eram macios os musgos, que as arvores faziam sombra, que os artistas faziam arte, e que as crianças riam nos berços em camisa, levantando para o ar em pernadas jubilosas os seus pequenos pés da côr da aurora.

A existencia é na mocidade, como diz Sainte Beuve uma navegação costeira, em que se vae indo de porto em porto, de praia em praia, vendo o movimento humano nos seus diversos aspectos, na sua confusão de vozes e de tintas, — turbilhão radioso em que uns trabalham, outros padecem, outros amam, outros choram, outros riem. Depois, quando a velhice chega, a vida é como a navegação no alto mar. Não se vê senão agua e céu na monotonia immensa. O espectaculo da terra foi-se a pouco e pouco distanciando até se perder de todo com os seus ruidos, com os seus relêvos de forma, com as suas scintillações de côr, com as suas baforadas de vida. E o navegante principia então a viver das recordações do que viu, dôces recordações serenas, saudosas, penetradas de um certo encanto como o da calma-ria nos brancos silencios do luar.

N'essa navegação da existencia o meu pentieiro viajou voluntariamente encarcerado no fundo do porão. Nunca subiu ao convéz. Se alguma vez pela escotilha aberta lhe chegou lá abaixo um raio de luz, doeram-lhe os olhos e elle cobriu a cabeça.

Deixou duas herdeiras: uma é a mulher com quem vivia, a outra é sua filha.

Onde vivia a filha? Elle mesmo não o sabia ao certo. Suppunha a creada de servir em alguma casa da provincia. Elle engeitara-a ao nascer. Tinha-a deitado á roda!

Avaro estúpido! aferrolhava o dinheiro por um lado, e por outro lado atirava a felicidade á rua, atirava fora, tendo-a tido na mão, a fortuna immensa de envelhecer com uma filha ao seu lado!

Incomparavel desgraça! Ter uma filha, e não ter o prazer de ir passar o serão com ella, vendo-a trabalhar á luz do candieiro, com a cabeça inclinada sobre a costura, ouvindo-a discorrer, examinando-a do fundo da cadeira de braços, com os pés ao lume e o queixo apoiado nas mãos sobrepostas no castão da bengala! Ter uma filha, e não a passear pelo braço, nas tardes de verão, por baixo das arvores, levando-a vestida de linho fresco, com um chapéo de palha e um ramo de rosas mettido no seio! Ter uma filha, e não a ouvir cantar na casa, ao abrir as janelas, nas manhãs da primavera! Ter uma filha e não reviver na sua alma pela communição das idéas e dos sentimentos! Ter uma filha, e não conversar com ella do mesmo sofá, no fundo da mesma carruagem, na mesma diligencia, na curta e encantadora camaradagem em que tão bem se entendem os que em

edades muito oppostas se encontram no mesmo ponto da vida, uns porque chegaram ha pouco, outros porque vão partir em breve! Ter uma filha, e não sentir nunca em volta do pescoço o dôce jugo dos seus braços, não sentir nunca sobre o hombro o calor da sua mão, não sentir nunca junto das faces que se enrugam e dos cabellos que embranquecem a sua respiração fresca e a sua fronte juvenil!

Pobre pentieiro! descança em paz na morte, tão imperturbavelmente como descançou na vida o teu dinheiro! E tão leve te seja a terra quão leve lhe foi a ella o peso do teu prestimo!

O teu infortunio é antipathico: por isso me não pica muito o remorso do pequeno desgôsto que te dei. Mas, apesar de antipathico, o teu infortunio é profundo: por isso me pesa a lembrança de que te fui desagradavel, em primeiro logar parecendo duvidar que a tua *mãozinha* fosse de marfim, em segundo logar, e principalmente, não te dando por ella o quartinho em que tu a reputavas... Sempre eram mais esses tantos réis que te coalhavam no sacco!

Emquanto ao quartinho, se a tua memoria precisasse d'elle para o que quer que fôsse — por mais inverosimil que te pareça este rasgo de magnificencia, — podes crer que lh'o dava, não do meu proprio sacco, porque é cousa que não tenho, mas aqui da

algibeira do collete, que é onde eu capitaliso a fortuna. A tua memoria, porém, não precisa de dinheiro. Precitaria talvez de uma lagrima de affeição e de saudade, mas essa pequena cousa, que vem aqui ao canto do ôlho quando nós pensamos n'um ente amado que perdemos para sempre, essa pequena cousa, digo, ninguem a vende, ninguem a pode comprar, nem com o meu quartinho, nem com todo o teu dinheiro, nem com o dinheiro todo d'este mundo. Emquanto á *mãozinha*, se ainda podessemos fazer negocio, comprava-t'a, não precisamente porque sinto comichões nas costas, mas porque sinto o desejo de te dizer, aqui entre nós, que eu bem sabia que ella era de marfim. . . Tinhas razão, no fim de contas. Eu bem o sabia! Amargurei-te para me rir de ti. E confesso-o em descargo da tua memoria, para que se saiba que, se ha no mundo quem tenha muito que te perdoar, ha tambem quem alguma cousa tem de que te pedir perdão: sou eu.

INDEX DO TOMO III

Alexandre Herculano	5-18
Duque de Saldanha	19-26
Innocencio Francisco da Silva	27-36
Visconde de Castilho	37-40
Vieira de Castro.....	41-46
Silva Tullio.....	47-58
Cruz Coutinho.....	59-79
Caldas Aulete	80-90
O marquez de Sá da Bandeira	91-94
O barão de Zezere.....	95-100
O conde de Rezende.....	101-108
Jeronymo Collaço de Magalhães	109-138
Anselmo Braamcamp.....	139-148
Ernesto Chardron.....	149-154
O rei D. Fernando.....	155-178
Fontes Pereira de Mello.....	179-206
José de Alencar e Augusto Soromenho, Raspail, Courbet, Victor Manuel	207-222
O bispo de Vizeu.....	223-232
Guilherme de Azevedo.....	233-240
O visconde de Almeida Garrett.....	241-257
Antonio Rodrigues Sampaio.....	258-292
Ortego e André Gill	293-305
O penteiro da rua do Almada.....	307-317

V-21

